



Natal

História, Cultura e Turismo.



SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA
SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA

NATAL

HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO

NATAL, 2008

Natal. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Natal: história, cultura e turismo / Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. – Natal: DIPE – SEMURB, 2008.

200f. : il. ; 30cm.

1. Natal (RN) – Aspectos Culturais. 2. Natal (RN) – Aspectos Históricos. 3. Natal (RN) – Aspectos Turísticos. 4. Natal (RN) – Aspectos Ambientais. I. Título.

CDD 981.3

PREFEITURA MUNICIPAL DO NATAL
CARLOS EDUARDO NUNES ALVES
PREFEITO

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO
ANA MÍRIAM MACHADO DA SILVA FREITAS
SECRETÁRIA

ROSANNE DE OLIVEIRA MARINHO
SECRETÁRIA ADJUNTA

CARLOS EDUARDO PEREIRA DA HORA
DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO, PESQUISA E ESTATÍSTICA

FERNANDO ANTONIO CARNEIRO DE MEDEIROS
SETOR DE PESQUISA E ESTATÍSTICA

EQUIPE TÉCNICA DE ELABORAÇÃO

COORDENADOR:

CARLOS EDUARDO PEREIRA DA HORA

FERNANDO ANTONIO CARNEIRO DE MEDEIROS

JÔSE TARGINO LOPES

LUCIANO FÁBIO DANTAS CAPISTRANO

COLABORADORES

FRANCISCO CARLOS OLIVEIRA DE SOUSA

PAULO VENTURELE DE PAIVA CASTRO

ESTAGIÁRIOS

ALEXSANDRO AMÉRICO RODRIGUES

ANA CLÉZIA SIMPLÍCIO DE MORAIS

DIANA SILVA DE MOURA

FERNANDO LUIZ LIMA DE SOUZA

HUDSON RODRIGO DE FREITAS CARVALHO

JAELSON DANILO RODRIGUES DANTAS

JOSEARA LIMA DE PAULA

LÍGIA TOMAZ DA SILVA

LORENE KÁSSIA BARBOSA

MARCONE BERNARDINO DA COSTA

NEUMA PATRÍCIA DA ROCHA ALVES

ROSANE FIGUEIREDO DA ROCHA

SILVESTRE GOMES MARTINS

VICTOR HUGO DIAS DIÓGENES

APRESENTAÇÃO

A herança do nosso passado, embora ainda não devidamente valorizada, proporcionou a formação de expressivo patrimônio histórico e cultural em Natal. Contudo, só recentemente esse patrimônio começou a ser valorizado pela chamada indústria do turismo. Ao apresentar subsídios da nossa história e dos nossos bens culturais, materiais e imateriais, este trabalho pretende demonstrar que tal riqueza pode, e deve, ser melhor explorada pelo segmento econômico representado pela atividade turística.

A gênese da atual capital do Rio Grande do Norte remonta ao século XVI. Durante a União das Coroas Ibéricas (1580-1640), na qual Portugal ficou subordinado à Espanha, o rei Felipe II, por meio das Cartas Régias, determinou a concreta ocupação da Capitania do Rio Grande. Com essa finalidade, a 6 de janeiro de 1598, teve início a construção da Fortaleza dos Reis Magos e, a 25 de dezembro do ano seguinte, a fundação da cidade de Natal. Aqui, como em todo o Brasil, a colonização lusitana proporcionou a formação de uma sociedade caracterizada pela pluralidade étnica e a diversidade cultural, resultantes das contribuições indígenas, africanas e européias.

Símbolo da colonização portuguesa, a Fortaleza dos Reis Magos é, atualmente, nosso principal monumento histórico e recebe anualmente milhares de visitantes. Entretanto, o desenvolvimento da cidade ocorreu em uma área relativamente distante da Fortaleza. Segundo os historiadores, o plano elevado onde atualmente encontra-se a Praça André de Albuquerque, no centro da Cidade Alta, é o núcleo do sítio histórico urbano de Natal.

O bairro da Ribeira, adjacente a esta região, constitui outra parcela da formação histórica da capital potiguar. A partir do século XIX, este bairro foi emblemático para a evolução urbana de Natal. A Ribeira recebeu a instalação do porto, ampliou seu comércio, abrigou a sede do antigo palácio do governo, implantou o primeiro cinema e, no início do século XX, o melhor teatro da cidade. O auge do bairro ocorreu no contexto da Segunda Guerra Mundial, quando atraiu milhares de soldados, brasileiros e norte-americanos, para o seu comércio e sua agitada vida noturna.

Dessa forma, as manifestações culturais, as edificações e monumentos focalizados neste trabalho representam fragmentos deste passado. Esse patrimônio cultural de Natal, aliado à beleza de suas praias e lagoas, a suas dunas e ao sol que aqui brilha quase o ano inteiro, atraem turistas de várias partes do mundo. Também a seu favor está a constatação de que o nosso município tem um dos ares mais puros das Américas. Temos ainda como atrativos, manifestações culturais representadas na música, na dança, na culinária, no artesanato e nas festas populares, e nossa maneira de bem receber o visitante.

Com o desenvolvimento da cidade e a gradual valorização de seu patrimônio histórico e natural, o turismo se constituiu em expressiva fonte de renda para o município. A evolução dessa atividade econômica exigiu maiores investimentos em infra-estrutura e prestação de serviços de qualidade aos turistas que nos visitam. Decorreu daí a criação da chamada Via Costeira, com cerca de 10 km de extensão, interligando as praias de Areia Preta e Ponta Negra. Em sua área, nas imediações do Parque das Dunas, estão instalados hotéis de alto padrão e um Centro de Convenções.

Em Natal, o turista pode apreciar a diversidade de pratos típicos da culinária nordestina e potiguar. Entre eles destacam-se a carne-de-sol, servida com manteiga do sertão (manteiga da terra), feijão verde, macaxeira, farofa d'água e paçoca. Também fazem parte das nossas comidas típicas, o cuscuz, o grude de Extremoz (município da Região Metropolitana de Natal), a cocada e outras iguarias.

Em Natal, também se encontra o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte, Unidade de Conservação de Proteção Integral, inserida na Zona de Proteção Ambiental 1 (ZPA-1). Além de importante instrumento de preservação dos reservatórios de água de Natal, o Parque tem sua concepção arquitetônica assinada pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer. Além de apresentar uma rica biodiversidade, possui espaço destinado a eventos, Biblioteca, com um grande acervo, Auditório, Centro de Educação Ambiental e uma Torre, com uma estrutura de 45m de altura, onde funcionará o Memorial da Cidade.

Entre as atrações proporcionadas aos turistas estão o passeio de buggies pelas praias do litoral natalense e das cidades circunvizinhas, como nas dunas móveis de Genipabu. O banho na lagoa de Pitangui e o mergulho nos parrachos

(piscinas naturais, formada nos arrecifes da praia) de Muriú. As festas religiosas, como a de Nossa Senhora dos Navegantes e a dos Santos Reis, e as manifestações populares como o pastoril, congos de calçola, caboclinhos, bambelôs, boi calemba, fandango e a lapinha, exemplares do nosso patrimônio cultural. Além dessas atrações, temos o Carnatal; carnaval fora de época do qual participam, além da população local, grande número de turistas, nacionais e estrangeiros.

Por tudo isso, temos o prazer de apresentar, neste trabalho, uma amostragem do patrimônio histórico, cultural e turístico de Natal capaz de atender aos interesses dos nossos mais exigentes visitantes.

Ana Míriam Machado da Silva Freitas

Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Santa Cruz da Bica.....	15
Figura 02 - Praça das Mães (Antiga Square Pedro Velho).....	15
Figura 03 - Planta baixa da cidade.....	15
Figura 04 - Praia do Meio.....	25
Figura 05 - Área estuarina do rio Potengi.....	26
Figura 06 - Vegetação preservada (Parque das Dunas)	27
Figura 07 - Brasão de Armas	29
Figura 08 - Bandeira do Município do Natal	30
Figura 09 - Parque das Dunas	38
Figura 10 - Morro do Careca.....	39
Figura 11 - Parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte.....	40
Figura 12 - Antigo Escritório da Estrada de Ferro	41
Figura 13 - Centro de Turismo	42
Figura 14 - Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado - O Machadão	43
Figura 15 - Farol de Mãe Luíza	44
Figura 16 - Fortaleza dos Reis Magos	46
Figura 17 - Ginásio Humberto Nesi - O Machadinho.....	48
Figura 18 - Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes.....	49
Figura 19 - Igreja de São Pedro.....	50
Figura 20 - Marco de Touros.....	51
Figura 21 - Museu Câmara Cascudo	54
Figura 22 - Museu do Mar Onofre Lopes	54
Figura 23 - Catedral de Nossa Senhora da Apresentação	55
Figura 25 - Antiga ponte sobre o Rio Potengi	57
Figura 26 - Pórtico Monumental de Natal.....	58
Figura 28 - Prédio da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional.....	61
Figura 29 - Base Naval Almirante Ary Parreiras.....	62
Figura 30 - Teatro Municipal Sandoval Wanderley.....	63
Figura 33 - Ponte de Todos “Newton Navarro”.....	66
Figura 34 - Antigo Cemitério dos Ingleses	67
Figura 35 - Antigo Cinema Rio Grande	68
Figura 36 - Feira do Alecrim.....	69
Figura 37 - Busto do Prof. João Tibúcio.....	70
Figura 38 - Antiga Base de Hidroaviões (A Rampa).....	71

Figura 40 - Antigo Prédio do Congresso Estadual (atual sede da OAB/RN)	73
Figura 41 - Antigo Prédio da Capitania dos Portos (atual Capitania das Artes).....	74
Figura 43 - Casa da Estudante	77
Figura 44 - Casa do estudante.....	79
Figura 45 - Solar João Galvão de Medeiros (atual Centro de Documentação Eloy de Souza) ..	80
Figura 46 - Coluna Capitolina	81
Figura 47 - Coluna dos Mártires.....	82
Figura 48 - Busto do Padre João Maria.....	83
Figura 49 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação (Catedral Velha)	85
Figura 50 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	86
Figura 51 - Igreja Presbiteriana de Natal.....	87
Figura 52 - Igreja de Santo Antônio (Igreja do Galo).....	88
Figura 53 - Instituto Histórico e Geográfico do RN.....	89
Figura 54 - Memorial Câmara Cascudo	90
Figura 55 - Monumento à Câmara Cascudo	91
Figura 56 - Monumento da Independência.....	92
Figura 57 - Museu de Arte Sacra.	93
Figura 58 - Museu Café Filho - Sobradinho	94
Figura 59 - Antiga sede do Governo Estadual (atual Palácio da Cultura).....	95
Figura 60 - Palácio Felipe Camarão - Sede do Governo Municipal.....	96
Figura 61 - Pedra do Rosário.....	97
Figura 64 - Solar Bela Vista	100
Figura 65 - Pelourinho.	102
Figura 66 - Hospital Infantil Varela Santiago	103
Figura 67 - Antigo Cinema Nordeste.....	104
Figura 68 - Antiga Escola Doméstica de Natal.....	105
Figura 69 - Antiga Residência de Januário Cicco.....	107
Figura 70 - Antigo Palácio do Governo da Rua Chile.....	108
Figura 71 - Antigo Prédio do Grupo Escolar Augusto Severo.....	110
Figura 72 - Antiga Rodoviária (atual Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão).....	111
Figura 73 - Antiga Sede do BANDERN (atual PROCON)	112
Figura 75 - Antigo Canto do Mangue	114
Figura 76 - Casa onde nasceu Café Filho.....	116
Figura 77 - Centro de Treinamento e Museu Ferroviário.....	117
Figura 78 - Espaço Cultural Casa da Ribeira	118
Figura 79 - Estação da Rede Ferroviária Federal (atual CBTU).....	119
Figura 80 - Estátua de Augusto Severo	120

Figura 81 - Igreja do Bom Jesus das Dores	122
Figura 82 - Obelisco da Avenida Tavares de Lyra	123
Figura 83 - Praça Augusto Severo	124
Figura 84 - Praça José da Penha	125
Figura 85 - Prédio da Associação Comercial	127
Figura 86 - Antigo Grande Hotel	128
Figura 87 - Antiga Residência de Fortunato Aranha	129
Figura 88 - Prédio da Junta Comercial.....	130
Figura 89 - Prédio da Receita Federal	131
Figura 90 - Sobrado da Rua Chile (local onde nasceu Ferreira Itajubá)	132
Figura 91 - Teatro Alberto Maranhão	134
Figura 94 - Beco da Lama	137
Figura 95 - Rua Chile.....	138
Figura 96 - Rua Frei Miguelinho.....	140
Figura 97 - Rua Dr. Barata.....	142
Figura 98 - Avenida Tavares de Lyra	144
Figura 99 - Antiga Rua Coronel Estevam (atual Avenida Coronel Estevam)	145
Figura 100 - Praia da Redinha	146
Figura 101 - Praia do Forte	148
Figura 102 - Praia do Meio.....	149
Figura 103 - Praia dos Artistas.....	150
Figura 104 - Praia de Areia Preta.....	151
Figura 105 - Praia de Ponta Negra	153
Figura 106 e 107 - Figurino utilizado nas apresentações dos Congos de Calçola.....	154
Figura 108 - Apresentação parafolclórica dos caboclinhos	155
Figura 109 - Araruna.....	156
Figura 110 - Bambelô de São Gonçalo do Amarante.....	157
Figura 111 - Boi de Reis Mestre Manoel Marinheiro	159
Figura 112 - Pastoril	160
Figura 113 - Chico Daniel	161
Figura 114 - Artesanato e Arte Popular.....	162
Figura 115 - Gastronomia (Culinária Local)	164
Figura 116 - Praia de Jenipabu	172
Figura 117 - Praia de Pitangui	173
Figura 118 - Lagoa e Praia de Jacumã	174
Figura 119 - Praia de Graçandu.....	174
Figura 120 - Praia de Muriú	175

Figura 121 - Praia de Pirangi	176
Figura 124 - Praia de Búzios.....	177
Figura 125 - Vista aérea do Cajueiro de Pirangi (O Maior do Mundo)	178
Figura 126 - Centro de Lançamento da Barreira do Inferno (CLBI)	179
Figura 127 - Casa Grande e Engenho Verde Nasce.....	180
Figura 129 - Solar dos Antunes	182
Figura 130 - Casa Grande Guaporé (Museu Nilo Pereira)	183
Figura 131 - Casarão do Vilar	184
Figura 132 - Ruínas do Casarão dos Guarapes.....	185
Figura 133 - Solar do Caxangá	186
Figura 134 - Solar da Madalena.....	187
Figura 135 - Solar do Ferreiro Torto.....	189
Figura 138 - Igreja e Convento dos Jesuítas - Foto do início do século	192
Figura 140 - Mausoléu de Nísia Floresta	194
Figura 141 - Lagoa de Quirambu	195
Figura 142 - Antigo Ginásio Prof. Gaspar (atual Escola Estadual Prof. Gaspar)	196

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Regiões Administrativas.....	21
Mapa 02 - Aspectos Físicos.....	23
Mapa 03 - Roteiro: Natal Geral	33
Mapa 04 - Roteiro: Cidade Alta.....	34
Mapa 05 - Roteiro: Ribeira.....	35
Mapa 06 - Roteiro: Ruas de nossa história	36
Mapa 07 - Região Metropolitana de Natal.....	171

SUMÁRIO

1	UM POUCO DE HISTÓRIA.....	14
2	PERFIL DA CIDADE.....	19
2.1	LOCALIZAÇÃO - REGIÕES ADMINISTRATIVAS.....	21
2.2	VIAS DE ACESSO.....	22
2.3	DISTÂNCIAS ENTRE NATAL E AS CAPITAIS BRASILEIRAS (em Km).....	22
2.4	ASPECTOS FÍSICOS.....	23
2.5	MEIO AMBIENTE.....	24
2.5.1	Caracterização natural do Município de Natal.....	24
2.6	SÍMBOLOS NATALENSES.....	28
2.6.1	Brasão de Armas.....	29
2.6.2	A bandeira.....	29
2.6.3	Hino da cidade.....	30
3	NATAL E O TURISMO HISTÓRICO E CULTURAL.....	32
3.1	Roteiro - Natal Geral.....	33
3.2	Roteiro - Cidade Alta.....	34
3.3	Roteiro - Ribeira.....	35
3.4	Roteiro - Ruas da nossa história.....	36
4	MONUMENTOS, MUSEUS E ESPAÇOS PÚBLICOS.....	37
4.1	PARQUE DAS DUNAS.....	37
4.2	MORRO DO CARECA.....	38
4.3	PARQUE DA CIDADE DO NATAL DOM NIVALDO MONTE.....	39
4.4	ANTIGO ESCRITÓRIO DA ESTRADA DE FERRO.....	41
4.5	CENTRO DE TURISMO.....	42
4.6	ESTÁDIO JOÃO CLÁUDIO DE VASCONCELOS MACHADO - O MACHADÃO.....	43
4.7	FAROL DE MÃE LUÍZA.....	44
4.8	FORTALEZA DOS REIS MAGOS.....	45
4.9	GINÁSIO HUMBERTO NESI - O MACHADINHO.....	47
4.10	IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES.....	48
4.11	IGREJA DE SÃO PEDRO.....	49
4.12	MARCO DE TOUROS.....	51
4.13	MUSEU CÂMARA CASCUDO.....	53
4.14	MUSEU DO MAR ONOFRE LOPES.....	54
4.15	CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO.....	55
4.16	PALÁCIO DOS ESPORTES - DJALMA MARANHÃO.....	56
4.17	ANTIGA PONTE SOBRE O RIO POTENGI.....	57
4.18	PÓRTICO MONUMENTAL DE NATAL.....	58
4.19	PRAÇA CÍVICA (PRAÇA PEDRO VELHO).....	59
4.20	PRÉDIO DA DELEGACIA FISCAL DO TESOURO NACIONAL.....	60
4.21	BASE NAVAL ALMIRANTE ARY PARREIRAS.....	61
4.22	TEATRO MUNICIPAL SANDOVAL WANDERLEY.....	63
4.23	MERCADO DA REDINHA.....	64
4.24	CEMITÉRIO DO ALECRIM.....	64
4.25	PONTE DE TODOS "NEWTON NAVARRO".....	65
4.26	ANTIGO CEMITÉRIO DOS INGLESES.....	66
4.27	ANTIGO CINEMA RIO GRANDE.....	67
4.28	FEIRA DO ALECRIM.....	68
4.29	BUSTO DO PROF. JOÃO TIBÚRCIO.....	69
4.30	ANTIGA BASE DE HIDROAVIÕES (A RAMPA).....	70
4.31	ANTIGA CASA DO PADRE JOÃO MARIA (ATUAL SEDE DO IPHAN/RN).....	71
4.32	ANTIGO PRÉDIO DO CONGRESSO ESTADUAL (ATUAL SEDE DA OAB/RN).....	72
4.33	ANTIGO PRÉDIO DA CAPITANIA DOS PORTOS (ATUAL CAPITANIA DAS ARTES).....	74
4.34	CASA DE CÂMARA CASCUDO.....	75

4.35	CASA DA ESTUDANTE.....	76
4.36	CASA DO ESTUDANTE.....	77
4.37	SOLAR JOÃO GALVÃO DE MEDEIROS (ATUAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY DE SOUZA).....	79
4.38	COLUNA CAPITOLINA.....	81
4.39	COLUNA DOS MÁRTIRES.....	82
4.40	BUSTO DO PADRE JOÃO MARIA.....	83
4.41	IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO (CATEDRAL VELHA).....	84
4.42	IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS.....	85
4.43	IGREJA PRESBITERIANA DE NATAL.....	86
4.44	IGREJA DE SANTO ANTÔNIO (IGREJA DO GALO).....	87
4.45	INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RN.....	88
4.46	MEMORIAL CÂMARA CASCUDO.....	90
4.47	MONUMENTO À CÂMARA CASCUDO.....	91
4.48	MONUMENTO DA INDEPENDÊNCIA.....	92
4.49	MUSEU DE ARTE SACRA.....	93
4.50	MUSEU CAFÉ FILHO - SOBRADINHO.....	94
4.51	ANTIGA SEDE DO GOVERNO ESTADUAL (ATUAL PALÁCIO DA CULTURA).....	95
4.52	PALÁCIO FELIPE CAMARÃO - SEDE DO GOVERNO MUNICIPAL.....	96
4.53	PEDRA DO ROSÁRIO.....	96
4.54	PRAÇA ANDRÉ DE ALBUQUERQUE.....	97
4.55	PRAÇA DA SANTA CRUZ DA BICA.....	98
4.56	SOLAR BELA VISTA.....	100
4.57	PELOURINHO.....	101
4.58	HOSPITAL INFANTIL VARELA SANTIAGO.....	102
4.59	ANTIGO CINEMA NORDESTE.....	104
4.60	ANTIGA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL.....	105
4.61	ANTIGA RESIDÊNCIA DE JANUÁRIO CICCIO.....	106
4.62	ANTIGO PALÁCIO DO GOVERNO DA RUA CHILE.....	107
4.63	ANTIGO PRÉDIO DO GRUPO ESCOLAR AUGUSTO SEVERO.....	109
4.64	ANTIGA RODOVIÁRIA (ATUAL MUSEU DE CULTURA POPULAR DJALMA MARANHÃO).....	110
4.65	ANTIGA SEDE DO BANDERN (ATUAL PROCON).....	111
4.66	ANTIGO PALACETE DE JUVINO BARRETO (ATUAL COLÉGIO SALESIANO).....	112
4.67	ANTIGO CANTO DO MANGUE.....	113
4.68	CASA ONDE NASCEU CAFÉ FILHO.....	115
4.69	CENTRO DE TREINAMENTO E MUSEU FERROVIÁRIO.....	116
4.70	ESPAÇO CULTURAL CASA DA RIBEIRA.....	118
4.71	ESTAÇÃO DA REDE FERROVIÁRIA FEDERAL (ATUAL CBTU).....	119
4.72	ESTÁTUA DE AUGUSTO SEVERO.....	120
4.73	IGREJA DO BOM JESUS DAS DORES.....	121
4.74	OBELISCO DA AVENIDA TAVARES DE LYRA.....	122
4.75	PRAÇA AUGUSTO SEVERO.....	123
4.76	PRAÇA JOSÉ DA PENHA.....	125
4.77	PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL.....	126
4.78	ANTIGO GRANDE HOTEL.....	127
4.79	ANTIGA RESIDÊNCIA DE FORTUNATO ARANHA.....	128
4.80	PRÉDIO DA JUNTA COMERCIAL.....	130
4.81	PRÉDIO DA RECEITA FEDERAL.....	131
4.82	SOBRADO DA RUA CHILE (LOCAL ONDE NASCEU FERREIRA ITAJUBÁ).....	132
4.83	TEATRO ALBERTO MARANHÃO.....	133
4.84	RUAS DA NOSSA HISTÓRIA.....	134
4.84.1	Rua da Conceição.....	134
4.84.2	Antigo caminho do Rio de Beber Água (atual Rua Santo Antônio).....	135

4.84.3	Beco da Lama	136
4.84.4	Rua Chile	138
4.84.5	Rua Frei Miguelinho	139
4.84.6	Rua Dr. Barata	141
4.84.7	Avenida Tavares de Lyra.....	143
4.84.8	Antiga Rua Coronel Estevam (atual Avenida Coronel Estevam).....	145
4.85	PRAIAS URBANAS.....	146
4.85.1	Praia da Redinha	146
4.85.2	Praia do Forte	147
4.85.3	Praia do Meio	148
4.85.4	Praia dos Artistas	150
4.85.5	Praia de Areia Preta.....	151
4.85.6	Praia de Ponta Negra.....	152
5	MANIFESTAÇÕES CULTURAIS	153
5.1	Congos de Calçola.....	154
5.2	Caboclinhos	155
5.3	Araruna	156
5.4	Bambelô.....	157
5.5	Boi Calemba.....	158
5.6	Pastoril.....	159
5.7	Fandango.....	160
5.8	Teatro Popular de Bonecos.....	160
5.9	Artesanato e Arte Popular	162
5.10	Gastronomia.....	163
6	CALENDÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL DE NATAL	166
7	REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL	171
7.1	REGIÃO METROPOLITANA: ROTEIRO TURÍSTICO, CULTURAL E HISTÓRICO	172
7.1.1	Jenipabu	172
7.1.2	Pitangui.....	173
7.1.3	Jacumã	173
7.1.4	Graçandu	174
7.1.5	Muriú.....	175
7.1.6	Pirangi.....	175
7.1.7	Camurupim / Barreta.....	176
7.1.8	Búzios	177
7.1.9	Cajueiro de Pirangi (O Maior do Mundo)	177
7.1.10	Centro de Lançamento da Barreira do Inferno.....	178
7.1.11	Casa Grande e Engenho Verde Nasce	180
7.1.12	Mercado Público	181
7.1.13	Solar dos Antunes.....	182
7.1.14	Casa Grande Guaporé (Museu Nilo Pereira).....	183
7.1.15	Casarão do Vilar	184
7.1.16	Casarão dos Guarapes	185
7.1.17	Solar do Caxangá	186
7.1.18	Solar da Madalena	187
7.1.19	Solar do Ferreiro Torto	188
7.1.20	Igreja de São Gonçalo do Amarante	189
7.1.21	Escola Estadual Barão de Mipibú.....	190
7.1.22	Igreja e Convento dos Jesuítas	191
7.1.23	Estação Ferroviária de Papary	193
7.1.24	Mausoléu de Nísia Floresta.....	194
7.1.25	Lagoa de Quirambu.....	195
7.1.26	Antigo Ginásio Prof. Gaspar.....	196
8	REFERÊNCIAS	197

***Os ângulos para ver e amar a cidade
não são os mesmos nos indivíduos.
Escolhemos diferentemente. A própria
recordação tem suas cores e distância para
quem possui. Diferentes os dedos da mão,
os cabelos da cabeça, o número de
pancadas do coração.***

(Luís da Câmara Cascudo)

1 UM POUCO DE HISTÓRIA

A conquista do território brasileiro pelos portugueses entrou em uma nova fase quando ocorreu a União Ibérica. Período em que o rei da Espanha, D. Filipe II, assumiu o poder do império lusitano, encerrando a disputa pelo trono de Portugal ocorrida após a morte de D. Sebastião (1578). Ao assumir o poder da Península Ibérica unificada, D. Filipe II adota medidas que objetiva garantir a integridade da América Portuguesa. Neste sentido é editada uma Carta Régia, determinando a conquista da Capitania do Rio Grande. Nesta época, as terras potiguares sofriam uma constante presença francesa, fato, este, gerador de preocupação por parte da Coroa Ibérica. Conforme o historiador Trindade (2007, p. 35):

O Governador Geral Francisco de Sousa (1591-1602) recebeu a incumbência de expulsar os franceses e apaziguar os índios. Para consolidar a conquista, deveria ser construída uma fortaleza. Para cumprir a missão foram escolhidos, por Carta Régia de 15 de março de 1597, o fidalgo português Manuel de Mascarenhas Homem, Capitão-mor de Pernambuco e Feliciano Coelho, Capitão-mor da Paraíba, auxiliados pelos irmãos João e Jerônimo de Albuquerque, sobrinho de Duarte Coelho, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco.

A marcha da conquista era irreversível, a ocupação da Capitania do Rio Grande representava a materialização do processo colonizatório português. Iniciava, então, a construção da máquina de moer gente (RIBEIRO, 1995). Os Potiguara, habitantes das margens do Potengi, distinguiram objetivos diferentes, entre os franceses que aqui apartavam e os lusitanos vindos das Capitanias de Pernambuco e Paraíba. Segundo Monteiro (2000, p. 31):

Os indígenas locais com certeza percebiam que, ao contrário da relação periódica e transitória que caracterizava seu contato com os brancos no escambo de pau-brasil, a instalação de europeus em suas terras significava uma ameaça concreta, que se confirmou com o tempo. O início da colonização correspondeu, assim, ao início da própria resistência indígena.

A Fortaleza dos Reis Magos, construção iniciada em 6 de janeiro de 1598, significou o marco definitivo do domínio Português. Vencidos os confrontos iniciais com os Potiguara, foi fundada a Cidade de Natal, no dia 25 de dezembro de 1599.

Nasceu no alto, onde hoje se localiza a Praça André de Albuquerque. Cascudo (1999, p. 51), em sua História da Cidade do Natal, descreve os limites iniciais da cidade:

O chão elevado e firme à margem direita do rio que os portugueses chamavam Rio Grande e os potiguares o Potengi compreende o pequeno platô da colina que sobe pela rua Junqueira Aires e desce pela avenida Rio Branco até o Baldo, praça Carlos Gomes. A demarcação foi feita com os cruzeiros de posse tão comuns. Uma cruz no monte [...] A cruz ficara chantada no lado esquerdo da elevação [...] [atual Praça das Mães] A Cruz do Sul fincou-se no declive do Baldo, margem de um córrego [...] o velho Rio da Bica, Rio de Beber [...]



Figura 01 - Santa Cruz da Bica. Cruzeiro situado no antigo limite sul da cidade.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.



Figura 02 - Praça das Mães (Antiga Square Pedro Velho). Corresponde ao antigo limite norte da cidade.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

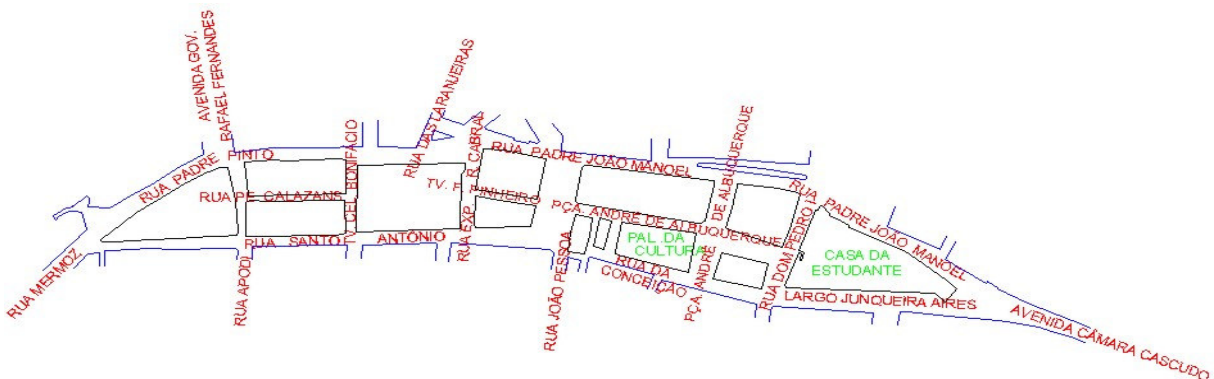


Figura 03 - Planta baixa da cidade. Delimitação correspondente ao antigo perímetro urbano de Natal.
Fonte: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Sem passar pelo estágio de vila, a cidade de Natal vivenciou momentos de encontros e desencontros. Expulsos os franceses, vieram os holandeses e a conquista da Fortaleza dos Reis Magos, transformando a cidade em Nova Amsterdã. O domínio holandês foi caracterizado por intensos conflitos, ocorrendo violentos massacres em Cunhaú e Uruaçu. Apesar destes acontecimentos é importante ressaltar a aliança entre indígenas e holandeses. A historiadora Monteiro (2000, p. 42) aponta dois fatores determinantes na preferência indígena, pelo batavo em relação a português:

Em primeiro lugar, é preciso considerar que, de ponto de vista indígena, frente à necessidade de viver com os invasores, fossem eles portugueses ou holandeses, aos indígenas cabia a decisão política da aliança que lhes parecesse menos danosa ao seu povo e à sua cultura. Em segundo lugar, enquanto a vivência com os portugueses havia implicado até então em massacres e na escravização indígena, os holandeses reconheceram e garantiram, oficialmente, o direito dos índios à liberdade.

Confirma deste modo, a ausência de “traidores” nestes primeiros anos de colonização. Os povos nativos habitantes do litoral e interior, norte-rio-grandense, se posicionaram conforme suas conveniências, o que estava em foco era a sobrevivência de suas tradições. Mas, a “locomotiva” europeia fez da terra potiguar lugar de criação bovina e a expansão chega ao sertão. É bem verdade que a resistência indígena faz eclodir uma das maiores guerras, acontecidas em solo brasileiro. A Guerra dos Bárbaros, foco de defesa e reação, dos tapuias à presença dos brancos de além do mar.

O natalense foi forjado neste processo de “paz e guerra”, entre indígenas, europeus e africanos. Seus gestos, hábitos e culinária resultam deste caldeirão cultural. Natal cosmopolita, na sua origem colonial, vive na década de 1940, grande influência dos norte-americanos. Época da Segunda Guerra Mundial, a cidade torna-se Trampolim da Vitória, o esforço de guerra fez Natal, quase dobrar a quantidade de habitantes (LIMA, 2001).

Esta fusão de culturas originou várias manifestações populares, herdadas dos diversos povos presentes na nossa história. Sobre as nossas tradições Défilo Gurgel (apud MARIZ; SUASSUNA, 20002, p. 383) classifica em dois grupos: o dos autos populares, que tem um núcleo dramático e outros foguedos, coreografados sem o drama.

O desenvolvimento da Cidade de Natal ocorreu de forma inexpressiva, ao ponto de durante muito tempo, ser correto afirmar “Natal não há tal”. Neste sentido a instalação da base aérea norte-americana é responsável por um grande crescimento da expansão urbana da Capital Potiguar. Segundo Mariz e Suassuna (2002, p. 327), Natal:

Mesmo sendo uma cidade pequena, contava com entidades científicas como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, localizado na Rua da Conceição, 622, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, o Aero-Club do Rio Grande do Norte, localizado na Av. Hermes da Fonseca, onze clubes esportivos, três jornais - A República, A Ordem e o Diário (18-09-1939) - e o Grande Hotel, único hotel em Natal na época, que pertencia ao Estado mas fora arrendado a Theodorico Bezerra.

A cidade de Câmara Cascudo chega ao século XX, deixando no passado o título de Natal não há tal e ganhando outros como Trampolim da Vitória, Cidade Espacial, Noiva do Sol, e Cidade dos Poetas, pois, como dizem, “Natal em cada esquina há um poeta”. Terra poesia, Natal de lindas dunas, com belas praias e um rio pequeno, chamado de grande pelos portugueses e de Potengi por seus nativos, compõe um cenário lúdico, inspirador de amantes das letras, que aqui nasceram ou escolheram este solo para viverem.

Um dos nomes das letras natalenses, considerado o primeiro escritor da cidade, é o poeta Lourival Açucena, nascido no dia 17 de outubro de 1827, falecido em 28 de março de 1907, deixou sua marca, de talento artístico, na música, nas artes cênicas, hoje seria denominado de “mult-mídia”.

Sua produção literária foi “salva” por Luís da Câmara Cascudo, reunida numa obra denominada Versos. A UFRN lançou uma segunda edição acrescida de um estudo introdutório de Vicente Cerejo (GURGEL, 2001).

Sua obra poética permeia o irônico e o romantismo, apresentando um lapidar da palavra. Tarcísio Gurgel, conhecedor das letras potiguares, em informação da literatura potiguar apresenta um belo poema do poeta da Natal do Século XIX.

SONETO

Inda cabe rigor neste teu peito?!
Anália, de afligir-me ainda não cansas?!
Cruel, não sentes, ímpia, não alcanças
De tua ingratidão o triste efeito?!

Teu duro coração já satisfeito
Acaso não estará dessas provanças,
Que me dão caprichosos esquivanças,
Com que pisas de amor doce preceito?!

Entre surdos arquejos de agonia,
Vou a vida de angústia acabando,
Que um ai! um só sorriso salvaria.

Mas, embora ferina vas matando
Meu firme coração com tirania,
“Hei de mártir de amor, morreu te amando”.

(Lourival Açucena apud Gurgel, 2001, p. 175)

O reconhecimento da escrita de Lourival Açucena por intelectuais da estirpe de Henrique Castriciano, Segundo Wanderley, Gothardo Neto e Ferreira Itajubá, é lembrado por Gurgel(2001). A província de Lourival Açucena insere-se, a partir de então, na cena literária brasileira com poetas e ficcionistas, que falaram e cantaram sua aldeia, como por exemplo: Jorge Fernandes, Palmyra Wanderley, Othoniel Menezes, Câmara Cascudo, Newton Navarro, Marize Castro e outros que fizeram e fazem de Natal lugar de literatura.

2 PERFIL DA CIDADE

FUNDAÇÃO: 25 de dezembro de 1599.

LOCALIZAÇÃO: Nordeste do Brasil; com coordenadas de 5° 40' 51" S e 55° 07' 07" S de latitude sul, 35° 08' 16" W e 35° 18' 20" W de longitude oeste de Greenwich.

ALTITUDE: 30 m.

ÁREA: 169,0 Km².

POPULAÇÃO: 774.230 hab. (estimativa para 2005 do IBGE-2007).

ÍNDICE PLUVIOMÉTRICO ANUAL: 1.456,6 mm.

CLIMA: Tropical úmido com chuvas no inverno e verão seco.

TEMPERATURA MÉDIA ANUAL: 26,2°C.

MÉDIA MENSAL DE INSOLAÇÃO: 265 horas de sol/mês 300 dias/ano.

UMIDADE RELATIVA DO AR: 70%.

VENTOS PREDOMINANTES: Direção leste/sudeste.

PRESSÃO ATMOSFÉRICA: 1.007,4 mb.

FERIADOS MUNICIPAIS: 06 de janeiro e 21 de novembro.

LIMITES: Ao Norte, Extremoz; ao Sul, Parnamirim; a Leste, Oceano Atlântico e a Oeste, São Gonçalo/Macaíba.

HIDROGRAFIA: Rios Potengi/Jundiaí, Doce e Pitimbu.

GEOMORFOLOGIA: Relevo plano a suavemente ondulado, tabuleiros costeiros, dunas e vales costeiros.

VEGETAÇÃO: Formação de tabuleiro litorâneo.

ZONAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL: 10.

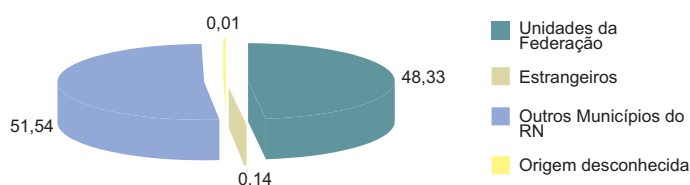
DEMOGRAFIA - TABELA GERAL

R. A.	BAIRRO	LEI DE CRIAÇÃO	ÁREA (Ha)	DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES 2000	DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES 2007	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000	POPULAÇÃO RESIDENTE 2007	TAXA POPULAÇÃO RESIDENTE (2000-2007)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA 2007 (hab/ha)
NORTE	Lagoa Azul	4.328/93	1.043,06	12.225	15.650	50.413	59.017	2,28	56,58
	Pajuçara	4.328/93	776,43	10.424	14.692	42.130	54.091	3,63	69,67
	Potengi	4.330/93	824,31	13.505	15.687	56.259	57.507	0,31	69,76
	N. Sra. da Apresentação	4.328/93	1.026,40	13.948	19.486	56.522	72.478	3,62	70,61
	Redinha	4.328/93	786,86	2.610	3.453	11.504	13.239	2,03	16,83
	Igapó	4.328/93	215,73	6.806	7.924	27.032	28.336	0,68	131,35
	Salinas	4.328/93	839,03	203	313	883	1.163	4,01	1,39
	SUBTOTAL		5.511,82	59.721	77.205	244.743	285.831	2,24	51,86
SUL	Lagoa Nova	4.330/93	766,16	9.434	10.690	35.569	35.638	0,03	46,52
	Nova Descoberta	4.328/93	156,67	3.240	3.537	12.481	12.281	-0,23	78,39
	Candelária	4.328/93	779,8	4.796	6.035	18.684	20.931	1,64	26,84
	Capim Macio	4.328/93	438,13	5.713	6.915	20.522	22.139	1,09	50,53
	Pitimbu	4.328/93	739,57	5.688	6.316	22.985	22.821	-0,10	30,86
	Neópolis	4.328/93	408,47	5.709	6.481	22.041	22.823	0,50	55,87
	Ponta Negra	4.328/93	707,16	6.227	7.066	23.600	24.013	0,25	33,96
	SUBTOTAL		3.995,96	40.807	47.040	155.882	160.646	0,43	40,20
LESTE	Santos Reis	4.330/93	161,07	1.504	1.559	6.820	6.071	-1,65	37,69
	Rocas	4.330/93	66,1	2.557	2.986	10.525	10.849	0,43	164,13
	Ribeira	4.330/93	60,5	581	631	2.110	1.966	-1,00	32,50
	Praia do Meio	4.328/93	48,93	1.151	1.370	4.193	4.553	1,18	93,05
	Cidade Alta	4.330/93	94,1	1.809	2.253	6.692	7.247	1,14	77,01
	Petrópolis	4.330/93	77,63	1.542	2.030	5.105	6.111	2,60	78,72
	Areia Preta	4.328/93	30,57	699	1.023	2.652	3.260	2,99	106,64
	Mãe Luiza	4.330/93	96,93	3.623	4.266	16.058	16.676	0,54	172,04
	Alecrim	4.330/93	309,37	8.650	9.263	32.356	31.064	-0,58	100,41
	Barro Vermelho	4.327/93	94,7	2.170	2.152	8.145	7.552	-1,07	79,75
	Tirol	4.330/93	366,76	4.091	4.768	14.799	15.968	1,09	43,54
	Lagoa Seca	4.327/93	59,83	1.669	1.915	6.651	6.583	-0,15	110,03
	SUBTOTAL		1.466,49	30.046	34.216	116.106	117.900	0,22	80,40
OESTE	Quintas	4.330/93	212,47	7.424	8.088	29.751	28.674	-0,53	134,96
	Nordeste	4.330/93	233,23	2.782	3.218	11.436	11.611	0,22	49,78
	Dix-Sept Rosado	4.329/93	111,37	3.970	4.512	16.141	16.234	0,08	145,77
	Bom Pastor	4.328/93	319,9	4.416	4.630	17.984	17.055	-0,75	53,31
	N. Sra. de Nazaré	4.329/93	142,4	3.890	4.363	15.623	15.728	0,10	110,45
	Felipe Camarão	4.330/93	663,4	10.782	13.654	45.907	51.169	1,56	77,13
	Cidade da Esperança	4.330/93	182,9	4.742	5.593	20.235	20.784	0,38	113,64
	Cidade Nova	4.328/93	273,07	3.840	4.660	15.778	16.742	0,85	61,31
	Guarapes	4.328/93	778,42	1.945	1.367	8.415	6.864	-2,87	8,82
	Planalto	5.367/02	501,71	3.418	7.266	14.314	24.982	8,28	49,79
	SUBTOTAL		3.418,87	47.209	57.351	195.584	209.843	1,01	61,38
	Parque das Dunas	7.237/77	1.172	-	0	2	10	25,85	0,01
	TOTAL		15.565,14	177.783	215.812	712.317	774.230	1,20	49,70

Fonte: IBGE 2008

NATAL - MIGRANTES

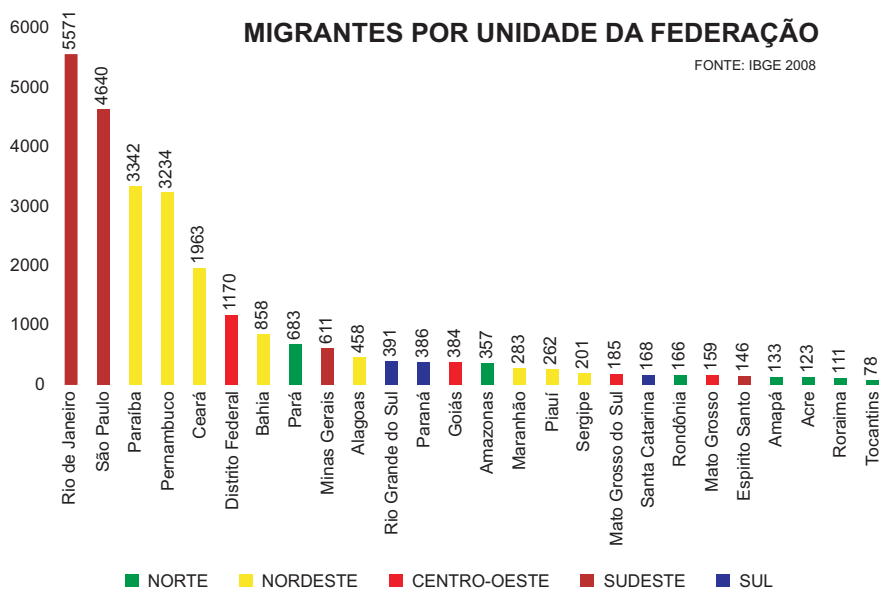
ORIGEM	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Unidades da Federação	26.063	48,33
Estrangeiros	73	0,14
Outros Municípios do RN	27.793	51,54
Origem desconhecida	8	0,01
TOTAL	53.929	100,00



FONTE: IBGE 2008

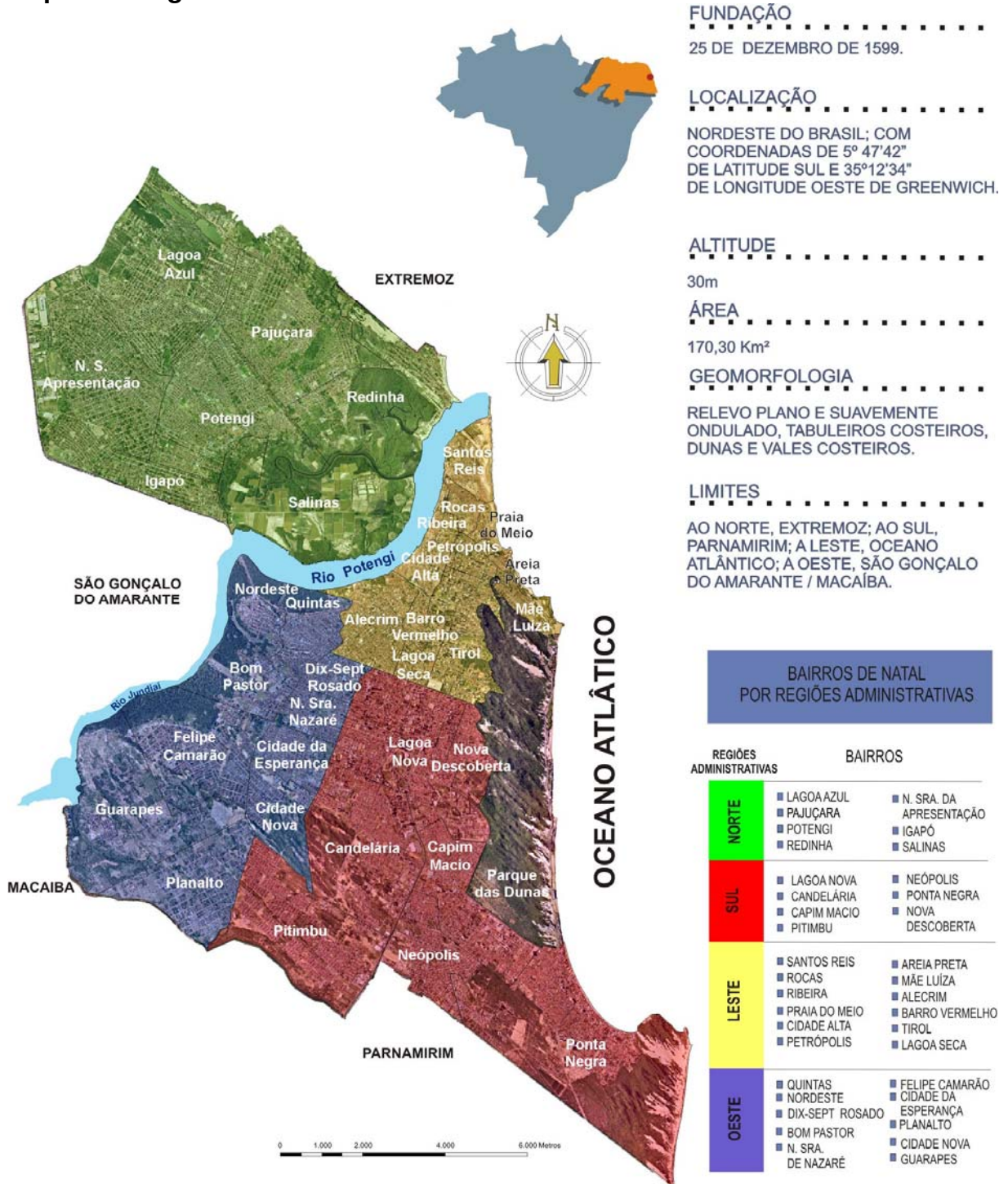
MIGRANTES POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO

FONTE: IBGE 2008



2.1 LOCALIZAÇÃO - REGIÕES ADMINISTRATIVAS

Mapa 01 - Regiões Administrativas



Fonte: Anuário/2007.

Arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

2.2 VIAS DE ACESSO

Natal está ligada às demais capitais do País e ao interior do nosso Estado por rodovias federais e estaduais. As principais rodovias federais, que partem de Natal são:

- BR-101** - Liga Natal ao sul do País;
- BR-304** - Liga Natal a Fortaleza;
- BR-406** - Liga Natal a Macau;
- BR-226** - Liga Natal a Currais Novos.

As rodovias estaduais são conhecidas pela sigla RN e as duas principais são:

- RN-063** - Atinge as praias do litoral sul do Estado;
- RN-160** - Atinge as praias do litoral norte do Estado, partindo de Natal.

Além das rodovias, Natal também conta com a infra-estrutura do Aeroporto Internacional Augusto Severo, localizado em Parnamirim, município integrante da Região Metropolitana de Natal.

2.3 DISTÂNCIAS ENTRE NATAL E AS CAPITAIS BRASILEIRAS (em Km)

CAPITAIS	DISTÂNCIAS
Aracaju	803 km
Belém	2.107km
Belo Horizonte	2.340km
Boa Vista	6.685km
Brasília	2.509km
Campo Grande	3.414km
Cuiabá	3.520km
Curitiba	3.309km
Florianópolis	3.654km
Fortaleza	552 km
Goiânia	2.579km
João Pessoa	180 km
Macapá	2.873km ¹
Maceió	507 km
Manaus	5.900km
Palmas	2.133km
Porto Alegre	4.097km
Porto Velho	4.981km
Recife	288 km
Rio Branco	5.452km
Rio de Janeiro	2.680km
Salvador	1.111km
São Luís	1.607km
São Paulo	2.981km
Teresina	1.174km
Vitória	2.142km

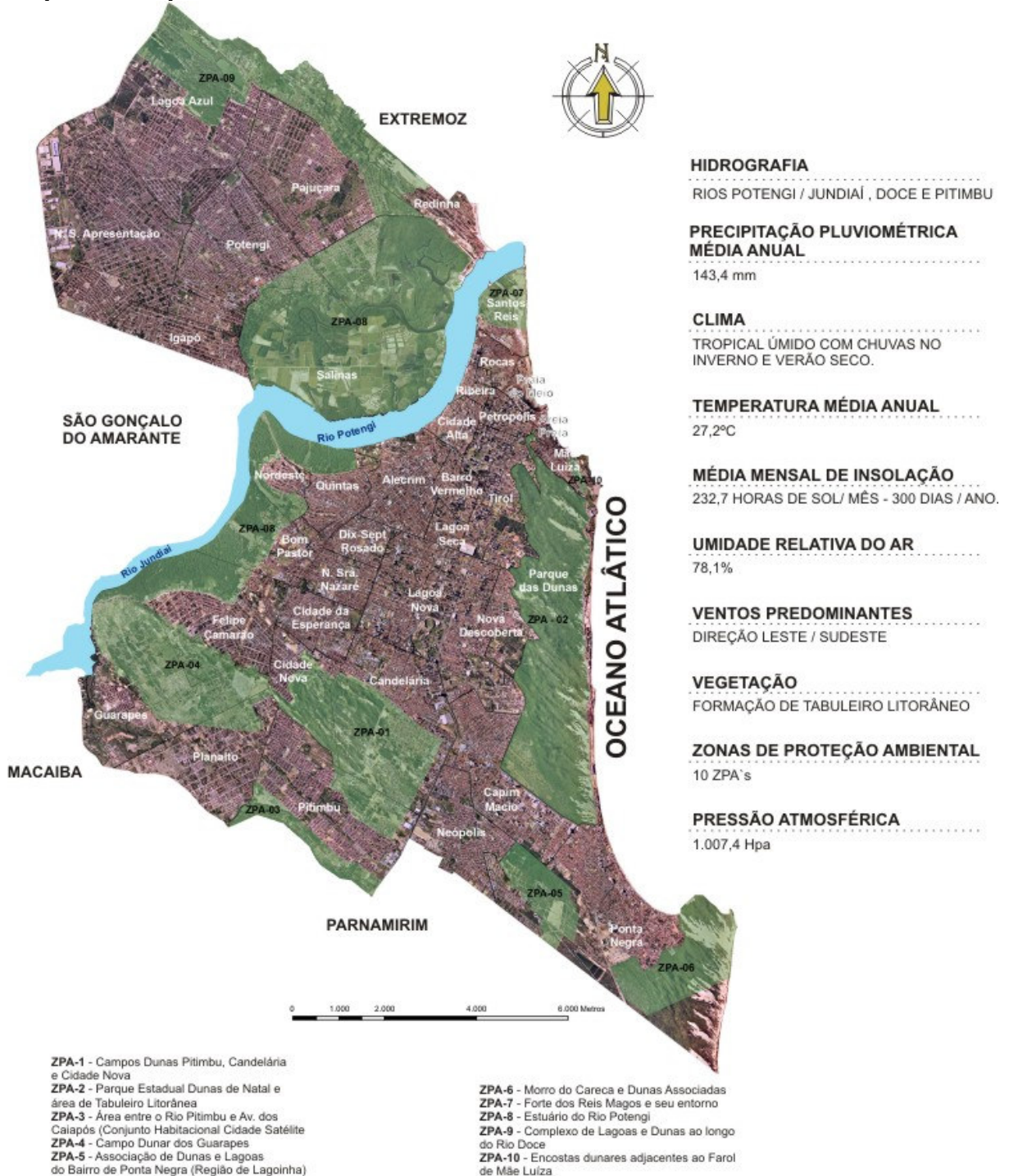
Fonte: Guia 04 Rodas/2004

Guialog - www.guiadelogistica.com.br/ 10/01/2006.

¹O acesso à cidade de Macapá só é possível através de barco ou avião.

2.4 ASPECTOS FÍSICOS

Mapa 02 - Aspectos Físicos



Fonte: Anuário/2007.

Arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

2.5 MEIO AMBIENTE

2.5.1 Caracterização natural do Município de Natal

O Município de Natal está inserido no litoral oriental (leste) do Estado do Rio Grande do Norte, - Nordeste do Brasil. Exerce papel de destaque por ser a cidade mais importante do Estado, pois possui o título de Capital potiguar e encabeça a Região Metropolitana de Natal (RGM) juntamente com Ceará-Mirim, Extremoz, Macaíba, Monte Alegre, Nísia Floresta, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante e São José de Mipibú.

A área de Natal corresponde a 170,30 Km², possuindo as seguintes coordenadas geográficas: 5º 47' 42" de latitude sul e 35º 12' 34" de longitude a oeste do Meridiano de Greenwich. Encontra-se na chamada zona costeira brasileira, que por sua vez, abriga em toda a sua extensão uma gama imensa de ecossistemas de importante relevância ambiental, como por exemplo: mangues, estuários, restingas, dunas, falésias, baías, recifes, corais, praias, planícies, dentre outros. Nesta zona é possível ainda encontrar as mais importantes áreas remanescentes de Mata Atlântica, como também ocorrências de manguezais, que são essenciais para a reprodução biótica marinha e para o equilíbrio das interações da terra com o mar.

Sendo assim, Natal é um lugar de beleza ímpar, onde a Mãe-Natureza foi extremamente generosa, dotando-lhe de um reconhecido potencial natural e turístico, onde é possível constatá-lo, principalmente, através de suas famosas praias e dunas.



Figura 04 - Praia do Meio.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Segundo VILAÇA (1985), a área condizente ao Município de Natal é em sua geologia, constituída estratigraficamente (da base para o topo) por um embasamento cristalino datado do período pré-cambriano com ocorrências de granitos, granodioritos, magmatitos, e gnaisses. Esta estrutura está sobreposta por depósitos mesozóicos correspondentes à seqüência infra-barreiras, que por sua vez é formada por sedimentos cretáceos com a presença de rochas areníticas (em horizonte inferior) e de calcário com ocorrência arenítica e argilítica (horizonte superior). Existem ainda os depósitos de sedimentos recentes e sub-recentes representados pelos depósitos dunares, praias, das planícies de deflação, estuarinos, aluvionares e de cobertura de espraiamento.

Quanto à geomorfologia presente na região, é possível observar basicamente terrenos planos e suavemente ondulados com a presença de quatro classificações de relevos predominantes. Sendo a plataforma continental, as formas litorâneas, as superfícies de aplainamento e os vales fluviais lacustres, (VILAÇA, 1985; VILAÇA et al., 1986).

No que tange a sua estrutura de solos podemos destacar a predominância dos mesmos, sendo formados por Areias Quartzosas Distróficas Marinhas (correspondente as dunas), Areias Quartzosas Distróficas (solos com baixa frequência de argila e ocorrentes nas áreas de tabuleiro costeiro), Latossolo Distrófico (apresenta tonalidades de cor amarelada e avermelhada, relevo plano e pouca fertilidade), Solos Aluviais Eutróficos de Textura Indiscriminada (são formados por deposições fluviais com boa presença de argila) e os Solos Indiscriminados de Mangues de Textura Indiscriminada (solo de sedimentos arenosos ocorrente na Baixada Litorânea), (BRASIL, 1971; VILAÇA, 1985; VILAÇA et al., 1986; HIDROSERVICE, 1999).

Em se tratando da hidrologia da área do Município de Natal, o Plano Estadual de Recursos Hídricos definiu que as seguintes bacias hidrográficas seriam responsáveis pela drenagem presente na região: Bacia do Rio Doce, do Rio Pirangi, do Rio Potengi, além da Faixa Litorânea Leste de Escoamento Difuso, (HIDROSERVICE, 1999). Já no que concerne a sua estrutura de águas subterrâneas, Natal é composto pelo aquífero freático e pelo aquífero confinado e semiconfinado, como também de águas superficiais, (BARROS, 2003).



Figura 05 - Área estuarina do rio Potengi.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Outra característica de destaque da região de natal é a presença da vegetação que de acordo com o IDEMA - Instituto de Defesa do Meio Ambiente do Estado do Rio Grande do Norte tipificou-a em três classes. Sendo elas; a Formação Tabuleiros Litorâneos (vegetação presente nos Tabuleiros Costeiros), Floresta Sub-perenifólia (vegetação verdejante com presença de folhas de considerável largura) e Manguezal (vegetação presente nos mangues alagadiços), (IDEMA, 2005).



Figura 06 - Vegetação preservada (Parque das Dunas).
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Quanto ao clima que predomina na região, segundo a classificação de climas estabelecida por Koppen é do tipo As, (VIANELLO & ALVES, 1991), sendo a mesma uma caracterização de clima tropical chuvoso quente, com uma estação de veraneio seca.

O período denominado de chuvoso possui uma característica bastante uniforme, onde ao longo dos anos, os meses de março, abril, maio, junho, julho e agosto abrigam os maiores índices pluviométricos. Já os períodos de maiores estiagens são acumulados durante outubro, novembro e dezembro. Para se ter uma idéia, a precipitação ocorrida entre os anos de 1997 a 2007 foi em média de 143,4 mm, (NATAL, 2007).

A insolação atuante nesta área é consideravelmente elevada durante todo o ano. Isto se deve a proximidade da região do Município com a Linha do Equador (As terras emersas do planeta próximas a esta linha possuem a maior média de incidência solar durante todo o ano) com uma média mensal de 232,7 horas de sol/mês - 300 dias/ano. Este fator é o principal responsável pela ocorrência de elevadas temperaturas com poucas variações térmicas no decorrer do ano. A média máxima e mínima no ano de 2007 em Natal, segundo a (NATAL, 2007), foi respectivamente 27,2 °C e 22,5 °C. Devido a incidência solar a evaporação também se apresenta com pouca variância, comparando-se anualmente. Durante o ano de 2007 a evaporação foi de 5,8 mm/dia e a umidade relativa do ar de 78,1%, (NATAL, 2007).

Os ventos que incidem sobre a região do Município de Natal variam durante o ano, e isso no que concerne a direção dos ventos e sua velocidade. Com relação a direção dos ventos, os mesmos vêm do leste, do sul e do sudeste, variando de acordo com a época do ano. No entanto os ventos que exercem uma maior influência na região são os que vêm do sudeste, devido serem os que mais predominam na área durante o ano.

Depois desta breve caracterização física da região, é fácil perceber o motivo pelo qual Natal recebe milhares de turistas vindos de várias partes do Brasil e do mundo anualmente, ocupando assim praticamente todos os leitos da rede hoteleira da cidade. A maioria destes visitantes chega à capital potiguar durante o seu período de férias ou descanso para desfrutar das maravilhas da nossa Cidade do Sol.

2.6 SÍMBOLOS NATALENSES

Toda nação politicamente organizada conta com a formação de um conjunto de símbolos que busca enaltecer sua história, suas crenças e valores para promover a unidade cultural de um povo. Esse fato também é aplicável aos estados e municípios. Assim como ocorre no País, os principais símbolos de Natal são: o Brasão de Armas, a Bandeira e o Hino da Cidade.

2.6.1 Brasão de Armas

O Brasão de Armas do Município de Natal é usado em timbre de papéis oficiais. Consta de um campo azul, com uma estrela caudada em dourado. Na parte superior, uma coroa simboliza a cidade; embaixo do escudo, a palavra “Natal” em letras douradas, num listrão azul.

O Brasão foi criado, por Resolução Municipal, em 23 de agosto de 1909.



Figura 07 - Brasão de Armas.

Fonte: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

2.6.2 A bandeira

A bandeira do Município de Natal tem duas faixas, uma verde e a outra branca, e no centro o Brasão de Armas. A bandeira é hasteada diariamente na sede da Prefeitura, no horário de expediente e feriados.

A Lei Municipal nº 987, de 08 de dezembro de 1959, criou a bandeira de Natal.



Figura 08 - Bandeira do Município do Natal.

Fonte: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

2.6.3 Hino da cidade

Durante muitos anos, a composição “praieira dos meus amores” foi considerada a canção tradicional da cidade de Natal. O poema é de autoria de Othoniel Menezes e a música foi composta, em 1923, pelo maestro Eduardo Medeiros. Por sugestão do historiador Luís da Câmara Cascudo, a canção foi acolhida como hino da cidade pela Câmara Municipal de Natal.

Já no início do século XXI, em 30 de setembro de 2001, a Prefeitura de Natal oficializou o Hino a Natal, com letra e melodia compostas pelo professor Waldson José Bastos Pinheiro. Em sua primeira audição, a obra foi executada pela Orquestra Sinfônica do Município, que a gravou ao vivo em solenidade realizada no Teatro Alberto Maranhão.

HINO A NATAL

Letra e Música de

Waldson José Bastos Pinheiro**I**

Natal, Cidade Sol,
 tu representas tanto para mim!
 No início, Forte dos Reis Magos,
 Cidade Alta, Ribeira e Alecrim.

Daí, sempre a crescer -
 um cajueiro, galhos a estender,
 brotou nas Rocas, Quintas e Tirol,
 em Igapó, Redinha e Mirassol;
 chegou à Zona Norte,
 em Mãe Luíza se enraíza no farol.

O mar, enamorado,
 colar de praias te presenteou;
 e o Potengi amado
 em teu regaço com o porvir sonhou.

Natal - provinciana -
 a tua história nos contou Cascudo:
 a luta com o batavo,
 as procissões, o pastoril, o entrudo.

II

Natal, Cidade Sol,
 tu representas tanto para mim!
 No início, Forte dos Reis Magos,
 Cidade Alta, Ribeira e Alecrim.

Daí, sempre a crescer -
 um cajueiro, galhos a estender,
 brotou em Morro Branco e Bom
 Pastor,
 em Candelária, Felipe Camarão;
 do morro do Careca
 em Ponta Negra, vem rolando até o
 chão.

O mar, enamorado,
 colar de praias te presenteou;
 e o Potengi amado
 em teu regaço com o porvir sonhou.

Natal - espacial -
 ao céu foguete vai levar mensagem
 de amor e de esperança
 a quem fiel evoca a tua imagem.

3 NATAL E O TURISMO HISTÓRICO E CULTURAL

A partir de 1978, o turismo no Rio Grande do Norte recebeu um expressivo impulso como atividade econômica. Isso porque, entre outros fatores, a Embratur - Empresa Brasileira de Turismo - passou a comercializar pacotes turísticos destinados à região Nordeste, percebendo nessa área do País um promissor destino; tanto no contexto doméstico, como no internacional. A partir de então, Natal e seus arredores passaram a explorar com maior ênfase essa atividade. Utilizando-se de campanhas publicitárias com destaque para o seu patrimônio natural, especialmente suas belas praias e seu longo período de sol durante o ano, a divulgação da cidade ganhou impulso.

Com essa nova realidade, Natal passou a ostentar o título de cidade turística, tornando-se imprescindível às instituições públicas e privadas investirem nas diversas atividades que constituem a denominada indústria do turismo. Durante o processo de implantação da infra-estrutura necessária, criou-se o projeto de construção da Via Costeira. Obra considerada essencial para o desenvolvimento da rede hoteleira da capital potiguar. Com a assinatura do Decreto nº 7.237, de 22 de novembro de 1977, pelo então governador Tarcísio Maia, essa legislação declarou de utilidade pública as áreas de dunas adjacentes ao Oceano Atlântico, entre a Praia do Pinto e a praia de Ponta Negra, para fins de desapropriação. O projeto previa a edificação de hotéis, cinemas, restaurantes, conjuntos aquáticos, campos de esportes, oceanário, teatro e um centro de convenções.

Embora não tenha implantado todos os itens previstos no projeto original, a construção da Via Costeira, e da estrutura ali desenvolvida, revelou-se de extrema importância para a economia do Estado do Rio Grande do Norte. A partir de então, Natal passou a receber um considerável fluxo de visitantes que proporcionou a consolidação de seu pólo turístico.

Por longo período, a ênfase na divulgação de Natal recaiu sobre suas belezas naturais. Entretanto, cada vez mais, outros atrativos da cidade estão sendo realçados. Pesquisas realizadas com os visitantes revelaram expressivo desconhecimento do seu patrimônio histórico e de seus valores culturais. Na terra de Câmara Cascudo - um dos maiores estudiosos da cultura nacional - esse dado merece reflexão e resolver essa questão tornou-se imperativo. Já não é mais

admissível concentrar a divulgação da cidade no binômio sol e mar, o que equivale a nivelá-la a muitas outras com os mesmos atributos. Afinal, o que define a identidade de uma cidade é a sua história e seu patrimônio cultural, verdadeiros biógrafos da sua trajetória enquanto organismo urbano.

3.1 Roteiro - Natal Geral

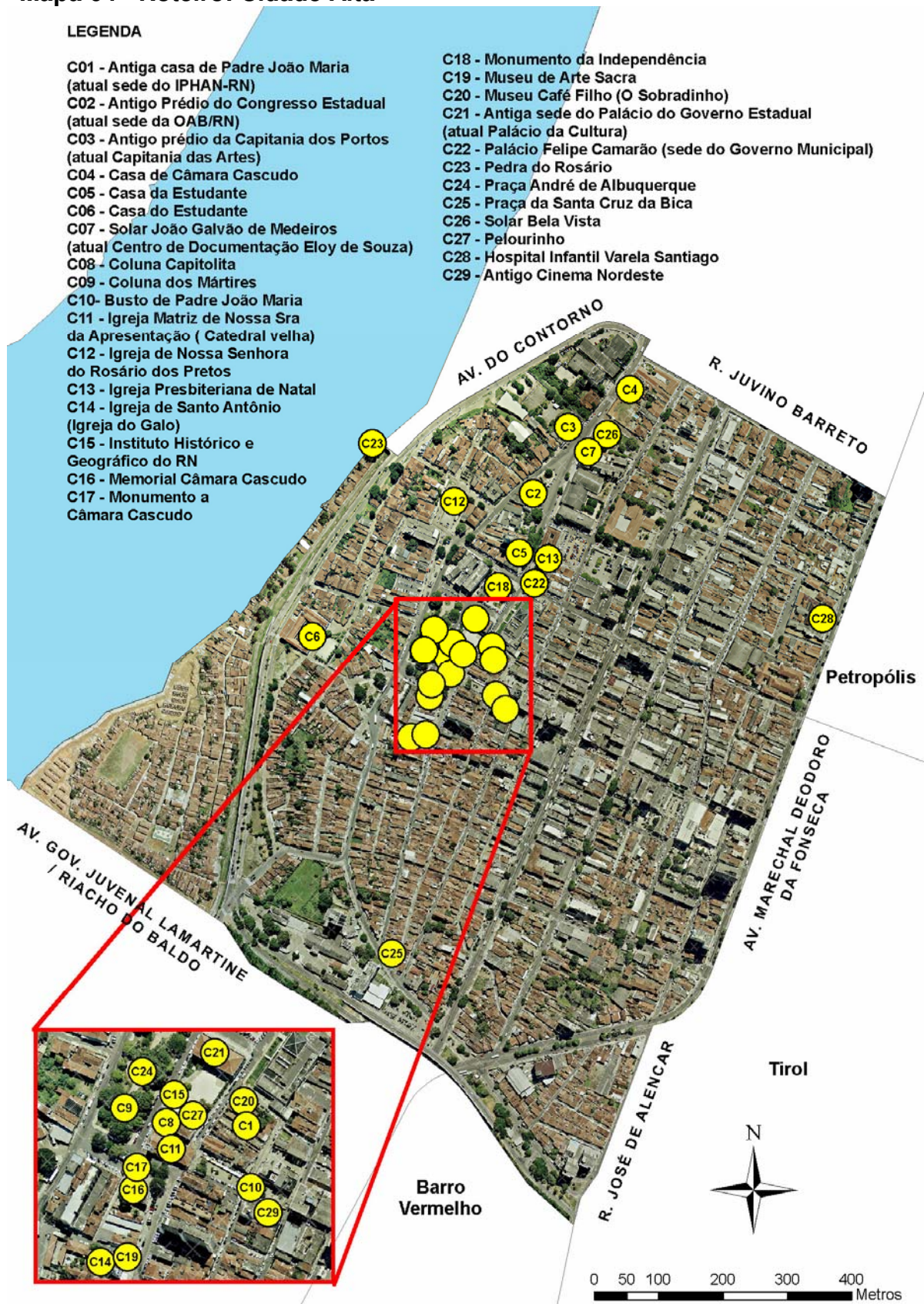
Mapa 03 - Roteiro: Natal Geral



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Base cartográfica 2006.

3.2 Roteiro - Cidade Alta

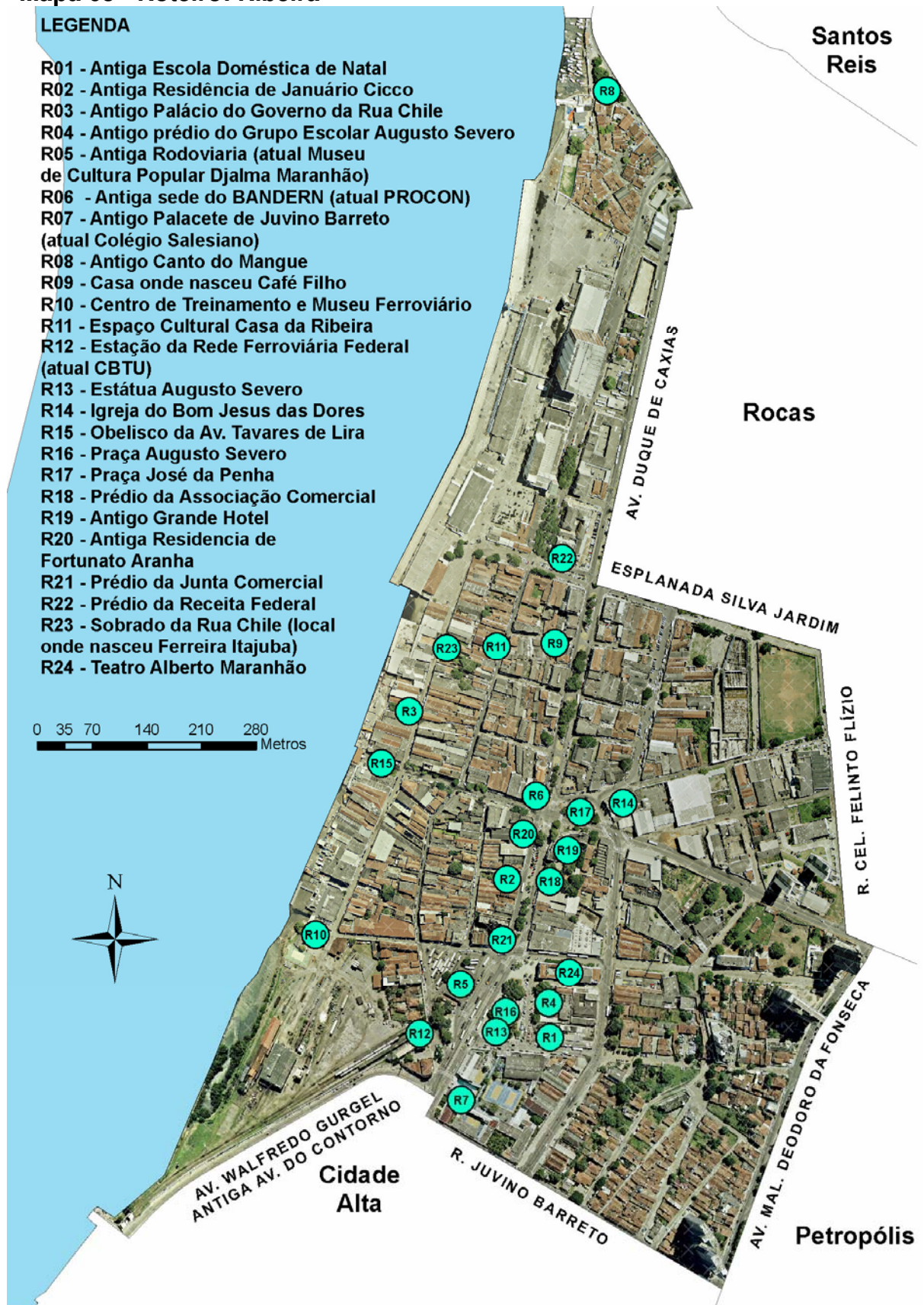
Mapa 04 - Roteiro: Cidade Alta



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Base cartográfica 2006.

3.3 Roteiro - Ribeira

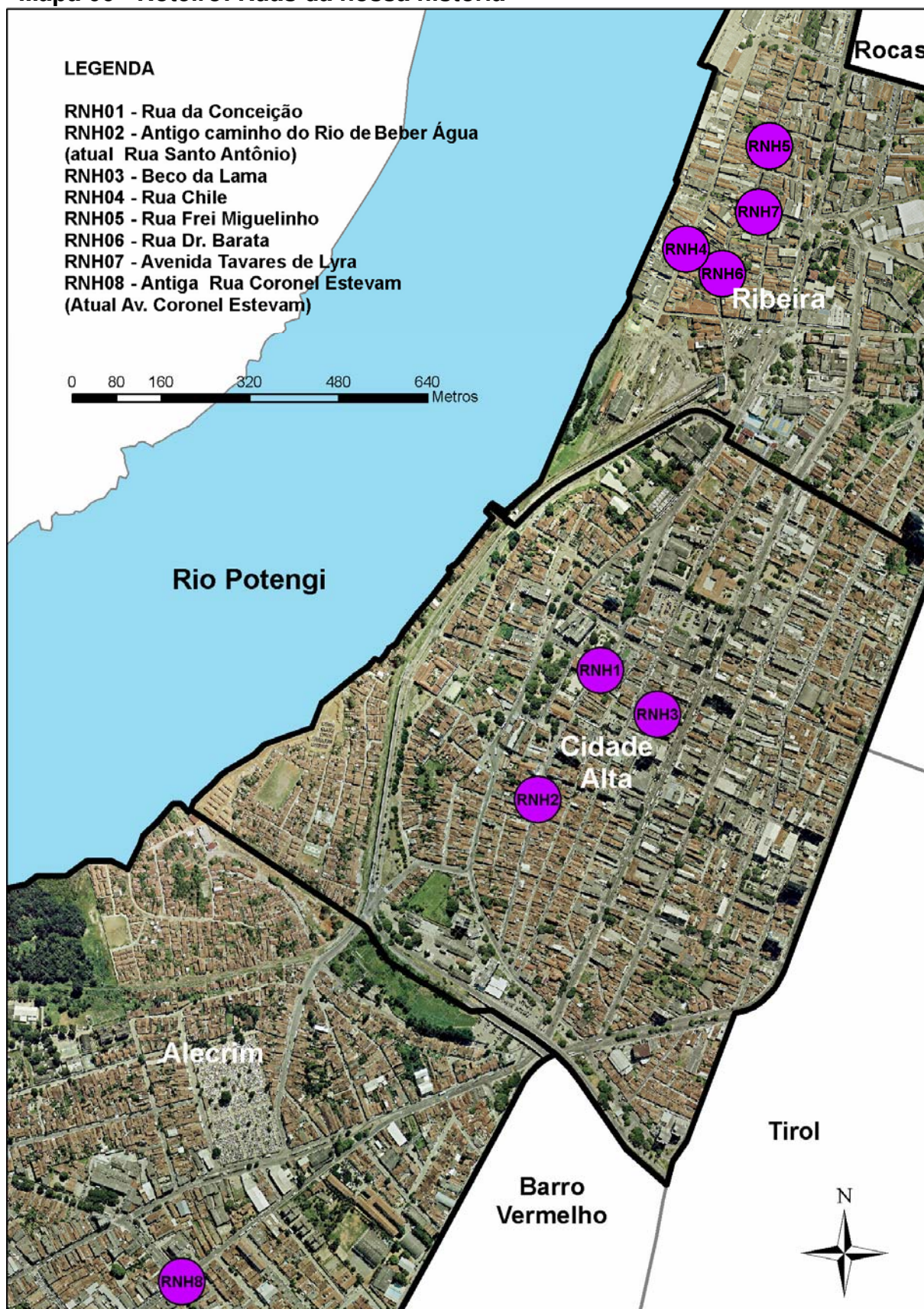
Mapa 05 - Roteiro: Ribeira



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Base cartográfica 2006.

3.4 Roteiro - Ruas da nossa história

Mapa 06 - Roteiro: Ruas da nossa história



Fonte: Mapa elaborado pela SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. Base cartográfica 2006.

4 MONUMENTOS, MUSEUS E ESPAÇOS PÚBLICOS

4.1 PARQUE DAS DUNAS

O Parque das Dunas é uma área localizada na porção leste do município de Natal. É a primeira Unidade de Conservação Ambiental implantada no Estado. Criado em 1977, numa área de 1.172 hectares, constitui-se no segundo maior parque urbano do Brasil, com mais de 270 espécies de árvores. O Parque apresenta formações vegetais de Mata Atlântica com espécies como o pau-brasil, pau-d'arco roxo, peroba, sucupira, além de bromélias e orquídeas.

Sua fauna original, apesar de já reduzida, ainda apresenta considerável diversidade. Na sua área, existem animais silvestres como o timbu, gato-maracajá, raposa, sagüi, nambu, gavião peneira, rasga mortalha, jibóia, cobra-coral, dentre outros. E, ainda, uma grande quantidade de insetos, um dos grupos mais ricos da fauna ali presentes cultural. O Parque das Dunas é uma área de preservação ambiental de fundamental importância na conservação de espécies em extinção e local de proteção aos lençóis freáticos e da qualidade da água existente em Natal. Sua relevância é reconhecida internacionalmente. Em 1994, o Parque foi considerado pela UNESCO como parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica Brasileira e, em 1999, foi reconhecido pelo Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, como posto avançado da Mata Atlântica Brasileira.



Figura 09 - Parque das Dunas. Visão aérea do segundo maior parque urbano do Brasil. Mapa 01 - N30.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.2 MORRO DO CARECA

O Morro do Careca é um dos principais pontos turísticos de Natal e um dos seus mais belos cartões-postais. Junto com as dunas adjacentes, Integra a sexta ZPA - Zona de Proteção Ambiental - das dez existentes no município (SOUSA, 2004). Localizado na praia de Ponta Negra/Alagamar, numa área de 1.136 m². Para alguns analistas do cenário urbano natalense sua silhueta, marcada “pelo ondulado de altas dunas [...] contribui muito para dramatizar a paisagem” (ONOFRE JR., 1998). O morro é um patrimônio natural da cidade, Tombado pelo Conselho Municipal de Cultura, protegido pelo Plano Diretor/2007. Tem deste modo, um conjunto de Leis que objetivam sua preservação.

No entanto, recebe constantes ameaças à sua preservação pelas subidas e descidas dos banhistas, que deslocam a areia e prejudicam a sua vegetação. O lixo depositado em sua área, as queimadas e os cortes da vegetação também é uma ameaça às espécies ali existentes. Em 1990, foi realizado um trabalho de revegetação experimental visando amenizar as agressões a este ecossistema. Apesar disso, o trabalho de preservação desse ambiente natural é bastante difícil, pois a obtenção de resultados favoráveis depende da conscientização das pessoas com relação ao problema existente.



Figura 10 - Morro do Careca. Constituído de dunas costeiras e vegetação nativa, é um dos principais cartões postais da cidade. Mapa 01 - N29.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.3 PARQUE DA CIDADE DO NATAL DOM NIVALDO MONTE

Primeira Unidade de Conservação Ambiental Municipal, localizado na Zona de Proteção Ambiental 1 (ZPA-1), que abrange os bairros de Pitimbu, Candelária e Cidade Nova. Existe duas entradas, uma pelo lado leste (avenida Prefeito Omar O'Grady - Candelária) e outra pelo lado oeste (rua Santo Amaro - Cidade Nova). Todas as duas entradas possuem guarita e estacionamento.

O parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte foi criado através do Decreto Municipal nº 8.078, com uma área de aproximadamente 64 hectares. O Parque tem a importância de conservar os recursos naturais, com destaque para a proteção do manancial de água subterrâneo, apontado por especialistas como um dos mais importantes de Natal.

O Parque além de apresentar uma rica biodiversidade, possui uma praça para eventos, Biblioteca, Anfiteatro, Cafeteria, Centro de Educação Ambiental e uma torre, com uma estrutura de 45m de altura, onde funcionará o Memorial da Cidade e os visitantes poderão ver a cidade do alto.

O projeto arquitetônico do Parque tem a assinatura de Oscar Niemeyer, arquiteto reconhecido em todo o mundo, um verdadeiro poeta do concreto. O Parque da Cidade do Natal é um lugar de lazer e de reflexão sobre a construção de uma cidade saudável.



Figura 11 - Parque da Cidade do Natal Dom Nivaldo Monte. Mapa 01 - N28.

Foto: Esdras Rebouças Nobre / arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.4 ANTIGO ESCRITÓRIO DA ESTRADA DE FERRO



Figura 12 - Antigo Escritório da Estrada de Ferro. Mapa 01 - N01.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

O antigo escritório da Estrada de Ferro do Rio Grande do Norte, situado na Esplanada Silva Jardim, foi construído no início do século XX. Segundo Nesi (1994), sua inauguração ocorreu provavelmente em junho de 1906, por ocasião da visita a Natal do então presidente da República, Afonso Pena. A construção do prédio foi comandada pelo engenheiro Sampaio Correia que, a partir de 1904, chefiou em Natal uma comissão de obras contra as secas com a incumbência de, entre outras atividades, construir uma ferrovia.

Nas palavras de Nesi, (1994, p.58), “trata-se de um prédio majestoso, com partido de planta regular desenvolvido em dois pavimentos [...], de composição perfeitamente simétrica, [...] encimado por uma torre [...] que quebra a horizontalidade [...] dando equilíbrio à edificação”. Em 1950, a Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte passou a denominar-se Estrada de Ferro Sampaio Correia. Em 1968, o prédio do escritório da ferrovia foi desativado e transformado em escola. Seu tombamento, por legislação estadual, ocorreu em 24 de outubro de 1987. Passo importante para preservar o nosso patrimônio arquitetônico.

4.5 CENTRO DE TURISMO

Localizada na Rua Aderbal de Figueiredo, no bairro Petrópolis, esta edificação foi construída provavelmente no final do século XIX, para servir de residência ao Sr. Pio Barreto. Posteriormente, passou a ser utilizada para outras funções. A partir de janeiro de 1912, depois de ampliada e adaptada, abrigou o Asilo de Mendicidade Padre João Maria. De 1920 a 1943 o asilo cedeu espaço para um orfanato infantil feminino e, de 1945 a 1969, funcionou no local o presídio denominado Casa de Detenção de Natal. Esta última função tornou-se a mais marcante na memória popular. Ainda hoje o prédio, que conservou suas grades até os nossos dias, é conhecido por muitos como a “Antiga Casa de Detenção”. Contudo, seus traços neoclássicos originais não foram descaracterizados (NESI, 1994).



Figura 13 - Centro de Turismo. Mapa 01 – N02.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Em 1976, depois de vários anos sem uso efetivo, a edificação foi restaurada pelo governo do Estado e passou a integrar o patrimônio da EMPROTURN. À época, empresa responsável pela promoção das atividades turísticas no Rio Grande do Norte. Desde então passou a funcionar no local o Centro de Turismo de Natal, no qual foram instaladas lojas de artesanato, pátio para shows, boate e restaurante. Sobre sua importância disse Nesi (1994, p.45), “trata-se de uma edificação de relevante interesse arquitetônico, representativa do estilo neoclássico em nosso Estado”. Graças a essa reconhecida relevância, o imóvel foi tombado em 11 de agosto de 1988.

4.6 ESTÁDIO JOÃO CLÁUDIO DE VASCONCELOS MACHADO - O MACHADÃO



Figura 14 - Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado - O Machadão. Mapa 01 – N03.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Sua construção foi iniciada em 1967 por Agnelo Alves, à época prefeito da cidade, mas a inauguração da obra só ocorreu em 1972, já na administração do prefeito Jorge Ivan Cascudo Rodrigues, ainda sob o contexto do regime militar instalado no País (NATAL, 2003). Chamado de Agnelão durante a construção, foi inaugurado oficialmente como Estádio Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, reflexo da conjuntura política então vivenciada pelo Brasil, e ficou conhecido popularmente como o Castelão.

Com o declínio dos militares no controle do governo federal, o estádio foi rebatizado com o nome de João Cláudio de Vasconcelos Machado, uma homenagem ao ex-cronista de expressiva participação no cenário esportivo do Estado. Daí advém o termo Machadão, como atualmente é mais conhecido (NATAL, 2003).

Os jogos inaugurais foram ABC 1 x 0 América, na preliminar, e Seleção Brasileira de Novos 0 x 0 Vasco, na partida principal. No ano da inauguração ocorreram ainda as disputas de um grupo da chamada Mini-Copa, torneio internacional alusivo às comemorações do sesquicentenário da independência do Brasil, do qual participaram Portugal, Equador e Irlanda do Norte (NATAL, 2003). Recentemente, nas altas estações, tem sido freqüente a presença de turistas estrangeiros nos jogos realizados no Machadão.

4.7 FAROL DE MÃE LUÍZA



Figura 15 - Farol de Mãe Luíza. Mapa 01 – N04.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Situado no Morro de Mãe Luíza, no bairro homônimo próximo à Via Costeira, o Farol de Mãe Luíza foi inaugurado em 1951 e possui uma torre com 37 metros de altura. A luminária no alto da torre funciona com energia elétrica, mas em caso de falha o sistema alternativo de gás, operado manualmente, entra em funcionamento. O alcance de sua luz atinge 44 km de distância, com a emissão de lampejos programados a cada 12 segundos (NATAL, 2003).

A visitação pública é feita sob a orientação de um guia. Para subir a torre do Farol, o visitante utiliza a escada interna em espiral com 150 degraus (NATAL, 2003). Do alto da sua estrutura, fixada no Morro de Mãe Luíza, é possível apreciar uma das mais belas paisagens de Natal, vencido os degraus, o encanto é a grande recompensa pelo esforço. O Farol é administrado atualmente pela Capitania dos Portos do Rio Grande do Norte.

Perfeitamente integrado ao cenário urbano, e com localização privilegiada, o Farol de Mãe Luíza tornou-se um dos mais conhecidos pontos do município. Graças a essa identificação com a cidade, a imagem do farol já foi utilizada como logomarca da Prefeitura Municipal de Natal.

4.8 FORTALEZA DOS REIS MAGOS

Durante o contexto da chamada União das Coroas Ibéricas (1580-1640), no qual Portugal ficou subordinado à Espanha, as Cartas Régias do rei Felipe II, soberano que então dominava as duas nações, determinaram ao governador-geral do Estado do Brasil, Dom Francisco de Souza, a concreta ocupação da Capitania. Coube a Manuel Mascarenhas Homem e Feliciano Coelho de Carvalho, capitães-mores, respectivamente, de Pernambuco e Paraíba, comandarem a empreitada cujos objetivos eram: retomar o controle das terras, ameaçado pela incômoda presença francesa, e fundar uma cidade. Foi a partir de tais determinações que, a 6 de janeiro de 1598, teve início a construção da Fortaleza dos Reis Magos e, a 25 de dezembro do ano seguinte, a fundação da cidade de Natal (MEDEIROS FILHO, 1997).

A construção da Fortaleza, após a realização de acordos de paz que possibilitaram o relativo apaziguamento dos nativos, tornou-se de fundamental importância para a conquista e ocupação da região Norte da outrora colônia lusitana na América (CASCUDO, 1999). Símbolo da colonização portuguesa em nosso litoral, a Fortaleza dos Reis Magos teve sua planta concebida pelo padre jesuíta Gaspar de Samperes, sob as influências da arquitetura italiana que, no século XVI, era considerada a mais avançada concepção arquitetônica direcionada para o uso militar (MEDEIROS FILHO, 1997).



Figura 16 - Fortaleza dos Reis Magos. Mapa 01 – N05.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

De 1633 a 1654, durante o domínio holandês sobre a Capitania do Rio Grande, foram alterados os topônimos da cidade, modificado para Nova Amsterdã, e da Fortaleza dos Reis Magos, símbolo da conquista portuguesa nos trópicos. “Em vez de Santos Reis, aclamam o Castelo de Ceulen [ou Keulen]” (CASCUDO, 1999, p.65), A denominação era “uma homenagem ao General Mathias Von Keulen, alto conselheiro da Companhia das Índias Ocidentais e que fizera parte da expedição vitoriosa” (NESI, 1994). Tais mudanças, entretanto, foram efêmeras. Quando os holandeses foram expulsos do Brasil, as tradicionais denominações lusitanas são retomadas.

Na segunda década do século XVII, a fortificação recebeu aditamentos, responsáveis por sua configuração atual, sob a direção de Francisco de Frias de Mesquita, à época, engenheiro-mor do Estado do Brasil (MEDEIROS FILHO, 1997). Em Capítulos de História Colonial Capistrano de Abreu, um dos ícones da historiografia nacional, registra a importância da Fortaleza ao afirmar que “à sua sombra medrou o que é hoje a cidade de Natal” (ABREU, 1998, p. 70). Não obstante, a formação da cidade ocorreu a alguns quilômetros da Fortaleza. Nesse sentido, existe relativo consenso na historiografia norte-rio-grandense acerca de que a região elevada onde atualmente encontra-se a Praça André de Albuquerque, no centro do bairro Cidade Alta, corresponde ao núcleo do sítio histórico de Natal (CASCUDO, 1999).

A Fortaleza dos Reis Magos abriga em seu interior, desde 1976, o chamado Marco de Touros, o mais antigo padrão de posse chantado na antiga colônia portuguesa. Sua origem em território potiguar remonta a 1501, quando aportou no litoral a esquadra responsável pelo “primeiro episódio histórico ocorrido” na outrora Capitania do Rio Grande (MEDEIROS FILHO, 1997).

Tombada pela antiga SPHAN (Secretaria do Patrimônio Artístico Nacional), antecessora do atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a “fortificação representa o mais expressivo marco histórico do Rio Grande do Norte, e um dos mais importantes monumentos nacionais” (NESI, 1994).

4.9 GINÁSIO HUMBERTO NESI - O MACHADINHO

O Ginásio Poliesportivo Humberto Nesi - mais conhecido como o Machadinho - foi inaugurado em junho de 1992, com capacidade para 10000 pessoas. Dotado do que existe de mais moderno para uma praça de esportes, algumas de suas especificações técnicas são consideradas de padrão internacional, como por exemplo, o piso (NATAL, 2003).

O diminutivo atribuído ao ginásio não está diretamente relacionado à sua designação oficial, como é perceptível. Ele resultou da sua proximidade com a maior praça esportiva do Rio Grande do Norte, o Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado. Assim como em outras localidades do território brasileiro, o ginásio incorporou o diminutivo do estádio adjacente. O Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, e o Mineirinho, em Belo Horizonte, são exemplares típicos dessa incorporação. Nos dois casos, foram o Maracanã e o Mineirão, dois dos maiores estádios de futebol do País, que definiram a denominação dos ginásios situados nas suas cercanias.

Antes do Machadinho, o principal ginásio da cidade era o Palácio dos Esportes, construído na década de 1960. A inauguração do Ginásio Humberto Nesi possibilitou ao município de Natal sediar eventos de maior envergadura, como grandes shows e torneios internacionais (NATAL, 2003).



Figura 17 - Ginásio Humberto Nesi - O Machadinho. Mapa 01 – N06.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.10 IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES

De acordo com Arimatéia (2001, p. 22), a construção da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, também conhecida como a Igreja de Pedra, em referência ao aspecto rústico do seu exterior, “data de 1954”. A Igreja situa-se no bairro Redinha, antiga colônia de pescadores, na Região Administrativa Norte de Natal. A construção deste templo católico foi feita por veranistas e recebeu a imagem da padroeira, que era a da capelinha dos pescadores. A partir de então, gerou-se um conflito entre pescadores e veranistas sobre o controle da imagem, que com o passar dos anos foi superado. (NATAL, 2003).

Segundo pesquisadores, a construção do Templo de Pedra está inserida no contexto da terceira fase de ocupação da Redinha, caracterizada pela expansão na direção noroeste e pela edificação do Mercado Público (ARIMATÉIA, 2001). Nesse período, a Redinha já tinha consolidado sua condição de praia de veraneio preferida por muitos natalenses (NATAL, 2003). A partir de então, os frequentadores da Redinha passaram a deliciarem-se com as belezas naturais desta praia e degustarem a tradicional Ginga com Tapioca.



Figura 18 - Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes. Mapa 01 – N07.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.11 IGREJA DE SÃO PEDRO

Primeiro templo católico construído no século XX, sua inauguração ocorreu em 04 de maio de 1919. A igreja dedicada a São Paulo, no bairro do Alecrim, surgiu com a expansão da cidade. Cascudo (1999) lembra o vigário Fernando Nolte, como o primeiro pároco e um dos seus construtores de maior dedicação.

Um dos símbolos do bairro do Alecrim, a Igreja de São Pedro até meados do século XX, com o badalar do seu sino marcando a hora, determinava os afazeres de torres encontra-se a imagem do santo padroeiro.



Figura 19 - Igreja de São Pedro. Mapa 01 - N08.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.12 MARCO DE TOUROS



Figura 20 - Marco de Touros. Monumento que oficializou a posse do território brasileiro pelos portugueses. Mapa 01 - N09.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A pedra trabalhada em mármore foi trazida de Portugal na expedição de 1501, sob o comando do capitão-mor André Gonçalves. Esse monumento tinha por finalidade marcar a posse da terra em nome do Rei de Portugal, segundo registros de Américo Vespúcio, cosmógrafo da expedição. Este monumento é o registro oficial da posse portuguesa, das terras que serviam o Brasil.

Devido sua posição geográfica, tudo indica que o Rio Grande do Norte tenha sido dos primeiros pontos visitados do litoral brasileiro pela primeira expedição enviada ao Brasil, em 1501, após a notificação oficial do seu descobrimento. A referida expedição, comandada por Gaspar de Lemos, chegou a 16 de agosto ao cabo de São Roque e, antes de partir, provavelmente, chantou o marco, ainda existente e conhecido como “Marco de Touros”, na chamada Praia dos Marcos (MARIZ, SUASSUNA, p.29, 2002).

A pesquisadora Jeanne Nesi, em *Natal Monumental* (1994), relata a viagem dos historiadores Luís da Câmara Cascudo e Nestor dos Santos Lima, representantes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, ao município de Touros. Nesta viagem ocorrida em 27 de agosto de 1928, os insignes historiadores conheceram e identificaram o Marco, comprovando desde então, o valor histórico deste monumento.

É um marco de domínio, típico. Sua colocação na enseada deserta denuncia nitidamente a intenção de assinalar, com um índice material a posse portuguesa.
O marco da praia de Touros é um depoimento de quando o Brasil amanhecia...
(CASCUDO, p.44, 2002).

Após o relato dos dois insignes historiadores, iniciou-se uma movimentação em prol da transferência do marco para Natal, pois como foi constatado na visita dos estudiosos, o monumento estava sofrendo desgastes das intempéries do tempo e da própria população.

Naquela praia distante, de difícil acesso, o povo, sugestionado pelas cruzes do marco, venerava-o como objeto de culto religioso. Beatos tiravam lascas da pedra e as pisavam, para uso em chás miraculosos... (ONOFRE Jr., p.73, 2002).

Oswaldo de Souza, representante local, da então, secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, atual IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em visita ao marco de Touros, verificou a adoração da população ao “Santo Cruzeiro”.

O Marco de Touros, por seu valor histórico, foi declarado Patrimônio Histórico Nacional, em 23.08.1962. Atualmente encontra-se na Fortaleza dos Reis Magos. Aberto diariamente, das 8h às 16h, para visitas.

4.13 MUSEU CÂMARA CASCUDO

O Museu Câmara Cascudo faz parte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Fundado em 1960, tem como finalidade desenvolver pesquisa, ensino e extensão universitária. É um Museu de Ciência Natural e Antropologia, mantendo as exposições permanentes com amostras de fósseis (vertebrados e invertebrados), peças arqueológicas e herbário.

Nas visitas ao museu pode-se encontrar uma exposição permanente de petróleo, relatando seu processo de produção no Rio Grande do Norte.

O museu também realiza outras atividades como: adquirir e classificar espécies que dizem respeito às Ciências Naturais e Antropológicas; representa alternativa didática para o 1º e 2º graus, ensino superior; e oferece ao público opção de lazer e cultura.

O museu funciona as segundas, das 12:00h às 17h30min; sextas feiras, das 8:00h às 16h30min, e aos sábados, das 8:00h às 16h30min. Localiza-se na Av. Hermes da Fonseca, 1398 - Tirol.



Figura 21 - Museu Câmara Cascudo. Mapa 01 - N10.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.14 MUSEU DO MAR ONOFRE LOPES

O Museu de Oceanografia é também chamado Museu do Mar Onofre Lopes, em homenagem a seu fundador quando da gestão como reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1973.

O Museu é uma subunidade do Centro de Biociências da UFRN com o objetivo de estudar o desenvolvimento do potencial marinho do Estado, através de projetos, pesquisas e convênios.

A visita ao Museu do mar oferece a descoberta de algumas espécies misteriosas e interessantes da vida marinha, que encanta adultos e crianças. Dentre as curiosidades nele existentes, parte de um rico acervo, está uma barata gigante marinha, da família dos artrópodes, que possui exoesqueleto calcário, cabeça e tórax fundidos numa só peça e encontrada nos oceanos Pacífico e Índico; o caranguejo de cor branca, uma das espécies em extinção; o fúrio, da família do Echinoderma, animal que, visto de longe se confunde com uma planta, tendo no meio das ramificações, um furo que permite sua alimentação e reprodução. E muitas outras preciosidades dos oceanos. O museu localiza-se na Praia de Mãe Luíza, na Via Costeira.



Figura 22 - Museu do Mar Onofre Lopes. Mapa 01 - N11.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.15 CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO

A Arquidiocese define o novo templo dedicado a Nossa Senhora da Apresentação como um conjunto de linhas que elevam o homem até Deus. Assim, a entrada é baixa começando a subir à medida que se entra no templo.

Desde o final do século XIX, muitos vigários sonharam construir essa igreja dentre eles o Padre João Maria. Ao longo dos anos, diversas vezes foi lançada a pedra fundamental, feitos projetos de arquitetura e até mesmo, levantadas paredes, depois demolidas.

Em 1965, Dom Nivaldo Monte retomou o plano, que teve lançada a sua pedra fundamental em 1973. A partir de então, toda a comunidade católica foi mobilizada até que, em 21 de novembro de 1988, no dia consagrado à grande homenageada, foi entregue à cidade do Natal, a sua Catedral consagrada à Nossa Senhora da Apresentação, a sua padroeira. O projeto da Nova Catedral foi elaborado pelo arquiteto potiguar Marcone Grevy.



Figura 23 - Catedral de Nossa Senhora da Apresentação. Mapa 01 - N12.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.16 PALÁCIO DOS ESPORTES - DJALMA MARANHÃO

O Ginásio Djalma Maranhão conhecido como Palácio dos Esportes, está situado na Praça Cívica (Praça Pedro Velho), no bairro de Petrópolis. Construído durante a administração do Prefeito Djalma Maranhão, era à época de sua inauguração, 1963, o único espaço de cidade capaz de concentrar um maior número de pessoas.

Palco de atividade políticas, religiosas, culturais e educativas (aulões), sua fachada ostenta o nome do idealizador do maior Programa de Alfabetização, até então já realizado no Brasil, intitulado “De pé no chão também se aprende a ler” (GURGEL, 1999). Homenagem, justa, do Prefeito Djalma Maranhão, esportista, jornalista, político, homem de imensa sensibilidade humana. Grande incentivador do esporte amador, quando jovem lutou boxe. Também notabilizou-se pela realização dos festivais de cultural, os folgedos populares nos bairros e feiras de livros.

Hoje o Palácio dos Esportes, após algumas reformas, tem capacidade para acomodar quatro mil pessoas.



Figura 24 - Palácio dos Esportes - Djalma Maranhão. Mapa 01 - N13.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.17 ANTIGA PONTE SOBRE O RIO POTENGI

No dia 20 de abril de 1916 foi inaugurada a primeira ponte rodo-ferroviária sobre o rio Potengi, medindo 550 metros de extensão, feita em estrutura metálica, construída por uma empresa inglesa. Durante muito tempo funcionou como ligação entre a parte norte do município com as demais áreas da cidade.

O controle do tráfego nesta via era feito por um homem-sinaleiro em cada uma das extremidades da ponte para liberar ou interromper o tráfego em que o trem tinha total prioridade sobre os demais veículos.

Com o crescimento da cidade e a intensa movimentação de veículos, a velha ponte já não mais atendia às necessidades e no dia 26 de setembro de 1970, foi inaugurada a nova ponte ao lado da antiga. Atualmente, mesmo após ter sido desativada, permanece como testemunha de uma época.



Figura 25 - Antiga ponte sobre o Rio Potengi. Mapa 01 - N14.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.18 PÓRTICO MONUMENTAL DE NATAL

Inaugurado a 30 de dezembro de 1999 e localizado no quilômetro 08 da BR-101, o Pórtico Monumental de Natal foi erguido para comemorar os 400 anos de fundação da cidade.

O pórtico é composto de uma estrela, cuja cauda transpassa a estrada de acesso a Natal, no limite com o município de Parnamirim. A obra, um arrojado projeto estrutural sem precedentes na arquitetura potiguar, é de autoria dos arquitetos Moacir Gomes e Eudes Montenegro. Os cálculos estruturais foram feitos pelo engenheiro José Pereira. Já a estrela e as estátuas dos Reis Magos são obras do artista plástico Manxa. Um presente desses profissionais para homenagear a cidade no ano do seu quarto centenário.

No monumento existe uma placa com a seguinte inscrição: “Que esta estrela, símbolo da mesma que brilhou no céu para guiar os passos dos Reis Magos, ilumine e proteja Natal e o seu povo, renovando em cada um a fé e o orgulho de ser natalenses”.



Figura 26 - Pórtico Monumental de Natal. Mapa 01 - N15.
Foto: Prefeitura do Natal.

4.19 PRAÇA CÍVICA (PRAÇA PEDRO VELHO)



Figura 27 - Praça Cívica (Praça Pedro Velho). Mapa 01 - N16.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A definição do local onde a Praça Pedro Velho seria erguida ocorreu em 1929, por meio de um segundo plano de urbanização da cidade, o qual era chamado de “Plano de Sistematização”, desenvolvido pelo arquiteto Giácomo Palumbo. Durante a administração de Prefeito Gentil Ferreira de Souza, ocorreu uma mudança no referido plano de urbanização da cidade, referente ao espaço onde seria construída a Praça Pedro Velho (OLIVEIRA; DANTAS, 2003).

A praça transformou-se num local de encontros dos natalenses e logradouro preferido para realização de eventos culturais. Durante a II Guerra e nos anos seguintes, era o centro da vida cultural e ponto de encontro da cidade.

Seu patrono, segundo a historiadora Denise Mattos Monteiro (2000), foi a figura chave do Movimento Republicano no Rio Grande do Norte. Membro de uma das famílias tradicionais do estado tem antepassados ilustres como Jerônimo de Albuquerque, primeiro capitão-mor da Fortaleza dos Reis Magos e André de Albuquerque, líder do movimento de 1817. Professor de História do Atheneu Norteriograndense, Diógenes da Cunha Lima (1999) lembra a preocupação do educador que escreve cartas para os pais e os alunos, praticando, já naquele tempo, uma “Pedagogia da Presença”.

Eleito governador do estado, em 1892, pela Assembléia Legislativa, mesmo com o fim do mandato em 1896, a oligarquia Maranhão, inaugurada por Pedro Velho, matem-se no poder até 1913 (MONTEIRO, 2000).

Em 1969, em pleno governo militar, foi transferido para o local atual o monumento de Pedro Velho. Desde esta data, o desfile cívico-militar acontece na Avenida Prudente de Moraes, passando em frente a um palanque na praça, para as autoridades civis, militares e religiosos. Restaurada na administração do Prefeito Carlos Eduardo Alves, recebeu nova iluminação transformando-se num bom convite para passear a noite, conta ainda com uma boa arborização, lugar ideal para quem procura um refúgio do sol ou apenas deseja descansar um pouco.

4.20 PRÉDIO DA DELEGACIA FISCAL DO TESOIRO NACIONAL

Segundo Jeanne Nesi (1994, p.115): trata-se de um prédio de expressivo valor arquitetônico. Apresenta uma fachada, cuja frente e laterais assumem um único bloco. Implantado no alinhamento da rua, o prédio da Delegacia Fiscal apresenta partido de planta quadrangular, desenvolvido em três pavimentos. Uma barra de mármore com aproximadamente 1,80m reveste toda sua parte inferior externa. Possui cobertura por platibanda e uma única marquise, que contorna toda a parte superior do prédio.

Inaugurado no dia 10 de junho de 1955, com a presença do Dr. Mário Câmara, representando o Presidente da República Café Filho, recebeu as bênçãos do bispo - auxiliar da época, Dom Eugênio de Araújo Sales.

O prédio da Delegacia Fiscal não é tombado pelo patrimônio histórico. Continua desenvolvendo a mesma função para a qual foi construído. Na sua parte frontal encontra o brasão da república.

Localizado na Esplanada Silva Jardim, nº 109, no bairro da Ribeira. Sua construção foi iniciada em 1949 e concluída 06 anos depois. O prédio da Delegacia Fiscal do Ministério da Fazenda é um belo exemplar da arquitetura de estilo clássico.



Figura 28 - Prédio da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional. Mapa 01 - N17.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.21 BASE NAVAL ALMIRANTE ARY PARREIRAS

Natal, cidade “Trampolim”, ponto de pouso de pioneiros da aviação internacional, quando as águas do Rio Potengi transformavam-se em ponto de chegada e saída dos hidroaviões das companhias aéreas, francesas, alemãs e inglesas, todas com suas cores disputando o nascente comércio aéreo. Natal “Trampolim” da aviação comercial, desde os primeiros anos da década de 1920, acrescenta ao seu nome “Vitória”, fruto de sua participação durante a Segunda Guerra Mundial.

A cidade do Natal, terra do historiador Luís da Câmara Cascudo e berço dos índios Potiguara, também tem na sua história significativa participação na formação da marinha brasileira. Aqui foi implantada, em 1908, Escola de Aprendizes de Marinheiros. Primeira unidade militar das regiões norte nordeste com o objetivo de formar “marujos”. Seu primeiro diretor foi o comandante Sylvio Pelico.

Natal com esta vocação histórica e diante do cenário de conflito surgido com a eclosão da Segunda Guerra Mundial é escolhida para sediar uma nova base naval. O objetivo era garantir a defesa do litoral brasileiro neste período de beligerância.

Foi neste contexto de conflitos, entre as nações, nasceu a Base Naval Almirante Ary Parreiras, segundo Cascudo (1999, p. 422):

A marinha mandara o almirante Ari Parreiras criar a Base Naval do Natal [...], prevendo a tempestade. O almirante Parreiras criou tudo, terra, clima, ritmo, força realizadora, obstinação, ditadura da honestidade, mística do sacrifício silencioso, discreto e diário.

A construção da Base Naval Almirante Ary Parreiras, teve início em outubro de 1941, e foi concluída em 1944. A escolha do patrono é uma homenagem aquele que foi seu primeiro comandante, homem de ação o almirante Ary Parreiras deixou gravado na história de Natal sua digital de empreendedor.



Figura 29 - Base Naval Almirante Ary Parreiras. Mapa 01 - N18.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.22 TEATRO MUNICIPAL SANDOVAL WANDERLEY

Sua origem foi o antigo Teatrinho do Povo, inaugurado em 1963, durante a administração do prefeito Djalma Maranhão. Desativado após 1964, somente foi reaberto em 1971. Em 1973, foi denominado Teatro Municipal Sandoval Wanderley, em homenagem a um dos principais nomes da dramaturgia potiguar.

Localizado no bairro popular do Alecrim, na Avenida Presidente Bandejas, no mesmo local em que na década de 50 do século XX, funcionou uma biblioteca pública com mais de 2000 livros local de conhecimento e cultura, desde sua origem, o antigo Teatrinho do Povo, transformou-se numa referência em espaço público destinado as artes cênicas. Em sua edificação encontramos a digital de Djalma Maranhão, o prefeito dos folgedos populares.



Figura 30 - Teatro Municipal Sandoval Wanderley. Mapa 01 - N19.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.23 MERCADO DA REDINHA

O mercado público foi construído em 1949, localizado às margens do Rio Potengi, próximo ao Redinha Clube e a Capelinha. Local de comercialização de peixes e outros “frutos do mar”, o Mercado da Redinha é parada obrigatória a todos e todas que visitam aquela praia. O mercado é lugar de degustação de diversas iguarias, entre elas, destaca-se a ginga, peixe frito com tapioca.

Lugar de comer, beber e de memória, este é o Mercado da Redinha, espaço público que conta um pouco da história da ocupação, da praia, local de encontro de veranistas e pescadores. Comer uma ginga e olhar o encontro do mar com o Rio Potengi é um convite irresistível.



Figura 31 - Mercado da Redinha. Mapa 01 - N20.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.24 CEMITÉRIO DO ALECRIM

Lugar de descanso e de memória. Construído em 1856, por ordem do Presidente Antônio Bernardo de Passos, o Cemitério do Alecrim, foi o primeiro de Natal. Antes eram as igrejas tumularias da sociedade, como informa Cascudo (2002).

O Cemitério do Alecrim sofreu intervenções modernistas no final dos anos trinta, do século passado, na administração de Gentil Ferreira. Guardiã dos mortos é também lugar de memória da cidade do Natal.



Figura 32 - Cemitério do Alecrim. Mapa 01 - N21.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.25 PONTE DE TODOS “NEWTON NAVARRO”

Obra de grande beleza arquitetônica e de fundamental importância social. Erguida sobre o Rio Potengi, liga a praia da Redinha a praia do Forte. O nome é o reconhecimento de todos àquele que melhor retratou através da pintura e da literatura a Redinha e o Potengi.

Newton Navarro foi um dos intelectuais mais ativos do Rio Grande do Norte, seu nome destaca-se na pintura, no teatro e na literatura. Segundo o pesquisador Gurgel (2001), Navarro produziu simultaneamente textos para jornais e peças teatrais. Dono de uma obra eclética deixou um rico legado para cultura norte-rio-grandense. Conhecer a obra de Newton Navarro significa compreender os fatores formadores da cidade do Natal.



Figura 33 - Ponte de Todos “Newton Navarro”. Mapa 01 - N22.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.26 ANTIGO CEMITÉRIO DOS INGLESES

Localizado na margem esquerda do rio Potengi, na gamboa Manimbu, praia da Redinha. Neste local eram enterrados os estrangeiros, aqui falecidos. Há registro do uso desta área, datados de meados do século XVIII.

Cascudo(1976, p. 132), no livro das Velhas Figuras, nos informa sobre a localização do cemitério:

A margem da camboa Manimbu, perto da praia da Redinha, está um cemitério pequenino. A sombra dos raros coqueiros mirrados dá um ar de repouso que inda mais triste torna a solidão dos mortos esquecidos.
É o cemitério dos Ingleses. [...]
Aí sepultavam os estrangeiros protestantes.

Resistente ao tempo, não conseguiu sobreviver aos caçadores de tesouros. Hoje, antigo cemitério, está inserido na ZPA - 08 (Zona de Proteção Ambiental - 08), podendo, enfim, guardar seus mortos em paz e parte da memória da cidade.



Figura 34 - Antigo Cemitério dos Ingleses. Mapa 01 - N23.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.27 ANTIGO CINEMA RIO GRANDE

Inaugurado em 11 de fevereiro de 1949, construção moderna, resultado da idealização dos sócios, Otacílio Maia, Rui Moreira Paiva, Raul Ramalho e João Mascena. Nascia, então, uma casa sintonizada com os novos tempos. O antigo Cinema Rio Grande na sua origem também funcionou com serviços de sorveteria, bar, bomboniére e *nigth-club*, como informa o pesquisador Fernandes (2007).

Por mais de 40 anos, o Rio Grande, foi ponto obrigatório de encontro dos amantes da Sétima Arte. Várias gerações de natalenses se formaram nas sessões do antigo Cinema Rio Grande. Hoje, fechado o cinema, o prédio localizado na Avenida Deodoro resiste as temperes do tempo. Fazendo parte da história da cidade do Natal, esta construção é um lugar de memória.



Figura 35 - Antigo Cinema Rio Grande. Mapa 01 - N24.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.28 FEIRA DO ALECRIM

A feira mais conhecida de Natal nasceu do desenvolvimento de pequenos comerciantes em terem um espaço para vender seus produtos. Este grupo de empreendedores, liderados por José Francisco, numa madrugada de domingo do dia 18 de julho de 1920, ergueram suas barracas e passaram a comercializar seus produtos.

Em 1940, durante a administração do prefeito Gentil Ferreira, a feira passou a funcionar aos sábados, desde então, transformou-se em referência na comercialização de produtos fruto-granjeiro para os natalenses e moradores das cidades vizinhas.

A Feira do Alecrim é um convite àqueles que procuram o clima de cidadezinha. Hoje é lugar de memória que resiste ao tempo, local de parada obrigatória para quem deseja conhecer a “alma” dos conterrâneos de Câmara Cascudo.



Figura 36 - Feira do Alecrim. Mapa 01 - N25.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.29 BUSTO DO PROF. JOÃO TIBÚRCIO

Inaugurado em 15 de outubro de 1928, obra de Hostílio Dantas, toda em bronze, é uma justa homenagem aquém dedicou mais de 50 anos ao magistério. Professor de Latim e Português, João Tibúrcio foi lembrado por Cascudo (1974), em suas acta diurnas:

Foi meu professor de latim, dois anos. Era na casinha da Praça das Laranjeiras, hoje Dom Pedro Segundo, última a direita ao descer para o Passo da Pátria. Aí, às quatro horas, encontrava-o com a camisa de peitilho espelhante, chinelão de couro vermelho, o charuto e a pachorra imperturbável. Fora mestre meio século e para ele, a mocidade continuava inarredável nos alunos que a vida envelhecia, destroçava ou erguia para o governo do Estado, senatória ou ministérios. “Aquele menino Alberto Maranhão... aquele menino Tavares de Lira”. [...]

O Busto do Prof. João Tibúrcio, após fazer uma verdadeira peregrinação por diversos logradouros da cidade, foi colocado no pátio do Colégio Atheneu, lugar de memória da educação natalense.



Figura 37 - Busto do Prof. João Tibúcio. Mapa 01 - N26.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.30 ANTIGA BASE DE HIDROAVIÕES (A RAMPA)

Localizada à margem direita do Rio Potengi, a Antiga Base de Hidroavião conhecida como A Rampa, é um lugar repleto de significados históricos. Local de chegada dos aviões da Panair do Brasil, na década de 30 do século passado. Exerceu, também, importante papel durante a Segunda Guerra Mundial, servindo de base para os aviões de patrulha da Marinha Americana (NESI, 1994).

A Rampa é um lugar de grande importância histórica, pois, como registra à história sua participação durante a Segunda Guerra Mundial foi fundamental para a transformação de Natal em “Trampolim da Vitória”. Sobre a Rampa, em a História da Cidade do Natal, Cascudo (1999, p. 424) diz:

Os norte-americanos, para abrigar os grandes 24 PBY, de 36 horas de voo autônomo, criaram uma base fluvial no Potengi, utilizando o local ocupado pelo Sindicato Condor. Transformaram o ambiente, fazendo surgir casas, estaleiros, cais de atração e subida para os aviões anfíbios, armazéns, hospitais, cassinos, com higiene, claridade, fartura de alegria e de entusiasmo. Era a Rampa da Limpa, [...].

A antiga base de hidroaviões, a Rampa foi edificada em 1944. Lugar de memória, faz parte do Patrimônio Histórico Estadual, desde 17/02/1990, quando ocorreu seu Tombamento.



Figura 38 - Antiga Base de Hidroaviões (A Rampa). Mapa 01 - N27.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.31 ANTIGA CASA DO PADRE JOÃO MARIA (ATUAL SEDE DO IPHAN/RN)

A antiga residência do Padre João Maria está localizada à Rua da Conceição, nº 603, no bairro Cidade Alta. A edificação fora adaptada para moradia, uma vez que sua construção data do século XVII. No local funcionou, neste período, o Armazém Real da Capitania do Rio Grande. Em 1881 o Padre João Maria, considerado santo por parte dos católicos locais, morou na referida casa quando era pároco da Igreja de Nossa Senhora da Apresentação. (NESI, 1994).

Na concepção de Nesi (1994), essa edificação possui expressivo valor histórico e arquitetônico. A casa apresenta partido de planta retangular, desenvolvido em um único pavimento. A fachada do prédio apresenta traços e características neoclássicas, possuindo platibanda com cornija e ornatos de massa.



Fig

ura 39 - Antiga Casa do Padre João Maria (atual sede do IPHAN/RN). Mapa 02 - C01.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Quando o imóvel foi adquirido pela Fundação Pró-Memória, do governo federal, ocorreu sua restauração em parceria com a Fundação José Augusto, entidade vinculada ao governo estadual, e ali foi instalado o escritório da Secretaria do Patrimônio Histórico Artístico Nacional / Pró-memória. Sua reinauguração, com essa nova atribuição, ocorreu em 28 de março de 1986. Tombado a nível estadual desde 1990, o prédio abriga hoje a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, e promove a realização de eventos culturais, como exposições de artes e lançamentos de livros (NESI, 1994).

4.32 ANTIGO PRÉDIO DO CONGRESSO ESTADUAL (ATUAL SEDE DA OAB/RN)

Situada no atual Largo Junqueira Aires, na Cidade Alta, a sede do antigo Congresso Legislativo Estadual, precursor da Assembléia Legislativa, foi inaugurada em 1906. O prédio ainda mantém as linhas arquitetônicas no estilo Art-Nouveau, traçadas pelo arquiteto Herculano Ramos, e tem como característica predominante o caráter decorativo, cujos traços possuem formas sinuosas, cheias de movimentos que imitam flores (NESI, 1994).



Figura 40 - Antigo Prédio do Congresso Estadual (atual sede da OAB/RN). Mapa 02 - C02.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

De 1938 a 1974, a edificação pertenceu ao Tribunal de Justiça do Estado. A partir de 1978, passou a abrigar a sede local da Ordem dos Advogados do Brasil, seção RN. Em 1984, foi realizada uma ampla reforma do prédio, respeitando os padrões do projeto de Herculano Ramos. As portas, janelas e gradis, que ainda são os originais, foram confeccionados no Rio de Janeiro, especialmente para este prédio de expressivo valor histórico e arquitetônico. Fatos marcantes da história da cidade ocorreram nas suas dependências. “Dentre eles o velório do senador Pedro Velho [antigo líder da oligarquia Albuquerque Maranhão], ocorrido no salão nobre, nos dias 12 e 13 de dezembro de 1907” (NESI, 1994, p.60). Em 30 de julho de 1992, este prédio foi tombado a nível estadual.

4.33 ANTIGO PRÉDIO DA CAPITANIA DOS PORTOS (ATUAL CAPITANIA DAS ARTES)

No local deste prédio localizado na Avenida Câmara Cascudo, Cidade Alta, no chamado Corredor Cultural de Natal funcionou, de 1873 a 1885, e de 1890 a 1898, a Companhia de Aprendizes Marinheiros. Segundo Nesi (1994, p.40), demolida a velha edificação, “no mesmo local foi edificado um novo prédio, que serviu de sede à Capitania dos Portos até o ano de 1972”. Depois de longo período de abandono, foi restaurado em 1989 pela Secretaria Municipal de Turismo - SECTUR, na administração da prefeita Wilma de Faria.

O projeto de reforma é de autoria do arquiteto João Maurício de Miranda, cuja proposta reuniu a preservação da fachada em estilo neoclássico, concepção arquitetônica difundida no Brasil pela Missão Artística Francesa de 1816, e no interior do prédio a utilização dos recursos da arquitetura moderna (NESI, 1994).



Figura 41 - Antigo Prédio da Capitania dos Portos (atual Capitania das Artes). Mapa 02 - C03.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Atualmente funciona no local a Capitania das Artes, complexo artístico-cultural para estudo e lazer, que abriga biblioteca, área para cursos, seminários, exposições e lançamento de livros. Nela, funcionam a Biblioteca Municipal Esmeraldo Siqueira e a Escola Municipal de Ballet. À Capitania das Artes também está vinculado o Teatro Municipal Sandoval Wanderley, localizado no bairro Alecrim. Em 11 de agosto de 1988, o prédio revitalizado foi tombado a nível estadual. Dessa forma, a antiga edificação ressurgiu para servir à cultura local (NESI, 1994).

4.34 CASA DE CÂMARA CASCUDO

A casa que pertenceu a Luís da Câmara Cascudo está localizada no nº 377 da avenida que atualmente, em sua homenagem, recebe o seu nome. Esta edificação foi construída em 1900, pelo industrial Afonso Saraiva de Albuquerque Maranhão. Tempos depois, o antigo proprietário vendeu o casarão ao desembargador José Teotônio Freire. Com o seu falecimento, em 1944, o imóvel passou a ser ocupado por seu genro, Luís da Câmara Cascudo, a mais expressiva figura intelectual do Rio Grande do Norte (NESI, 1994).

A residência, que abrigou Cascudo por mais de 40 anos, foi construída sob a influência da concepção arquitetônica neoclássica, no estilo chalé, preservando ainda sua feição original. O imóvel apresenta planta retangular, com cobertura em duas águas. Possui pátios laterais que favorecem a ventilação e iluminação, e a fachada principal destaca-se pelo seu “frontão triangular com um óculo central e uma cobertura arrematada por cornija e um belo lambrequim” (NESI, 1994, p. 52).

A outrora residência de Câmara Cascudo, em conjunto com outras edificações, compõe o chamado Corredor Cultural de Natal. Por sua relevância histórica e arquitetônica, esta casa é considerada patrimônio cultural do município e foi tombada, a nível estadual, em 17 de fevereiro de 1990.



Figura 42 - Casa de Câmara Cascudo. Mapa 02 - C04.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.35 CASA DA ESTUDANTE

A casa de nº 528 do Largo Junqueira Aires, Cidade Alta, abriga a Casa da Estudante, entidade sem fins lucrativos, de assistência social e educacional, fundada em 11 de agosto de 1954. A sessão de fundação foi presidida pelo médico Varela Santiago, homem de grande sensibilidade humana é um dos pioneiros na proteção da infância natalense. Nascia, então, um lugar de acolhimento “as moças estudantes do Estado” (Folha da Memória, março/abril - 2003).

Pesquisadores da arquitetura da cidade de Câmara Cascudo apontam a edificação da casa, como sendo de antes de 1926, afirmando que:

O imóvel de arquitetura eclética exhibe em sua fachada principal a inscrição - MCM XXVI, provavelmente a data da construção de sua platibanda, pois a casa já aparece em fotografias anteriores a 1926.

(Folha de Memória, março/abril - 2003)



Figura 43 - Casa da Estudante. Mapa 02 - C05.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Localizada em pleno Corredor Cultural, a Casa da Estudante, compõe com outras edificações a memória da cidade. Tombada como Patrimônio Histórico Estadual, desde 19/05/2004, sua preservação garante as novas gerações o direito à memória.

4.36 CASA DO ESTUDANTE

O atual prédio da Casa do Estudante, situado na Praça Lins Caldas, na Cidade Alta, foi originalmente construído para sediar o Hospital de Caridade, cuja construção foi concluída em abril de 1856. Depois de ser extinto em 1906, e recriado em 1909, o hospital foi transferido para outro local. Tal fato possibilitou que a partir de 1º de janeiro de 1910 passasse a funcionar neste prédio, com as devidas adaptações, a Escola de Aprendizes Artífices. Cerca de 4 anos depois, ocorreu a transferência do estabelecimento educacional para a Avenida Rio Branco, no centro da cidade (NESI, 1994).

Desocupada a antiga edificação instalou-se nas suas dependências, no dia 17 de setembro de 1914, o Batalhão de Segurança, precursor da Polícia Militar do Rio Grande do Norte, naquele que seria seu penúltimo domicílio, “porque, 39 anos mais tarde passaria de modo definitivo, para o grande Quartel da Avenida Rodrigues Alves” (WANDERLEY, 1969, p. 28).

Em 23 de novembro de 1935, Natal presenciou uma insurreição com a participação de cabos e soldados procedentes do 21º Batalhão de Caçadores - quartel do Exército, localizado onde hoje se encontra o Colégio Winston Churchill. Nesta insurreição, por muitos definida como a Intentona Comunista, o antigo quartel da Polícia Militar, depois do ataque dos rebeldes, ficou crivado de balas. Era o início de um efêmero governo de orientação comunista instalado em Natal, que não ultrapassou o seu terceiro dia de existência (COSTA, 1995).

Em 30 de maio de 1953, ocorreu a transferência do antigo Batalhão Policial Militar. Embora fundada em 2 de junho de 1946, até então a Casa do Estudante não possuía sede própria. Funcionava de forma precária em uma casa alugada. “Com a desocupação do imóvel [...] iniciou-se uma campanha [...] para que ali fosse instalada a Casa do Estudante. Atendido o pleito, a Casa do Estudante iniciou as suas atividades no novo endereço, no dia 22 de agosto de 1956” (NESI, 1994, p.30).

De significativa importância arquitetônica, a edificação que atualmente acolhe a Casa do Estudante, no seu projeto original, possuía apenas um pavimento. Quando da sua utilização como quartel foi ampliada e incorporou mais um andar. Apesar dessa reforma foram preservadas suas características originais, com sua formatação retangular e fachada de aspecto típico do estilo neoclássico. Sua planta de cobertura apresenta quatro águas, contornada por platibanda, apresentando em sua porção central um frontão em forma de triângulo (NESI, 1994).

Prédio de expressivo valor histórico, há mais de 140 anos presente no cenário urbano de Natal, o edifício da Casa do Estudante é tombado a nível estadual. Sua preservação, assim como a de outras edificações de equivalente importância, significa respeito ao nosso patrimônio cultural.



Figura 44 - Casa do estudante. Mapa 02 - C06.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.37 SOLAR JOÃO GALVÃO DE MEDEIROS (ATUAL CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY DE SOUZA)

O Casarão da Avenida Luís da Câmara Cascudo, antiga Avenida Junqueira Aires, foi erguido em 1908 por determinação de João Alfredo, seu primeiro proprietário. Posteriormente, a edificação foi adquirida pelo coronel da Guarda Nacional, Aureliano de Medeiros, que residiu no local por dois anos enquanto construía, “em terreno ao lado, o seu palacete que receberia a merecida denominação de Solar Bela Vista” (NESI, 1994, p.72).

Comerciante perspicaz, o coronel Aureliano era dono da loja Paris em Natal, uma das mais famosas da cidade no início do século XX. Com a sua morte D. Olímpia de Medeiros, sua filha, herdou o imóvel. Como era solteira, ao falecer deixou o casarão de herança para dois de seus parentes mais próximos: João de Medeiros Filho e Bernardo Galvão Medeiros (NESI, 1994).



Figura 45 - Solar João Galvão de Medeiros (atual Centro de Documentação Eloy de Souza). Mapa 02 - C07. Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A edificação foi construída em estilo chalé e constitui-se num dos poucos exemplares deste estilo ainda existente em Natal. Ao longo de sua existência, foi utilizado como residência e hotel; ficou desocupado por várias décadas, período no qual sofreu incêndio que destruiu parte de sua cobertura. Em sua restauração, no ano de 1999, foram mantidas as estruturas originais internas compatíveis com a preservação de um patrimônio do Corredor Cultural de Natal, de reconhecida relevância para a memória da cidade (NATAL, 2003).

O prédio é administrado pela Fundação José Augusto, do governo do Estado do Rio Grande do Norte, que nele implantou o Centro de Documentação e Pesquisa, e a Oficina de Restauração. No local, está à disposição do público considerável acervo documental escrito e iconográfico. De expressivo valor arquitetônico, o Solar João Galvão de Medeiros foi tombado, a nível estadual, em 19 de julho de 1988 (NATAL, 2003).

4.38 COLUNA CAPITOLINA

Esta coluna foi presenteada à cidade pelo então líder italiano Benito Mussolini para comemorar o vôo Roma/Natal, realizado em 1928, com a travessia do Atlântico sem escalas, pelos aviadores Arturo Ferrarin e Carlo Del Prete. O monumento é uma coluna extraída das ruínas do templo sagrado de Júpiter, cuja localização fica no Monte Capitólio, em Roma. Daí a sua tradicional denominação (NESI, 1994).

Inicialmente, a coluna foi instalada na esplanada do Cais do Porto, no bairro Ribeira. Segundo Nesi (1994, p.97), “a solene inauguração do monumento ocorreu no dia 8 de janeiro de 1931, na presença do general Ítalo Balbo, Ministro da Aeronáutica” da Itália.



Figura 46 - Coluna Capitolina. Mapa 02 - C08.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Em 1935, com o levante comunista em Natal, o monumento foi ojerizado como símbolo do fascismo. Posteriormente, a Coluna foi erguida na Praça João Tibúrcio. Tempos depois, foi transferida para a Praça Carlos Gomes, no Baldo e, atualmente, encontra-se no Largo Vicente Lemos, em frente ao Instituto Histórico e Geográfico, na Cidade Alta.

De relevante valor artístico e histórico, a Coluna Capitolina foi tombada como Patrimônio Histórico Estadual em 17 de fevereiro de 1990.

4.39 COLUNA DOS MÁRTIRES

Localizada na Praça André de Albuquerque marco zero da cidade, este monumento foi erguido em homenagem aos potiguares, Padre Miguelinho e André de Albuquerque, que tiveram destacada participação na chamada Revolução Pernambucana de 1817.

A coluna dos Mártires foi entregue a população de Natal em 12 de junho de 1917, conforme Onofre Jr. (2002, p.78).

...dentro das comemorações do centenário da Revolução de 1817, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do RN, Cel. Pedro Soares, fez a entrega do monumento à cidade, num ato solene, do qual foi orador o poeta Henrique Castriciano.



Figura 47 - Coluna dos Mártires. Mapa 02 - C09.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Construído de uma coluna de granito de cinco e meio metros de altura, sobre um pedestal, com inscrições em placa de bronze. Este monumento é uma justa homenagem, aos norte-rio-grandenses participantes do movimento Republicano de 1817. Segundo a historiadora Monteiro (2000):

A principal característica do movimento de 1817 foi a oposição ao sistema colonial português e sua proposta fundamental era proclamação das capitânicas do Nordeste. Este é um monumento que expressa uma parte de nossa história.

4.40 BUSTO DO PADRE JOÃO MARIA

O Padre João Maria exerceu o sacerdócio, em Natal, de 7 de agosto de 1881 a 16 de outubro 1905, quando faleceu no bairro Petrópolis (NESI, 1994). O busto em bronze do Padre João Maria, de autoria do escultor Hostílio Dantas, foi inaugurado a 7 de agosto de 1921. O monumento está localizado no bairro Cidade Alta, na praça que tem o nome do homenageado, e tornou-se centro de devoções populares (ONOFRE Jr., 1998).



Figura 48 - Busto do Padre João Maria. Mapa 02 - C10.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo

De meados da década de 60 a novembro de 1975, o busto do ilustre reverendo esteve sobre uma espécie de mesa de mármore, dando as costas para a velha catedral. A partir de então, “voltou ao primitivo local, no centro da praça, e com o pedestal de antes” (ONOFRE Jr. 1998, p.92). O monumento tem a frente voltada para a igreja de Nossa Senhora da Apresentação, da qual o Padre João Maria foi vigário (NATAL, 2003).

Diariamente, fiéis reverenciam o busto do antigo sacerdote santificado pela população católica de Natal. Diante do monumento muitos rezam, acendem velas, depositam flores e prestam homenagens àquele que, por sua bondade e obras de assistência aos mais necessitados, é tido como santo e protetor de inúmeros devotos.

4.41 IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO (CATEDRAL VELHA)

Esta edificação está localizada na Praça André de Albuquerque, na Cidade Alta, na área da antiga capela erguida em 1599 por ocasião da fundação da cidade, cuja conclusão só ocorreu em 1619. Durante o domínio holandês sobre a Capitania do Rio Grande, que perdurou de dezembro de 1633 a fevereiro de 1654, a igreja foi transformada em templo calvinista e, quando da fuga dos batavos, foi destruída (CASCUDO, 1999).

Desde a sua construção, o templo passou por diversas reformas que deram à antiga capelinha elementos para a sua atual configuração. Entre essas, Cascudo (1999, p.100) destaca a reconstrução ocorrida após a expulsão dos holandeses, as reformas de 1672-1694 e a remodelação geral de 1786, que “retiraram da matriz todos os característicos”.

Em 1995, foram realizadas obras na antiga Catedral Metropolitana de Natal com o intuito de reconstituir as suas formas originais. Foram descobertas antigas sepulturas - até o século XIX não existia cemitério em Natal - detalhes no piso, paredes, forros e altares que atestam a herança deixada por gerações passadas. Embora descaracterizado em relação às suas origens, este templo possui valor histórico indiscutível. Segundo Nesi (1994), seu tombamento a nível estadual ocorreu em 30 de julho de 1992.



Figura 49 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação (Catedral Velha). Antiga Catedral Metropolitana de Natal. Mapa 02 - C11.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.42 IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário possui Localização privilegiada. Está situada no Largo do Rosário, Cidade Alta, nas proximidades da Pedra do Rosário e da Praça André de Albuquerque. “Acha-se ela implantada em um platô, de onde se descortina toda a paisagem do estuário do Rio Potengi” (NESI, 1994).

A data de sua fundação não é definida com exatidão. Segundo Cascudo (1999, p.102), “A igreja é, salvo documento em contrário, de 1713 ou 1714 [...]. É a nossa segunda igreja. A mais antiga, depois da matriz”. É também a menor e mais simples das primeiras igrejas construídas em Natal. As origens do templo explicam as razões dessa singeleza. Sua construção, realizada por escravos, foi direcionada para o atendimento aos segmentos sociais desfavorecidos: “era o local sagrado dos casamentos, dos batizados, das festas dos que nada possuíam” (CASCUDO, 1999, p. 102). Apesar de sua simplicidade, “trata-se de uma edificação de relevante interesse histórico e arquitetônico” (NESI, 1994), tombada no âmbito estadual em 30 de novembro de 1987.



Figura 50 - Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Mapa 02 - C12.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.43 IGREJA PRESBITERIANA DE NATAL

Representa a primeira igreja evangélica erguida em Natal e um marco na expansão do chamado protestantismo na cidade. Embora a presença da Igreja Presbiteriana em Natal remonte a 3 de fevereiro de 1896, data oficial da sua solene instalação no município, a efetiva inauguração do templo só ocorreu em 3 de setembro de 1898, em sede própria localizada no atual Largo Junqueira Aires, sob a direção do pastor norte-americano William Calvin Porter. Aquele que, nas palavras de Cascudo (1999, p. 385), “é a própria história do protestantismo na Cidade do Natal e Estado do Rio Grande do Norte”.

De acordo com Cascudo (1999, p.385), “a mais velha notícia do protestantismo na cidade do Natal é do ano de 1879 ou 1880, quando os missionários leigos Francisco Filadelfo de Sousa Pontes e João Mendes Pereira Guerra visitaram a terra”. Tal visita entusiasmou os raros simpatizantes aqui existentes.



Figura 51 - Igreja Presbiteriana de Natal. Mapa 02 - C13.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Mas foi a partir de 1893, com as pregações dos reverendos, William C. Porter e Juventino Marinho da Silva, que o protestantismo avançou na capital potiguar. Dois anos depois, Porter fixou residência na cidade e conseguiu com o imigrante canadense Alexandre James O'Grady, a doação do terreno no qual ergueu o templo da primeira Igreja Presbiteriana de Natal (CASCUDO, 1999).

4.44 IGREJA DE SANTO ANTÔNIO (IGREJA DO GALO)

Situada na Rua Santo Antônio, na Cidade Alta, é considerada a terceira igreja construída na cidade. Para Cascudo (1999), o mais antigo documento com referência explícita à Igreja de Santo Antônio data de 1763 e o provável término da sua construção ocorrera três anos depois; “data que se acha inscrita no alto da porta principal”, afirma Nesi (1994), em apoio à tese de Cascudo.



Figura 52 - Igreja de Santo Antônio (Igreja do Galo). Mapa 02 - C14.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

O templo, que era identificado no passado como a Igreja de Santo Antônio dos Militares e atualmente como a Igreja do Galo - referência ao ornamento situado no alto da sua torre - segundo Nesi (1994, p. 25), “destaca-se dos demais da Cidade, pelo seu porte e sua beleza. Na nossa arquitetura, constitui-se um belo exemplo do estilo barroco”. A edificação foi tombada, na esfera estadual, em 29 de março de 1983 e abriga em suas dependências o Museu de Arte Sacra, criado em 1989.

4.45 INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RN

Localizado na Rua da Conceição, ao lado da antiga instituição cultural da cidade e do estado. De acordo com Jeanne Nesi (1999), sua construção data de 1906 e sua inauguração se deu em 1908. Além de abrigar o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, entre 1908 e 1933, também funcionou com sede do tribunal de justiça (GOSSON, 1998).



Figura 53 - Instituto Histórico e Geográfico do RN. Mapa 02 - C15.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Com sua arquitetura neoclássica, a edificação caracteriza-se pelos frontões curvos e triangulares, pela platibanda e pela balaustrada arrematando o coroamento das paredes. Ainda destaca-se a escadaria lateral e o balaústre com 1,50m de altura sobre o qual a edificação ergueu-se, caracterizando-a como uma construção de porão alto.

Tombado, como Patrimônio Histórico, a nível estadual desde 1984 esta edificação é guardiã da memória potiguar. Em seu acervo, encontram-se coleções de jornais, revistas e mapas e uma biblioteca com cerca de 25.000 volumes. Dentre as obras ali existentes destacando-se uma edição de Os Lusíadas (1720), uma coleção do Diário das Cortes Gerais e Extraordinárias da Nação Portuguesa (9º vol. De 1821-1823) e o único exemplar ainda existente da 1ª história do Rio Grande do Norte, de Ferreira Nobre, edição de 1877.

Aborte a visitação pública, funciona de 8h às 12h e das 14h às 17h. Pautando, nestes cem anos de história como lugar de pesquisa e estudo de história norte-riograndense.

4.46 MEMORIAL CÂMARA CASCUDO

Luís da Câmara Cascudo, historiador e folclorista natalense, nome conhecido mundialmente, tem sua vida e obra representada em uma exposição, permanente, que ocupa cinco salas do edifício. O prédio construído em 1875 (NESI, 1994), abrigou a Tesouraria da Fazenda, a Delegacia Fiscal (1952 a 1955) e o Quartel General da 7ª R.M do Exército (1955 a 1977). Desde 1987 o edifício de estilo neoclássico obriga do Memorial Câmara Cascudo, sendo reconhecido como Patrimônio Histórico Estadual em 30.08.1989.

Localizado próximo a Praça André de Albuquerque, marco zero de Natal, compõem com outras edificações, o conjunto arquitetônico, mais antigo da cidade.

O Memorial além de guardar a memória do maior intelectual potiguar, segundo Diógenes da Cunha “um brasileiro feliz”, tem um rico acervo da cultura do povo nordestino. Com entrada franca, o Memorial Câmara Cascudo está aberto de terça a domingo das 8h às 18h.



Figura 54 - Memorial Câmara Cascudo. Mapa 02 - C16.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.47 MONUMENTO À CÂMARA CASCUDO

Localizado em frente ao memorial dedicado ao renomado intelectual norte-riograndense, o projeto é de autoria do arquiteto Sami Elali, vencedor de concurso público.

O mestre, em bronze, tamanho natural, sobre a palma de uma mão de concreto. Inaugurado no dia 10 de fevereiro de 1987.

A estátua é obra da fundição Zanini, do Rio de Janeiro, e a mão simbolizando o carinho do povo potiguar, foi executado pelo artista plástico Dorian Gray (ONOFRE Jr. , 2002,p.78). O monumento a Câmara Cascudo é uma justa homenagem ao escritor, etnógrafo, folclorista, historiador, jornalista e professor, um dos ícones da cultura brasileira.



Figura 55 - Monumento à Câmara Cascudo. Mapa 02 - C17.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.48 MONUMENTO DA INDEPENDÊNCIA

Localizado na Praça Sete de Setembro, no bairro Cidade Alta - ladeado pela Assembléia Legislativa, o Tribunal de Justiça e o Palácio da cultura - o monumento foi inaugurado em 1922, em homenagem ao transcurso do centenário da Independência do Brasil. Projeto do escultor A. Bibiano Silva (ONOFRE Jr., 2002).

Na execução do seu projeto, o artista reproduziu duas figuras de expressivo valor simbólico. A figura em destaque é uma mulher em representação à pátria, sustentando um livro e apontando ao povo, no livro da História, as datas referentes à efeméride. A outra é de um homem que oferece à pátria um ramo de louros representativo do triunfo conquistado pela força.



Figura 56 - Monumento da Independência. Mapa 02 - C18.
Foto: Prefeitura do Natal.

4.49 MUSEU DE ARTE SACRA

Criado em 21 de dezembro de 1988, o Museu de Arte Sacra está localizado em espaço anexo à Igreja de Santo Antônio, no bairro Cidade Alta, também identificada pela população natalense como a Igreja do Galo. Vinculado à Fundação José Augusto, órgão do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, o Museu de Arte Sacra é o responsável pela catalogação, preservação e exposição de um acervo cuja importância histórica é inquestionável.

Entre as obras sob sua responsabilidade encontram-se desde imagens do século XVII, pinturas, ourivesaria, prataria e mobiliário utilizados em cultos religiosos, coletivos ou domésticos. Nesse último caso, representados pelos oratórios de camarinha, típicos da devoção doméstica.

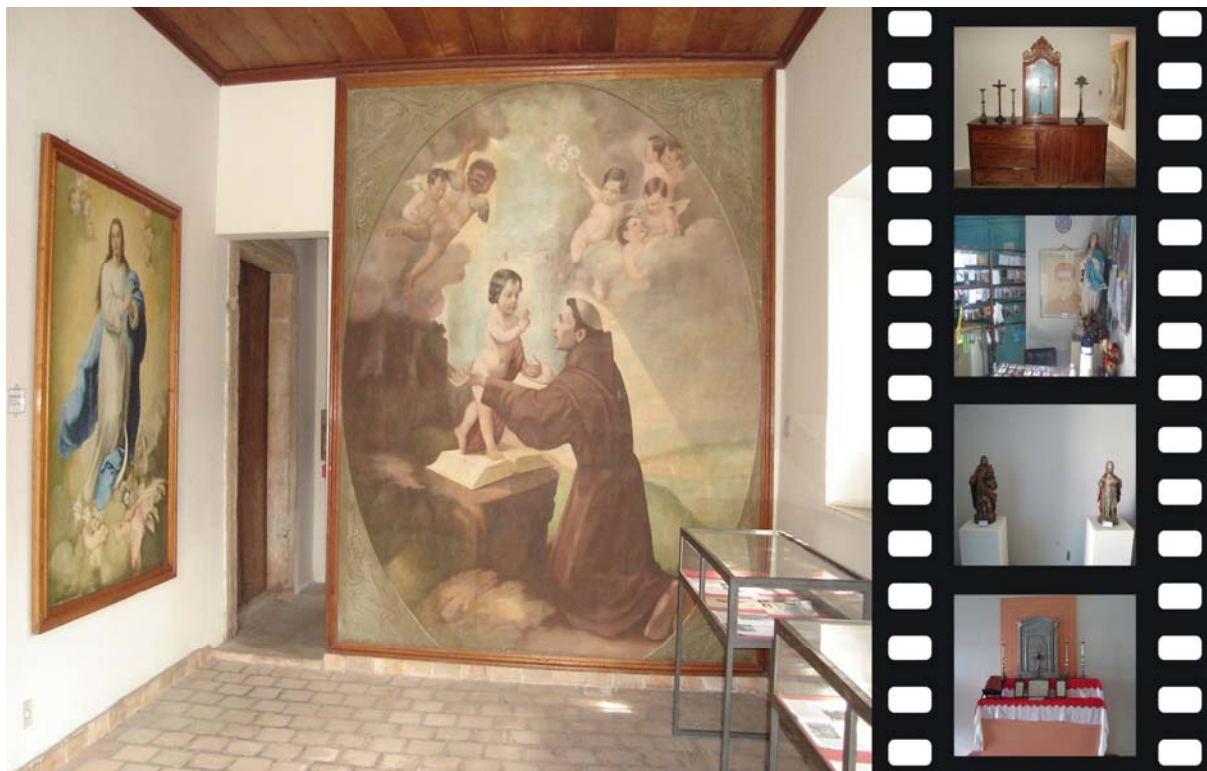


Figura 57 - Museu de Arte Sacra. Mapa 02 - C19.
Foto: Prefeitura do Natal.

A implantação do Museu de Arte Sacra foi fundamental para preservar um acervo que, de certa forma, concilia as duas atuais vertentes da política de preservação patrimonial existente no País. Por essa perspectiva, ao focalizar suas atenções nas peças relacionadas à religiosidade, o museu preserva bens de natureza material e imaterial. Para além das imagens e objetos sob sua guarda, estão ali representados aspectos culturais que transcendem o mundo material.

Nesse sentido, o visitante atento vislumbrará não só as peças expostas. Mas também valores da religião cristã, transmitidos ao longo dos séculos pelos colonizadores que, outrora, desembarcaram no Rio Potengi e fundaram Natal.

4.50 MUSEU CAFÉ FILHO - SOBRADINHO

Localizado na Rua da Conceição, ao lado do Palácio Potengi, a construção datada de 1820 é representante do modelo da residência de famílias abastadas da época com suas janelas em guilhotina, portas em pinho de riga e telhado bastante inclinado.

Além da residência do Capitão-mor da província, o Sobradinho já exerceu diversas atividades como: fábrica de macarrão, carpintaria, sindicato geral dos trabalhadores, sede da Cooperativa de Crédito Norte-rio-grandense, Congregação Mariana e Museu de Arte e História. Atualmente, o prédio abriga o Museu Café Filho, o único potiguar a ocupar a Presidência da República.



Figura 58 - Museu Café Filho - Sobradinho. Mapa 02 - C20.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.51 ANTIGA SEDE DO GOVERNO ESTADUAL (ATUAL PALÁCIO DA CULTURA)

Localizado na Praça 7 de Setembro, na Cidade Alta, a edificação tomou o lugar da Fazenda Pública, em 1865. Com a conclusão da construção do Paço da Assembléia, seguindo plantas do engenheiro Ernesto Augusto Amorim do Vale, começou a funcionar a Tesouraria Provincial, a Repartição do Correio, a Câmara Municipal e o Júri, em meados de 1873.

Construção de formas neoclássicas, também foi denominado Palácio da Esperança, na década de 1960, voltando a antiga denominação, Palácio Potengi em 1971 (NESI, 1994, p.35). Até 1997, o prédio abrigava a sede do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, quando foi transformado em espaço cultural para a realização de eventos como exposições e lançamentos de livros, passando então a se chamar Palácio da Cultura.

O Antigo Palácio é Patrimônio Histórico Nacional desde 1965, lugar de memória da terra potiguar.



Figura 59 - Antiga sede do Governo Estadual (atual Palácio da Cultura). Mapa 02 - C21.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.52 PALÁCIO FELIPE CAMARÃO - SEDE DO GOVERNO MUNICIPAL

Sede do Executivo Municipal foi inaugurado em 07 de setembro de 1922, fazendo parte dos festejos do centenário da independência do Brasil. Construído durante a administração do major Theodósio Paiva, obrigando a Intendência Municipal. Possui uma arquitetura eclética, seguindo o projeto de Miguel Micussi.

Localiza-se na esquina do Largo Junqueira Aires com a Rua Ulisses Caldas, nº 81, Cidade Alta. Em 20 de maio de 1955, recebeu a denominação de Palácio Felipe Camarão. Este prédio possui uma rica decoração, apresenta no ângulo formado por duas fachadas: uma tribuna (NESI, 1994).



Figura 60 - Palácio Felipe Camarão - Sede do Governo Municipal. Mapa 02 - C22.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.53 PEDRA DO ROSÁRIO

Monumento em homenagem à imagem encontrada no Rio Potengi, segundo Luis da Câmara Cascudo (1989), Nossa Senhora da Apresentação procurou sua freguesia, numa quarta-feira, 21 de novembro de 1753. Apesar dos traços que lembram Nossa Senhora do Rosário, a imagem encontrada foi benta com o título de Apresentação, pelo Padre Manoel Correia Gomes (MOURA, 1986).

A imagem original encontra-se na Catedral, permanecendo na Pedra do Rosário uma réplica, lembrando a primeira apresentação de Nossa Senhora em terras natalenses.

Todos os anos no dia 21 de novembro, a Pedra do Rosário é o ponto de partida da procissão de Nossa Senhora, finalizando os festejos da padroeira. É também, um dos lugares de Natal onde se vê o mais belo pôr do sol. Localiza-se às margens do rio Potengi, no final da Rua Bocaiúva.



Figura 61 - Pedra do Rosário. Mapa 02 - C23.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.54 PRAÇA ANDRÉ DE ALBUQUERQUE

Localizada no bairro Cidade Alta, caracteriza-se por ser o ponto central da cidade. Esta no corredor cultural, tem na sua vizinhança várias edificações de grande valor histórico. Berço da cidade, foi Rua Grande e Praça da Matriz. Com sua planta retangular, abriga além de passeios e árvores centenários, um coreto que relembra os tempos de outrora. Na década de 1960 funcionava na praça a “Galeria do Povo”, espaço aberto, destinado a divulgação de novos artistas plásticos, democratizando o acesso de todos a cultura. Logo após o golpe militar de 1964, a Galeria do Povo foi fachada.

Homenagem a André de Albuquerque, líder do movimento de 1817 no Rio Grande do Norte, membro da elite colonial. Segundo Cascudo (1999, p.177), André de Albuquerque é um herói ritual de nossa história, fazendeiro rico dono de Cunhaú, faustoso, senhor de centos escravos. Contra o poder colonial português participou do movimento de 1817, na defesa da independência de Capitânicas do Nordeste (MONTEIRO, 2000). Nosso herói morreu no calabouço da Fortaleza dos Reis Magos, ferido por espada no dia 25 de abril de 1817, não resistiu aos ferimentos faleceu no dia 26 de abril de 1817.



Figura 62 - Praça André de Albuquerque. Mapa 02 - C24.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.55 PRAÇA DA SANTA CRUZ DA BICA

A Santa Cruz da Bica é um dos monumentos históricos mais antigos de Natal. Localiza-se no bairro da Cidade Alta. Nos primeiros anos da fundação, marcava o limite Sul da cidade. A outra cruz indicava o limite norte, seu lugar era a atual Avenida Luís da Câmara Cascudo, onde está a praça das mães. Segundo Cascudo (2002), as duas cruzes delimitavam o território da cidade do Natal de 1599.



Figura 63 - Praça da Santa Cruz da Bica. Mapa 02 - C25.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A cruz do limite norte desapareceu, não resistiu ao tempo, ficou registrada em documentos do período de fundação de Natal e em depoimentos orais colhidos e anotados por nosso historiador Luís da Câmara Cascudo.

A cruz do norte, cruz da bica, foi originalmente fincada as margens do riacho do baldo, local de beber dos natalenses. Sobrevivente das intempéries do tempo e dos homens, a cruz transformou-se em Santa Cruz da Bica.

Por força da fé popular, a cruz que antes abençoava o rio de beber, passou a abençoar centenas de devotos que a princípio mesmo sem o consentimento oficial da Igreja Católica, a elegeram como Santa.

Cascudo informa (2002), que o fundador da devoção à Santa Cruz da Bica foi Claudionor Joaquim de Melo, foi ele o responsável pela construção de um gradeado circular e a moldura em que se guardou a primitiva cruz.

O capitão Naniquer, comandante da tropa de linha e devoto da Santa Cruz, mandou fazer um jardimzinho e comparecia fardado, as festas, prestigiando-as com todo amor pessoal (CASCUDO, 2002). Esse jardim foi cuidado pela comunidade ao longo dos anos.

A praçinha da Santa Cruz foi restaurada em 1983 e em 1999, foi novamente revitalizada dentro das comemorações dos 400 anos da cidade do Natal. Ainda é palco da devoção de muitos católicos nateleenses que a 03 de maio comemoram o dia da Santa Cruz da Bica.

4.56 SOLAR BELA VISTA



Figura 64 - Solar Bela Vista. Mapa 02 - C26.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Bela construção datada do início do século XX, localizada na Av. Luís da Câmara Cascudo, nº 417, em pleno Corredor Cultural de Natal, na Cidade Alta. Dentre as características da sua concepção arquitetônica destacam-se a importância do Sobrado e a beleza e rebuscamento dos materiais diversos que o compõem. Construído no centro do lote, possui um lindo jardim.

Na construção, executada pelo paraibano e seu primeiro proprietário Cel. Aureliano de Medeiros, foram importados o mobiliário, tapetes, lustres, porcelana, cristais francesas, vidraças belgas. Até mesmo o ferro e o metal utilizados vieram da Alemanha. A casa possuía estátuas dos quatro primeiros Presidentes da República e capela particular.

As fachadas principal e lateral do palacete apresentam frontões triangulares, com estrela vazada ao centro. Esses frontões emoldurados por cornijas de massa são característicos do estilo neoclássico. Uma platibanda vazada e cercada por pequenos e graciosos pináculos arremata toda a cobertura da casa (NESI, 1994, p.75).

Após a morte do Cel. Aureliano Medeiros em 1933, a viúva D. Rosa e suas duas filhas passaram a residir em outro imóvel de sua propriedade situado na praça Pe. João Maria. Desde então deixou de ser residência.

O antigo palacete foi sede do Tribunal de Justiça, pensão familiar e a partir de 1948 tornou-se Hotel Bela Vista.

Em 1958, o palacete foi vendido ao Sesi (Serviço Social da indústria) (NESI, 1994). Tempos depois é restaurado.

Após a restauração (1984) feita sob a coordenação da Fundação José Augusto, o palacete readquiriu a sua “majestade” da época do Cel. Aureliano de Medeiros quando era palco de grandes eventos sociais.

Hoje funciona como o Centro de Cultura e Lazer do Sesi-RN, oferecendo vários cursos e oficinas de artes. O Solar Bela Vista, nome herdado do antigo hotel, lugar de memória, foi tombado a nível estadual, em 17 de fevereiro de 1990.

4.57 PELOURINHO

Localizado à entrada do Instituto Histórico e Geográfico. Símbolo da autoridade real localizava-se, originalmente, na Rua Grande atual Praça André de Albuquerque. Estava no meio da rua, em frente à antiga Cadeia. Segundo Cascudo (2002, p. 135):

O pelourinho era uma coluna de dois metros de altura, feita de madeira ou pedra e tijolo, encimada por uma esfera de calça nalguma partes em vez de esfera havia uma placa com as armas reais de Portugal [...] O pelourinho significava a existência da justiça do reino, a materialização das “ordenações”, a ação imediata e repressiva do poder Majestático.

Testemunho do Brasil Colônia, o Pelourinho conta muito da História da Cidade do Natal. Hoje guardando a entrada de nossa Casa da Memória, compõe com o acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, parte da história das Terras Potiguares.



Figura 65 - Pelourinho. Mapa 02 - C27.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.58 HOSPITAL INFANTIL VARELA SANTIAGO

Resultado do sonho e da luta do Dr. Varela Santiago, sua construção iniciou-se em 11 de março de 1923, originariamente com a finalidade de ser a sede do Instituto de Proteção à Infância Abandonada. Em 12 de outubro de 1936, o Hospital Infantil foi finalmente inaugurado.

Uma obra de grande alcance social, o Hospital Infantil Varela Santiago vai, além de referência no atendimento a criança Potiguar. Segundo a pesquisadora Nesi (1994, p. 89):

O Hospital Infantil Varela Santiago é uma edificação de significativo valor histórico, que funciona até os dias atuais com a mesma atividade, para o qual foi construído. O prédio sofreu ao longo dos anos, acréscimos com a finalidade de atender ao crescente número da população infantil carente no Estado.

A escolha do nome do Hospital não poderia ser mais feliz. Varela Santiago, homem de hábitos simples, fez da sua existência um sacerdócio em prol da saúde infantil. Para Pereira (1986, p. 84):

[...] É preciso não esquecer o professor de gerações, o fundador de tantas instituições beneméritas, dentre as quais o Hospital Infantil e o Educandário “Oswaldo Cruz”. No governo do Dr. Juvenal Lamartine [...] ocupou o cargo de Diretor do Departamento de Saúde Pública, contribuindo para a melhoria das condições sanitárias da população [...].

Lugar de memória de nossa cidade, o Hospital Infantil Varela Santiago faz parte do Patrimônio Histórico Estadual desde 20/07/1992. Porto seguro da infância natalense, é também, guardião de sua história.



Figura 66 - Hospital Infantil Varela Santiago. Mapa 02 - C28.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.59 ANTIGO CINEMA NORDESTE

A Sétima Arte sempre encontrou, entre os natalenses, um grande número de amantes. Desde as primeiras sessões cinematográficas, ocorridas no antigo teatro Carlos Gomes, atual Alberto Maranhão, a Cidade do Natal esteve presente no circuito nacional de cinemas com boas salas de projeção.

No final da década de 1950, foi inaugurado o primeiro Cinema de Natal com ar condicionado. Nascia, para felicidade dos amantes do cinema, o Cine Nordeste. Sobre a sessão inaugural, informa Fernandes (2007, p. 119):

A primeira sessão para o público foi a 20 de dezembro de 1958, exibindo o filme “O Príncipe e a Parisiense”, do diretor francês Michel Boisrond. Na véspera, a 19, realizara-se uma sessão especial destinada a imprensa, mostrando o filme.

Ao longo do tempo, o Cine Nordeste encontrou várias gerações, exibindo a magia da Sétima Arte. Localizado na Cidade Alta, hoje desativado, é lugar de memória da terra de Câmara Cascudo.



Figura 67 - Antigo Cinema Nordeste. Mapa 02 - C29.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.60 ANTIGA ESCOLA DOMÉSTICA DE NATAL



Figura 68 - Antiga Escola Doméstica de Natal. Mapa 03 - R01.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A Escola Doméstica é uma das mais antigas de nossa cidade. Nascida da determinação do educador Henrique Castriciano, foi pioneira na formação pedagógica feminina. Um projeto que contou com outros intelectuais como, Manoel Dantas, José Augusto Bezerra de Medeiros, Dionísio Filgueira e Felipe Guerra. Eles pertenciam à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, fundada a 23 de julho de 1911, nas dependências do Teatro Alberto Maranhão. A idéia de Henrique Castriciano refletia uma educação nos moldes suíços (NESI, 1994).

A Escola Doméstica foi fundada em 1^a de setembro de 1914. Inicialmente funcionou neste prédio da Praça Augusto Severo, no local atualmente (2008) funciona o Centro Clínico Dr. José Batista Passos. A partir de 03 de março de 1953, transferiu-se para Avenida Hermes da Fonseca, endereço no qual permanece até hoje.

Uma instituição pertencente à história da cidade do Natal, como afirmou Dom Heitor de Araújo Sales (apud LIMA, 1999), “Há instituições com vocação para a eternidade. Esta é uma delas”.

Localizado na Zona Especial de Preservação Histórica, esta edificação guarda a memória da cidade. De acordo com NESI (1994, p.76), o prédio da antiga Escola Doméstica, junto com outras edificações do seu entorno, integra “um harmonioso conjunto arquitetônico” característico do início do século XX.

4.61 ANTIGA RESIDÊNCIA DE JANUÁRIO CICCO

O prédio da Rua Duque de Caxias nº 190 era o palacete onde morava o Dr. Januário Cicco. No térreo ficava o consultório e, no andar superior, a residência. O sobrado data do ano de 1908 e foi construído por João Alfredo. Posteriormente, serviu de residência para o renomado médico que, desde as primeiras décadas do século XX, preocupou-se com o desenvolvimento ordenado da cidade (NESI, 1994).

Para Nesi (1994), no aspecto arquitetônico, a casa segue os padrões da época. A fachada tem estilo neoclássico, com falsas colunas, detalhes de frisos, simetria nas janelas e arcos plenos nas portas, embora o referido estilo não se verifique no restante da arquitetura do conjunto.

Em 1927, de acordo com Cascudo (1999), Januário Cicco fundou a Sociedade de Assistência Hospitalar para famílias pobres de Natal. Por sua insistência, o Governo do Estado adaptou uma casa de veraneio em Petrópolis e fundou o Hospital de Caridade Juvino Barreto, atualmente Hospital das Clínicas Dr. Onofre Lopes. Depois promoveu campanhas visando angariarem fundos e, em 12 de outubro de 1950, fundou a Maternidade-Escola que hoje recebe seu nome.

O Dr. Januário Cicco preocupou-se em exercer a medicina preventiva, implantou importantes medidas sanitárias na cidade e foi também um dos primeiros cirurgiões de Natal. Faleceu em novembro de 1952 (CASCUDO, 1999).



Figura 69 - Antiga Residência de Januário Cicco. Mapa 03 - R02.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.62 ANTIGO PALÁCIO DO GOVERNO DA RUA CHILE

Situada à Rua Chile, no bairro Ribeira, essa edificação tornou-se, em 1869, a 5ª sede do Poder Executivo do Rio Grande do Norte, desde a efetiva ocupação da antiga Capitania. O antigo Palácio do Governo foi residência oficial de 1870 a 1902 e palco da proclamação da República no Estado que, devido às dificuldades de comunicação da época, só se comemorou em 17 de novembro de 1889. Nele também se realizou a posse do primeiro governador republicano, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Em 1902, o governo estadual foi transferido para o Palácio Potengi, na Praça 7 de Setembro, na Cidade Alta (CASCUDO, 1999). Essa edificação foi construída em estilo neoclássico e, até o início do século XX, era o mais alto sobrado da cidade. (NESI, 1994). Após a transferência da sede do governo, o prédio da Rua Chile foi vendido.



Figura 70 - Antigo Palácio do Governo da Rua Chile. Mapa 03 - R03.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, funcionou no local o Wonder Bar, casa de diversão freqüentada pelos americanos sediados na cidade (MELO, 1999). No período pós-guerra, o edifício foi ocupado, na parte térrea, por armazéns. Um dos quais pertencentes a Guilherme Lettieri, à época cônsul honorário da Itália em Natal, que comercializava secos e molhado (COSTA, 1995). Depois de abrigar outros empreendimentos, ficou abandonado até ser doado pela empresa Pesca Alto Mar S.A. ao governo do Rio Grande do Norte que, por meio da Fundação José Augusto, restaurou o antigo palácio cuja cobertura estava totalmente destruída, o que comprometia a solidez das paredes e a estabilidade do prédio (NESI, 1994).

Em 22 de agosto de 1998, após sua restauração, passou a funcionar no local o Museu da Cultura Popular. O prédio abrigou, ainda, a Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão. Do museu constavam peças do vestuário de grupos folclóricos típicos do nosso patrimônio cultural, como congos de calçola, araruna, caboclinhos, marujada; peças de cerâmica artística e painéis fotográficos (GURGEL, 1999).

A majestosa edificação de três pavimentos, com partido de planta retangular, apresenta fachada com características neoclássicas e relevante interesse arquitetônico. Tombado a nível estadual, em agosto de 1989, o prédio restaurado foi reaberto ao público em 1998 (NESI, 1994). Sua restauração foi realizada com base em imagens de meados do século XX e representou significativa contribuição para a preservação da memória da cidade.

4.63 ANTIGO PRÉDIO DO GRUPO ESCOLAR AUGUSTO SEVERO

Este prédio foi edificado no início do século XX, ao lado da Praça Augusto Severo. Nele funcionou o Grupo Escolar pioneiro no Rio Grande do Norte na reformulação do modelo educacional implantado à época. O ato inaugural ocorreu a 12 de junho de 1908, com a presença do governador Alberto Maranhão e representantes das principais instituições educacionais de Natal. Segundo Onofre Jr. (1998, p.67), para quem o edifício é de “indiscutível valor artístico”, o projeto é de autoria do arquiteto Herculano Ramos. A edificação apresenta um único pavimento, com fachada rebuscada de composição simétrica. Possui corpo central com pórtico de entrada enquadrado por pilastras, além de exibir frontão triangular e platibanda com ornatos e cornija em massa.

O Grupo Escolar Augusto Severo foi convertido em Escola-Modelo pelo decreto 198, de 10 de maio de 1909. Em 1952, com a desativação do antigo prédio do Atheneu Norte-rio-grandense, este passou a funcionar, até 1954, no edifício do Grupo Escolar. A partir de 1956, ali foi instalada a Faculdade de Direito, que permaneceu nessas dependências até 1974, quando o Curso de Direito foi transferido para o Campus Universitário. Posteriormente, a edificação sediou a Secretária de Segurança Pública do Estado. Em 6 de dezembro de 1991, o prédio foi tombado pelo governo estadual (NESI, 1994).



Figura 71 - Antigo Prédio do Grupo Escolar Augusto Severo. Mapa 03 - R04.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.64 ANTIGA RODOVIÁRIA (ATUAL MUSEU DE CULTURA POPULAR DJALMA MARANHÃO)

Instalado na antiga Rodoviária, no bairro Ribeira. Lugar ideal para uma Casa de Memória. Antes da rodoviária construída em 1963, existia o Tabuleiro da Baiana, café, bar e restaurante freqüentado por gente de toda parte da cidade. O Tabuleiro da Baiana, outrora reduto da boêmia natalense, pertencia ao Sr. Jardelino Lucena (MELQUIADES in VASCONCELOS, 1999). Sobre este ponto de encontro escreveu o poeta e folclorista Gurgel (2005, p. 138):

“Tabuleiro da Baiana
 Fumaça serve cartolas
 - banana, queijo e canela -
 Para a fome das bacanas...”

Inaugurada na administração do prefeito Djalma Maranhão, a denominação da antiga Rodoviária de Natal é uma homenagem ao ex-presidente norte-americano, John F. Kennedy, cujo assassinato, no início da década de 1960, provocou comoção em todo o mundo ocidental. Com o desenvolvimento urbano, novas demandas exigiram a construção de um terminal rodoviário que atendesse os “novos tempos”. A partir da década de 1980, a antiga Rodoviária, sofre um processo de desativação, decorrente da construção da Rodoviária Nova, erguida no bairro Nazaré. Contudo, a Rodoviária Velha continua presente no imaginário coletivo.



Figura 72 - Antiga Rodoviária (atual Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão). Mapa 03 - R05.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Lugar de memória, por muito tempo ponto de chegada e de saída de várias gerações de natalenses, transforma-se, dentro do Projeto de Revitalização da Ribeira, no Museu de Cultura Popular Djalma Maranhão. O museu guardará a memória dos folguedos populares, expressões do povo, fazendo justiça a seu patrono que tanto fez pelo folclore Potiguar.

É neste lugar, impregnado de história, que visitantes e nativos podem encontrar um vasto acervo do Patrimônio Material e Imaterial da Cultura Popular.

4.65 ANTIGA SEDE DO BANDERN (ATUAL PROCON)

Inaugurado em 1939, o prédio da antiga sede do Banco do Estado do Rio Grande do Norte - BANDERN, está situado na esquina da Avenida Duque de Caxias com a Avenida Tavares de Lyra, no bairro Ribeira.

O projeto de construção é do engenheiro Gentil Ferreira, na época, prefeito de Natal. A planta tem forma retangular, com três pavimentos e amplas dependências. Uma marquise separa o segundo pavimento do terceiro, apoiada em colunas com capitéis. Na avaliação de Nesi (1994) este prédio, de grande valor arquitetônico e expressiva importância histórica foi, na época de sua construção, uma das mais belas edificações de Natal.



Figura 73 - Antiga Sede do BANDERN (atual PROCON). Mapa 03 - R06.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

O BANDERN teve suas origens vinculadas ao Banco do Natal. Iniciativa pioneira no Estado, fundado no ano de 1906, no governo de Tavares de Lyra, cuja sede era na Rua Dr. Barata, nº 4, no próprio bairro Ribeira (NESI, 1994).

No prédio do antigo BANDERN funciona, atualmente, o Palácio da Cidadania. Edificação que abriga o PROCON, órgão de defesa do consumidor.

4.66 ANTIGO PALACETE DE JUVINO BARRETO (ATUAL COLÉGIO SALESIANO)

A edificação na qual funciona o atual Colégio Salesiano São José localiza-se no largo Dom Bosco, na Ribeira. Sua área corresponde aos domínios do antigo palacete construído pelo industrial Juvino César Paes Barreto.

O empresário tinha uma fábrica de tecidos, inaugurada a 21 de julho de 1888 com a presença do presidente da Província, Antônio Francisco Pereira de Carvalho. A fábrica que se situava no começo da ladeira da então Rua da Cruz, atual Avenida Luís da Câmara Cascudo, produzia quatro tipos de tecidos grossos e beneficiava algodão vindo do interior no lombo de animais (NESI, 1994).



Figura 74 - Antigo Palacete de Juvino Barreto (atual Colégio Salesiano). Mapa 03 - R07.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

O industrial e sua esposa, Inês Paes Barreto, doaram à Ordem dos Salesianos a Vila Barreto, como era conhecida a propriedade da família. Em 9 de abril de 1901, Juvino Barreto faleceu. No dia 26 de setembro de 1936, quatro anos após a morte de D. Inês, os padres Salesianos ocuparam o palacete utilizando-o como oratório e local de reuniões. Em 1939, as atividades pedagógicas começaram no local. Em 1940, começou um curso para formação de seminaristas e, em 1960, o Ginásio Salesiano São José passou a funcionar no antigo palacete dos Barretos. Desde 30 de julho de 1992, registra Nesi (1994), o prédio é tombado a nível estadual.

4.67 ANTIGO CANTO DO MANGUE

Localizado nos limites entre os bairros Rocas e Ribeira, tradicional reduto de comercialização de pescados, de encontros de poetas e de admiradores do lindo pôr-do-sol às margens do Rio Potengi. No antigo Canto do Mangue entre as diversas peixarias, antes existentes, pode, ao som das águas, ouvir a boa poesia de Ferreira Itajubá:

Mestres barqueiros, que viveis cantando,
Marujos tristes de país estranho,
Moças alegres que voltais do banho
E jangadeiros que passais em bando,

Rolas caboclas que viveis gemendo,
Nas tardes claras, que não tem chuviscos,
Crianças lindas que passais correndo,
Águas rebeldes que abrigais mariscos (...)
(apud GURGEL, 2001, p. 183)

Segundo o pesquisador Onofre Jr. (2002, p. 65-66), a magia do antigo Canto do Mangue, esta em ser:

(...) recanto cantado em verso e prosa, enfeitado de barcos, sempre cheio de pescadores. [Lugar ideal para] se debruçar na balaustrada sobre o rio e comer peixe frito com tapioca, especialidade que se vende ali, em barraquinhas humildes.



Figura 75 - Antigo Canto do Mangue. Mapa 03 - R08.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Lugar de história, existem registros datados do século XVI que apontam esta região como sendo o local de desembarque dos portugueses, chefiados por Mascarenhas Homem. Informação confirmada pelo historiador Olavo de Medeiros Filho:

(...) o desembarque das tropas, ao que tudo indica no porto hoje denominado Canto do Mangue, marchando os soldados para o local próximo àquele onde pretendiam erigir uma fortaleza.

(MEDEIROS FILHO, 1997, p. 23)

Parte importante da memória de Natal, em 2007, na administração do prefeito Carlos Eduardo Alves, o antigo Canto do Mangue é revitalizado com a construção do Mercado do Peixe e a reurbanização da Praça do Pôr-do-Sol. Continua como lugar de pescadores e poetas. É um convite à natalenses e visitantes, que buscam alimentar o corpo e a alma.

4.68 CASA ONDE NASCEU CAFÉ FILHO

Nesta casa da Rua do Triunfo, atual Quinze de Novembro do bairro Ribeira nasceu, em 03 de fevereiro de 1899, João Café Filho. Natalense cuja carreira política seria singular (NATAL, 2003).

Advogado e jornalista, Café Filho foi um dos pioneiros na organização sindical dos trabalhadores do Estado. A partir dessas atividades, ingressou na política partidária (FERREIRA, 2000). Era orador brilhante e sabia falar às massas. elegeu-se vereador em 1928 e deputado federal em 1935 e 1945. Em 1950, elegeu-se vice-presidente da República na chapa de Getúlio Vargas. Em 1954, com o suicídio de Vargas, assumiu o mais alto posto político do País. Seu falecimento ocorreu no Rio de Janeiro, em 1970 (NATAL, 2003).

Embora não possua valor arquitetônico considerável, a habitação na qual nasceu João Café Filho merece registro pelo seu significado na sociedade norte-riograndense. Sua configuração simples evidencia a origem humilde do único potiguar, até hoje, a chegar à presidência da República.



Figura 76 - Casa onde nasceu Café Filho. Mapa 03 - R09.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.69 CENTRO DE TREINAMENTO E MUSEU FERROVIÁRIO

O prédio no qual funciona atualmente o Centro de Treinamento Ferroviário Engenheiro Marco Aurélio Cavalcanti, foi construído no início do século XX para abrigar os escritórios da antiga Estrada de Ferro do Rio Grande do Norte. Anexas à edificação, funcionavam as plataformas de embarque e desembarque de passageiros e mercadorias.

Em 1904, em meio a uma grande seca no Estado do Rio Grande do Norte, os primeiros trilhos da Estrada de Ferro do Vale Açucareiro começaram a ser colocados na margem direita do estuário do Rio Potengi, saindo da Estação Aldeia Velha, na Ilha da Coroa, local atualmente em ruínas em meio ao manguezal nas proximidades do bairro Igapó. Este não foi o primeiro trecho ferroviário implantado no Estado - o pioneiro é de 1881. Ligava Natal a São José do Mipibu, e foi construído pela empresa inglesa *The Great Western of Brazil Railway Company* - mas era o que atendia às reivindicações dos proprietários de engenho da época (NATAL, 2003).



Figura 77 - Centro de Treinamento e Museu Ferroviário. Mapa 03 - R10.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Nos tempos de funcionamento da Estação da Coroa, o prédio que abriga o atual Museu Ferroviário e a CBTU - Companhia Brasileira de Trens Urbanos - funcionava como ponto de vendas de bilhetes para os viajantes que chegavam pelo bonde da Rua Chile à margem esquerda do Rio Potengi. De posse dos bilhetes, a balsa era o único meio de transporte para chegar à estação de onde partia o trem, no outro lado do rio (NATAL, 2003).

Durante muitos anos, o prédio esteve em completo abandono. Para recuperá-lo, em 1996, foram feitas prospecções para descobrir a arquitetura original. Hoje ele é ocupado para treinamento do pessoal que trabalha nos trens urbanos na Região Metropolitana de Natal, visando à melhoria no desempenho de suas funções. Também é utilizado para atividades de cultura e lazer. Possui um auditório com 90 lugares, biblioteca, sala de vídeo, salas de treinamento e salões para exposições (NATAL, 2003).

4.70 ESPAÇO CULTURAL CASA DA RIBEIRA

A criação do espaço cultural Casa da Ribeira foi uma iniciativa de artistas potiguares associados ao Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare, cujo objetivo inicial era conquistar um espaço para difundir as diversas manifestações artísticas, especialmente, a teatral. Para alcançar essa meta, o grupo revitalizou um antigo casarão no tradicional bairro Ribeira. No local, foi construída uma sala de espetáculos com capacidade para 150 lugares, salão de exposições e um café (NATAL, 2003).



Figura 78 - Espaço Cultural Casa da Ribeira. Mapa 03 - R11.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A partir da sua implementação, a Casa da Ribeira tornou-se uma referência enquanto espaço alternativo no cenário cultural da cidade. Ambiente favorável às discussões, apresentações e intercâmbio de experiências promotoras do convívio entre protagonistas e apreciadores das mais diversas tendências do mundo artístico.

Considerado o segundo bairro formado na história da cidade, a Ribeira foi durante determinado período a mais importante área de Natal, “onde se concentrava o comércio mais variado [...] empresas e bancos” (COSTA, 1995, p.80). Contudo, a partir do final da década de 1940, entrou em paulatino declínio. A instalação da Casa da Ribeira representou, assim, importante passo para o processo de revitalização da região onde está instalado o empreendimento.

4.71 ESTAÇÃO DA REDE FERROVIÁRIA FEDERAL (ATUAL CBTU)



Figura 79 - Estação da Rede Ferroviária Federal (atual CBTU). Mapa 03 - R12.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A primeira estrada de ferro implantada no Rio Grande do Norte, com a ativa participação de grupos empresariais ingleses, foi definida como a Imperial Brazilian Natal and Nova Cruz Railway Company Limited. “O primeiro trecho, Natal a São José de Mipibu, foi inaugurado [...] a 28 de setembro de 1881. O edifício, aberto ao público neste dia, é o mesmo da Praça Augusto Severo” (CASCUDO, 1999, p. 427). A conclusão da estrada só ocorreu em 10 de abril de 1883, totalizando mais de 120 km de trilhos que interligaram Natal à cidade de Nova Cruz.

Posteriormente, o governo federal encampou a ferrovia e promoveu o arrendamento em benefício da empresa The Great Western of Brazil Railway Company Limited. Com os investimentos realizados, a partir de 1º de janeiro de 1904 foram concluídas as articulações ferroviárias com a Paraíba e Pernambuco. Mais de três décadas depois, a 5 de novembro de 1939, já durante a administração de Getúlio Vargas, o governo federal encampou o trecho Natal-Nova Cruz e repassou-o para o controle da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte (CASCUDO, 1999).

A preservação dessa edificação registra, por conseguinte, considerável etapa da evolução histórica dos meios de transportes em Natal e no Estado.

4.72 ESTÁTUA DE AUGUSTO SEVERO

Este monumento está localizado no bairro Ribeira, na praça que tem o nome do homenageado. Inaugurada em 15 de novembro de 1905, sob os auspícios do então governador Tavares de Lyra, a praça recebeu, em 1913, a estátua em bronze de Augusto Severo de Albuquerque Maranhão (ONOFRE JR., 1998).

A escultura constitui uma reverência ao pioneirismo do inventivo potiguar nascido em Macaíba, município da atual Região Metropolitana de Natal, em 11 de janeiro de 1864. Descendente da tradicional família que após a proclamação da República dominou a política estadual por mais de duas décadas (BUENO, 2002) - era irmão de Pedro Velho e Alberto Maranhão - Augusto Severo notabilizou-se por sua contribuição aos primórdios da aviação mundial.



Figura 80 - Estátua de Augusto Severo. Mapa 03 - R13.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Assim como Santos Dumont e outros pioneiros, Augusto Severo almejou conquistar os céus com as suas invenções. O cenário para essa ousadia seria Paris cujo glamour, à época, atraía inventores e aeronautas de todo o mundo. Em 12 de maio de 1902, na Cidade Luz, seus propósitos desvaneceram com o desastre do balão Pax, dirigível por ele concebido (ONOFRE JR., 1998). No mesmo acidente faleceu o mecânico Sachet. O registro de uma rua com o seu nome, no bairro Ribeira, reverencia a memória do companheiro de Augusto Severo nas origens dos feitos aeronáuticos.

4.73 IGREJA DO BOM JESUS DAS DORES

Na concepção de Cascudo (1999), este templo foi construído na segunda metade do século XVIII; o que o torna a quarta igreja mais antiga da cidade. Tal afirmação baseou-se nas pesquisas em documentos de 1774, que já registravam um sepultamento realizado dentro da igreja, conforme costume da época. Outra documentação pesquisada, datada de 1776, registra a autorização do então vigário de Natal, padre Pantaleão da Costa, para a realização de um casamento na então capela do Bom Jesus das Dores.

A criação da freguesia do Bom Jesus das Dores, proposta desde o século XIX, somente ocorreu em 1932 por iniciativa de Dom Marcolino Dantas. Após a criação dessa freguesia o padre Frederico Pastors, missionário da Sagrada Família, tornou-se o primeiro vigário da paróquia (NATAL, 2003).

Cascudo informa que as torres atuais foram construídas no decurso de 1915 a 1918, sob as determinações do Frei André, que promoveu reformas na igreja. De acordo com o autor, a igreja tinha um número considerável de fiéis. “A devoção dos canguleiros sustinha o templo” (Cascudo, 1999, p. 105). Ainda hoje, católicos dos bairros Rocas e Ribeira são os sustentáculos da Igreja do Bom Jesus das Dores.



Figura 81 - Igreja do Bom Jesus das Dores. Mapa 03 - R14.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.74 OBELISCO DA AVENIDA TAVARES DE LYRA

Marco de inauguração da Avenida Tavares de Lyra, no centro comercial da Ribeira. Em cada face do monumento, a inscrição de uma data histórica significativa: 25 de dezembro de 1599 (fundação da cidade do Natal), 12 de dezembro de 1633 (tomada da Fortaleza dos Reis Magos pelos holandeses), 15 de novembro de 1889 (proclamação da República) e 7 de setembro de 1822 (Independência). Estudos d'armas em bronze (Império, República e Estado) acentuam a solenidade do conjunto. No lado que olha para o Potengi, o medalhão de Tavares de Lyra, obra do escultor francês Louis Busson; no pedestal, os dizeres, gravados no granito: AV. TAVARES DE LYRA - ADMINISTRAÇÃO DO GOVERNADOR ALBERTO MARANHÃO - 1908/1914. Uma placa metálica, colocada em 25/12/72, assinala a comemoração do centenário de nascimento de Tavares de Lyra, sendo Governador Cortez Pereira, e prefeito da capital, Jorge Ivan Cascudo Rodrigues.

Augusto Tavares de Lyra foi um ilustre potiguar, de saliente participação na vida pública do país: Deputado Federal (1894-1904), Governador do Estado (1904-1906), tendo assumido o cargo com apenas 32 anos incompletos, Ministro da justiça e Negócios Interiores (1906-1909), Senador (1910-1914), Ministro da Viação e Obras Públicas (1914-1918), Ministro do Tribunal de Contas da União (1918-1940). Além de tudo, historiador, autor, entre outros estudos, do primeiro livro sobre a história geral do Estado.



Figura 82 - Obelisco da Avenida Tavares de Lyra. Mapa 03 - R15.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.75 PRAÇA AUGUSTO SEVERO

A antiga Praça da República passou a chamar-se Praça Augusto Severo em 1902. A área onde atualmente se ergue a praça era atingida pelas águas das marés do rio Potengi. Até 1847, o lugar era o pântano da Campina da Ribeira (CASCUDO, 1999). Em 1913, durante o 11º aniversário da morte de Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, inaugurou-se na Praça o monumento em sua honra, projeto do escultor francês Edmond Badoche (ONOFRE Jr., 1998).

Localiza-se no bairro da Ribeira, ladeada pelo teatro Alberto Maranhão e a antiga Rodoviária, a Praça Augusto Severo é uma justa homenagem à este ilustre norte-rio-grandense, nas palavras de Manoel Onofre Jr. um Dom Quixote arrebatado pelas coisas e idéias novas (1998, p.90).

Augusto Severo foi um dos pioneiros da aviação estudioso dos assuntos aeronáuticos, inventou o dirigível “Pax”. No dia 12 de maio de 1902, acompanhado do seu mecânico Sachet, voa pelos céus de Paris no seu balão. Após dez minutos, ocorre uma explosão e o “Pax”, precipita-se de 400 metros em plena Avenida du Maine (LIMA, 1999). Este trágico acidente encerrou a trajetória desse nosso grande inventor.

Quando o dirigível Zeppelin sobrevoou Natal, em 1930, deixou cair sobre a estátua de Augusto Severo, um ramalhete de flores (ONOFRE Jr., 1998). Era o reconhecimento de todos ao “pai do dirigível”.



Figura 83 - Praça Augusto Severo. Mapa 03 - R16.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.76 PRAÇA JOSÉ DA PENHA

Logradouro em frente à igreja Bom Jesus das Dores, segundo p historiador Câmara Cascudo (1999), o quarto templo católico erguido em Natal, informando registro de sua existência desde o ano de 1774. Capela sem adornos, apesar de localizada num bairro de grande movimentação comercial, Cascudo acrescenta que a grande maioria dos fieis era composta de frente simples, autênticos canguleiros. Esta grande “devoção dos canguleiros sustinha o templo” (CASCUDO, 1999, p.105).

Inicialmente denominado largo da Igreja, recebeu o nome de Praça Leão XIII, conforme Resolução Municipal de 05 de dezembro de 1902, em homenagem ao Sumo Pontífice da época (NESI, 2002), entretanto este logradouro não passava de um descampado com nome de praça. No ano de 1919, o intendente municipal e livreiro, Fortunato Aranha, com o apoio de Padre Pedro de Paula Barbosa, vigário da igreja, resolveu construir uma linda pracinha (NESI, 2002).



Figura 84 - Praça José da Penha. Mapa 03 - R17.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A Praça Leão XIII, nos anos vinte do século passado, transformou-se num lugar de passeio e de eventos públicos. Os natalenses se alegravam com a banda musical no coreto e as árvores de sombras frondosas. O cronista Lucas da Costa, em seu, *Disfarçados* (1997), relata o estado da Praça Leão XIII: "... ao longe as árvores do jardim da Praça Leão XIII, os pináculos da igreja de Bom Jesus, e alguns edifícios públicos que se elevam no Monte Petrópolis; tudo harmonicamente disposto oferece ao expectador a perfeita idéia de uma artística tela teatral".

Em 11 de outubro de 1930, o logradouro passou a se chamar "Praça José da Penha". O militar norte-riograndense José da Penha Alves de Souza, nasceu em Angicos aos 13 de maio de 1875 e faleceu no Ceará em 22 de fevereiro de 1914. personagem de destaque na história política local, destacou-se como grande orador, sendo pioneiro na Campanha eleitoral de caráter popular. Segundo Costa (1997, p.118), capitão Penha, além de militar ardoroso, cheio de coragem e acrisolado amor às causas republicanas, era também eloqüente tribuno e vigoroso jornalista.

Após "tantos" nomes, ocorreram diversas transformações no traçado originário da Praça. Hoje, após diversas intervenções, este logradouro guarda sinais de um tempo em que a comunidade natalense "passeava na praça".

4.77 PRÉDIO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

No dia 02 de outubro de 1892, surgiu a Associação Comercial. Nasceu para congregar os comerciantes do bairro da Ribeira, sob a presidência de Fabrício Gomes Pedroza. Em 1929, o então presidente da associação planejou um empréstimo mediante a subscrição de ações.

No mesmo ano, o Governador Juvenal Lamartine doou um terreno na então Rua Sachet (atual avenida Duque de Caxias) para a construção da sede própria. Em 1940, na administração do Prefeito Omar O'Grady, nova ajuda foi acrescentada aos recursos já existentes, permitindo a construção da sede-própria.

O prédio foi projetado e construído pelo engenheiro Gentil Ferreira apresenta planta retangular, em três pavimentos, de aspecto harmonioso e simétrico em relação ao acesso principal, feito pelo hall de entrada com cobertura apoiada em quatro colunas encimada por capitéis de massa. O edifício teve suas obras concluídas na gestão do presidente da Associação Comercial, Manoel Gurgel do Amaral em 19 de abril de 1944.



Figura 85 - Prédio da Associação Comercial. Mapa 03 - R18.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.78 ANTIGO GRANDE HOTEL

Símbolo de Natal do passado, o Grande Hotel foi inaugurado no dia 13 de maio de 1939, construído numa época em que a cidade necessitava de locais destinados a hospedagem, logo se transformou no “porto seguro” daqueles que visitavam a capital potiguar. Segundo a pesquisadora Jeanne Nesi (1994), antes do Grande Hotel, os aviões da Condor e da Panair regulavam os seus horários com pernoites em Recife e em Fortaleza.

O natalense desde os anos vinte do século passado, se habituou à aviação. O Rio Potengi, cenário de encontros de mundos diferentes: potiguares e europeus é a parte da história da navegação. Em suas águas pousaram “centenas” de aeronaves, vôos de abertura e comercial que a caba pouso ou decolagem, eram motivo de alegria de crianças e adultos, que admirados olhavam para os céus desejando boas vindas e para outros, boa viagem.

A construção do Antigo Grande Hotel, foi financiada pelo governo estadual, na administração do Dr. Rafael Fernandes, com a participação do engenheiro Gentil Ferreira de Souza, prefeito de Natal, que modificou o projeto original e administrou a obra.

Após alguns entraves burocráticos, foi realizada uma concorrência pública tendo como vencedor o Sr. Theodorico Bezerra que passou a administrar o maior Hotel da cidade.

Logo se transformou no lugar de acolhida e repouso de personagens ilustres da política, cultura. Dentre os hóspedes destacavam-se: o almirante Ary Parreiras, durante a construção da base naval; o presidente Juscelino Kubistchek; Tyrone Power; Nelson Gonçalves; Carlos Galhardo; Vivente Celestino e muitos outros.

Desde 1991 o antigo Grande Hotel é parte do patrimônio histórico estadual, como monumento tombado preserva parte da História da cidade do Natal. Hoje funciona como tribunal de pequenas causas.



Figura 86 - Antigo Grande Hotel. Mapa 03 - R19.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.79 ANTIGA RESIDÊNCIA DE FORTUNATO ARANHA

Fortunato Aranha, livreiro, proprietário da “Livraria Cosmopolita”, localizava-se à rua Dr. Barata, segundo o pesquisador Deífilo Gurgel: a Cosmopolita não era, no entanto, apenas uma livraria. A simpatia e o espírito cordial do seu proprietário, conseguia resumir, diariamente, na calçada do estabelecimento, uma roda de amigos que compreendia intelectuais, magistrados, boêmios, empresários.

Amante dos livros, Fortunato Rufino Aranha possuía uma das maiores bibliotecas de Natal. Homem da cultura, por “pressão” dos amigos exerceu à presidência da Intendência Municipal, promovendo, segundo informa Deífilo Gurgel, a reforma e ampliação do prédio da Intendência Municipal, transformando-o no atual Palácio Felipe Camarão. A professora Jeanne Nesi, em seu “Caminhos de Natal”, afirma que: a casa de Fortunato Aranha, imponente palacete, serviu até pouco tempo atrás, de sede ao Instituto do Açúcar e do Alcool. A casa, valorizada por uma escadaria de acesso, apresenta porão e mirante. Sua cobertura é toda arrematada por platibanda com balaustrada, ostentando na fachada belos arcos ogivais com cercaduras de nossa.

Desde 1989 passou a ser uma das dependências da Fundação de Assistência do educando.



Figura 87 - Antiga Residência de Fortunato Aranha. Mapa 03 - R20.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.80 PRÉDIO DA JUNTA COMERCIAL

A Junta Comercial do Estado do Rio Grande do Norte foi criada pela lei 132 de 13 de setembro de 1899. A antiga sede situava-se à Rua do Comércio (atual Rua Chile), foi transferida para a Rua Dr. Barata e, atualmente, ocupa o local construído pelo Governo do Estado para a Recebedoria de Rendas, na gestão do governador Juvenal Lamartine de Faria e inaugurado a 31 de março de 1930.

O prédio faz parte de um conjunto arquitetônico de relevante valor histórico e arquitetônico, conjuntamente com o teatro Alberto Maranhão, o Colégio Salesiano, Praça Augusto Severo, antiga Faculdade de Direito, a antiga Escola Doméstica e o antigo Terminal Rodoviário Pte. Kennedy (atual Museu de Cultura Popular Prefeito Djalma Maranhão).

Jeanne Nesi (1994) faz a seguinte descrição deste monumento: o edifício apresenta partido de planta retangular, desenvolvido em dois pavimentos, com amplas dependências. A cobertura apóia-se em colunas revestidas de marmorite, com capitéis caprichosamente trabalhados. As divisões internas são feitas de madeira e vidro, havia duas escadas helicoidais de ferro. Preservou-se apenas uma.

Desde 27 de setembro de 1973, nele passou a funcionar a Junta Comercial. Em 1992 foi tombado como Patrimônio Histórico Estadual.



Figura 88 - Prédio da Junta Comercial. Mapa 03 - R21.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.81 PRÉDIO DA RECEITA FEDERAL

Localizado na Esplanada Silva Jardim, n° 83. Foi construído em 1928, para ser alfândega de Natal. Em 1939, o edifício foi restaurado e reinaugurado em janeiro de 1940.

Trata-se de uma edificação de significativo valor arquitetônico. Possui fachada simétrica, emoldurada por cornijas e cunhais. Uma pequena escadaria de acesso valoriza a entrada principal do edifício, que é feita através de uma porta, ligeiramente argulada, de grade de ferro, com as iniciais NA (Alfândega de Natal). Essa porta localiza-se na parte central do edifício e é ladeada por duas colunas, cuja fundação é apoiar a sacada de pavimento superior (NESI, 2002, p.124).

Vencendo o tempo, o prédio da Receita Federal guarda seu traçado original. Não é tombado como Patrimônio Histórico.



Figura 89 - Prédio da Receita Federal. Mapa 03 - R22.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.82 SOBRADO DA RUA CHILE (LOCAL ONDE NASCEU FERREIRA ITAJUBÁ)



Figura 90 - Sobrado da Rua Chile (local onde nasceu Ferreira Itajubá). Mapa 03 - R23.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

O Sobrado da Rua Chile número 63 é o local onde havia a casa onde nasceu o poeta Ferreira. Anteriormente, existiu no lugar uma casa simples de taipa, onde no dia 21 de agosto de 1877 nasceu o poeta Manoel Virgílio Ferreira Itajubá. Na fachada do prédio encontra-se uma placa de mármore com a data de nascimento e morte do poeta.

Manoel Onofre Jr., em *Literatura e Província* (1997, p.60), descreve Ferreira Itajubá como:

(...) uma grande figura humana, diríamos carlitiana. Homem pobre, destacava-se socialmente mais como animador de pastoris nas ruas líricas de Natal. Ou como fundador de um clube carnavalesco popular.

Certa vez, chegou a armar um circo no quintal de sua casa, onde desempenhou vários papéis, de palhaço a mágico. Gostava, já homem feito, de saltar papagaios, e quando era época junina arreliaava meio mundo com incríveis busca-pés.

Ferreira Itajubá foi homem de múltiplas atividades. Dono de circo, balconista de lojas de tecidos, escrevente, bedel do Ateneu e pintor letrista em várias lojas comerciais. Apesar da vida difícil, perdeu o pai ainda criança, era um dos mais conhecidos boêmios de Natal, nas noites enluaradas Itajubá estava sempre acompanhado do seu violão. Teve presença marcante nas serestas da antiga Natal.

Seus poemas foram reunidos no livro “Poesias Completas”. O pesquisador Onofre Jr. (1997, p.67) cita fragmentos de Terra Mater como exemplo de versos de Ferreira Itajubá que tornaram-se emblemáticos da poética natalense: Natal é um vale branco entre coqueiros: Logo que desce a luz dos alvaradas, vão barra a fora as velas das jangadas, cessam no rio as trovas dos barqueiros.

4.83 TEATRO ALBERTO MARANHÃO

Está situado na Praça Augusto Severo, na Ribeira. Teve sua construção iniciada em 1898, no governo Joaquim Ferreira Chaves, que o denominou Teatro Carlos Gomes. A inauguração se deu em 24 de março de 1904. Em 1912, durante o segundo mandato do governador Dr. Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão, teatro foi reinaugurado após uma reforma que o transformou em casa de luxo, dotada de espelhos e lustres de cristal.

A historiadora Denise Mattos (2000) lembra que a construção e reforma do Teatro Carlos Gomes, aconteceu na época da oligarquia Maranhão. Esta edificação e outras intervenções ocorridos em Natal, nos primeiros anos do século XX, simbolizam o desejo da elite potiguar em fazer de sua capital uma cidade moderna.

Transformado em cinema no período entre 1928 e 1930, também funcionou como Câmara Municipal entre 1952 e 1954, voltando a funcionar como teatro durante o governo de Dinarte Mariz. Somente em 1957 passou a ser chamado Teatro Alberto Maranhão, numa homenagem ao ex-governador responsável pela sua reconstrução.

Segundo Jeanne Nesi (1994), na sua reforma (em 1910), coordenada pelo arquiteto Herculano Ramos, “o teatro adquiriu feições ecléticas, apresentando elementos típicos do art nouveau como: grades, vasos, ornatos aplicados e esculturas, como a que se encontra no eixo central sobre a platibanda, confeccionada pelo francês Mathurin Moreau, simbolizando ‘A Arte’”.

O teatro Alberto Maranhão é tombado, a nível estadual, desde 27 de julho de 1985.



Figura 91 - Teatro Alberto Maranhão. Mapa 03 - R24.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.84 RUAS DA NOSSA HISTÓRIA

4.84.1 Rua da Conceição

Abriga o museu Café Filho, a sede do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), o IHGRN (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte), a Assembléia Legislativa e o Palácio Potengi da Cultura.

Considerada a rua mais antiga de Natal a manter seu topônimo originário, este logradouro atualmente restringe-se a esquina da Ulisses Caldas e a Praça Padre João Maria, com antigas residências, apenas de um lado da rua.

Segundo Cascudo (2002, p. 18):

Em princípios de 1808 já existe esse nome. Era pouco habitada até os primeiros lustros do século XIX. Ainda em 1834 havia um matagal espesso num dos lados. [...]

A construção da Praça Sete de Setembro, em 1914, desfigurou-a para sempre, derrubando uma metade da rua. O parque do Palácio demoliu outro trecho. Hoje a Rua da Conceição possui apenas uma fila de edifícios, e está reduzida a um pequenino número, contados da esquina do Palácio do Governo até a Praça João Maria, antiga Praça da Alegria.

É a Rua da Conceição um lugar de memória, que apesar das modificações no seu traçado, ainda guarda vestígio de uma época em que, com a atual Rua de Santo Antônio, era o caminho do Rio de Beber Água.



Figura 92 - Rua da Conceição. Mapa 04 - RNH01.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.84.2 Antigo caminho do Rio de Beber Água (atual Rua Santo Antônio)

Primitivo caminho do Rio de Beber Água, segundo Cascudo (1990), neste rio, beberam as bocas do Brasil Colonial: índios, portugueses, franceses e holandeses, pisaram o antigo chão desta rua. A Rua Santo Antônio é um dos logradouros mais antigos de Natal, como informa Medeiros Filho (1991, p. 70):

Até o ano de 1700, parece ter havido apenas duas ruas em Natal; a primeira corresponde à que fica defronte à Matriz, na atual Praça André de Albuquerque; a segunda o caminho do rio de beber água, às atuais ruas Santo Antônio e da Conceição. [...]

O Rio de Beber Água, Rio da Cruz ou do Baldo provinha da atual Lagoa de Manuel Felipe, no bairro de Tirol. Em 1677, o sesmeiro Pedro da Costa Faleiro referia-se ao “benefício que faz na fonte, para que não falte água no verão”, certamente o baldo por ele construído no Rio de Beber Água.

Caminho de história, encontramos na rua Santo Antônio a Igreja do Galo, o antigo passo episcopal e o museu de artes sacras. Lugares de memória, “documentos vivos” de passado da cidade, de Câmara Cascudo.



Figura 93 - Antigo caminho do Rio de Beber Água (atual Rua Santo Antônio). Mapa 04 - RNH02.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.84.3 Beco da Lama

Ponto de encontro de artistas, intelectuais e boêmios. Entre os diversos eventos realizados no Beco da Lama destacam-se o Festival Gastronômico: Pratos do Mundo; e o Festival de Música do Beco da Lama.

Local de memória, este logradouro desde sua origem caracterizou-se por ser lugar de alegria e das artes, antes foi denominado de Beco Novo como informa a pesquisadora Nesi (2002, p. 46):

O Beco Novo era um animado e movimentado logradouro público de Natal. Em 1841, o primeiro teatro da cidade foi destruído por um incêndio. Tratava-se de um barracão de palha situado na atual Gonçalves Ledo. Como a Sociedade do Teatro Natalense, proprietária do barracão, não dispunha dos recursos necessários à sua recuperação, os grupos amadores de então passaram a representar em teatrinhos improvisados, instalados em algumas ruas de Natal. No Beco Novo eram freqüentes aquelas representações.

A cidade dona do título de “noiva do sol”, conhecida por suas praias e dunas, pulsa vida no Beco da Lama, lugar ideal para quem procura entender a alma do natalense.



Figura 94 - Beco da Lama. Mapa 04 - RNH03.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.84.4 Rua Chile

A atual Rua Chile, antiga Rua do Comércio, foi a primeira paralela ao rio, na Ribeira, onde havia armazéns para produtos exportados pela província, tais como açúcar, algodão, tatajuba e peixe seco. A partir de 1850 começou a ter prédios de pedra e cal. Jeanne Nesi (2002, p.92), em Caminhos de Natal, informa: trata-se de um dos primeiros logradouros públicos daquele bairro. Existe registro de concessão de terras naquele local, pelo Senado da Câmara do Natal, desde 1731.



Figura 95 - Rua Chile. Mapa 04 - RNH04.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Uma das ruas mais importantes da história de Natal, intensa atividades econômica, no passado Rua da Alfândega, a atual Rua Chile era onde os principais comerciantes da província faziam os negócios de importação e exportação de mercadorias em seus armazéns, instalados próximo ao porto (MONTEIRO, 2000).

A Rua Chile, guarda a memória de um tempo em que além de centro econômico, era centro do poder político da capital potiguar. O historiador Luís da Câmara Cascudo (1999), conta que em 1870, o presidente da República Pedro de Barros Cavalcante de Albuquerque, transferiu a sede de administração provincial para o sobrado localizado neste logradouro. Hoje na antiga sede do governo funciona o Museu de Arte Popular da Fundação José Augusto.

A Rua Chile ao longo de sua história, também foi palco de eventos culturais. Em abril de 1898, o jornal A República noticia a exibição de uma sessão do cinematógrafo do Senhor Nicolau Parente, numa sala de espetáculos dessa rua. Câmara Cascudo (1999) diz que os armazéns da Rua do Comércio (Rua Chile), eram promovidos a cada de espetáculos pela amplitude das áreas internas de acomodações.

Confirmando sua vocação comercial e cultural, a Rua Chile é o endereço, de várias empresas do ramo pesqueiro e de locais de cultura, como, por exemplo, a casa da Ribeira. Lugar de diversos acontecimentos artístico-culturais, destacando-se o “Encontro Nacional de Escritores”, evento promovido pela prefeitura que tem trazido à cidade de Câmara Cascudo, expoentes da escrita brasileira.

Aqui, também, nasceu Pedro Velho, na casa n° 178, organizador do Partido Republicano, ex-governador e chefe político da oligarquia Maranhão.

Por fim, como afirmou a pesquisadora Jeanne Fonseca Leite Nesi (2002, p.97): A Rua Chile, que já foi a mais povoada e importante da cidade, ainda guarda na sua paisagem urbana, belos exemplares da arquitetura do passado.

Desde 1984, com a criação da Zona de Preservação Histórica a Rua Chile sofreu uma série de intervenções objetivando a preservação deste lugar de memória. Em 1994 foram realizadas intervenções nas fachadas da Rua Chile e no pavimento. Atualmente, segundo o Plano Diretor - 2007, a Rua Chile está inserida na Zona Especial de Interesse Histórico.

4.84.5 Rua Frei Miguelinho

Localizada no bairro da Ribeira, segundo a pesquisadora Jeanne Nesi (2002) a Rua Frei Miguelinho, é um dos mais antigos logradouros da parte baixa da cidade, outrora conhecida como ‘Caminho da Fortaleza’. Existem documentos do Senado da Câmara de Natal, datados de 1744, confirmando que o caminho que vai para a Fortaleza dos Reis Magos desde aquela época já era habitado.

O historiador câmara Cascudo (1999), em sua magnífica “História da Cidade do Natal”, relata que a Rua Frei Miguelinho foi também Rua 13 de Maio, recebendo a atual denominação porque o sítio dos pais do herói compreenda o lado direito da rua.

Frei Miguelinho, participou do movimento de 1817, conforme Trindade (2007) tratava-se de uma insurreição social iniciada em Pernambuco que rapidamente se espalhou por todo o Nordeste, inaugurando um ciclo revolucionário na região. Miguel Joaquim de Almeida Castro, frei Miguelinho era um homem de energia imperturbável, sereno e forte, conforme Câmara Cascudo apud Mariz e Suassuna, 2002.

Quanto à provável localização da antiga residência dos pais de Frei Miguelinho o pesquisador Olavo de Medeiros Filho (apud NESI, 2002) encontrou no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte relato do Sr. Antiocro Aprígio de Miranda, a época 1862, tesoureiro do Correio Geral de Natal, o relato diz: ‘... adiante para nascente do quartel de segurança hoje, ficava a antiga casa de construção forte, altura regular, bom tamanho que havia pertencido a Manuel Pinto de Castro, pai de Frei Miguelinho’.



Figura 96 - Rua Frei Miguelinho. Mapa 04 - RNH05.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

As diversas transformações ocorridas ao longo do tempo, inclusive com a abertura de vias como a Esplanada Silva Jardim, fizeram desaparecer a antiga residência da família de Frei Miguelinho. Hoje na esquina da rua Frei Miguelinho com a Esplanada Silva Jardim, onde existia o Quartel do Batalhão de Segurança (atual sede do Sindicato dos estivadores) encontra-se uma placa em homenagem ao filho mais ilustre nascido naquele local.

Uma rua guardiã da memória da Cidade do Natal, não apenas porque em seu chão brincou o menino que, quando adulto “formado” no Seminário de Olinda, transformou-se no revolucionário defensor da república e da abolição da escravatura. Mas guardiã porque nas intervenções sofridas registra a modernização da cidade.

Existia na Rua Frei Miguelinho uma feira muito concorrida. Lair Tinôco (1992, p. 51), em suas memórias, lembra que:

“Havia uma feirinha mais para o fim da Rua Frei Miguelinho chamada a feira da Tabujeira. Tinha este nome porque existia uma grande tatajuba, a sombra da qual, sentavam-se os vendedores, homens e mulheres que procuravam aquele local com o fim de venderem suas mercadorias; [...] era assim uma espécie de feirinha de emergência, por sinal bem concorrida”.

A Rua Frei Miguelinho, foi oficializada através da resolução da Intendência Municipal de 11 de junho de 1906. Esta rua está inserida na Zona Especial de Interesse Histórico.

4.84.6 Rua Dr. Barata

A Rua Dr. Barata guarda muito da história da Ribeira. Uma rua que ao longo do desenvolvimento urbano de Natal, se destacou por sua vocação comercial. Nas primeiras décadas do século XIX, o comércio consolidou-se na Ribeira, concentrando-se principalmente na atual Rua Dr. Barata, justificando assim o seu primitivo topônimo: Rua das lojas (NESI, 2002, p.98).

Este logradouro também foi denominado de Rua Correia Teles e Rua Visconde do Uruguai. A denominação atual, rua Dr. Barata surgiu através de resolução da Intendência Municipal de Natal, datada de 24 de setembro de 1900.

A Ribeira era um lugar de comércio e residências. Muitas gerações nasceram e cresceram, assistindo a terra de canguleiros vencer o alagadiço e transformou-se em centro econômico e político. A Cidade baixa era o “point” de Natal de início do século XX.

Em suas memórias, Lair Tinôco (1992, p.47) refere-se à Rua Dr. Barata como:

A rua *chic* da cidade, isto no que diz respeito aos seus estabelecimentos salientavam-se “A Formosa Síria”, “Armazém Potiguar”, “Casa Lux”, além de outros tantos estabelecimentos... Para ir a Rua Dr. Barata, mesmo residindo na Ribeira, era de bom tom usar chapéu e luvas. Nas tardes de sábado o comércio abria e então na Rua Dr. Barata era um verdadeiro desfile de elegância.

A Rua Dr. Barata, como toda a Natal, durante a Segunda Guerra Mundial, vivenciou grande movimentação. Uma Rua testemunha da história assistiu, nascer e desaparecer vários estabelecimentos, lugares de encontro da elite política e econômica da cidade.

Inserida na Zona Especial de Interesse Histórico, a Rua Dr. Barata é um “lugar de memória”.



Figura 97 - Rua Dr. Barata. Mapa 04 - RNH06.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

4.84.7 Avenida Tavares de Lyra

Uma das principais avenidas do bairro da Ribeira, a Avenida Tavares de Lyra, foi uma homenagem àquele que governou o Rio Grande do Norte de 1904 a 1906, historiador com várias pesquisas sobre a “Terra Potiguar”, político de destaque no cenário nacional, o governador Tavares de Lyra foi ministro da justiça no governo de Afonso Pena.

O topônimo deste logradouro foi oficializado em 1914, através de decreto assinado pelo governador Alberto Maranhão, para comemorar a abertura da avenida, também foi colocado um obelisco que ainda se encontra lá “testemunhando” as transformações ocorridas na Avenida Tavares de Lyra.

A pesquisadora Jeanne Nesi (2002, p.118) em Caminhos de Natal informa as intervenções ocorridas nesta avenida:

O quarteirão que separa a Avenida Tavares de Lira da travessa Venezuela foi reduzido à metade, sendo cortado no sentido diagonal, visando à abertura da avenida. Nas proximidades do atual Cais Tavares de Lira existia outro quarteirão, que foi suprimido para facilitar a ligação daquele logradouro público com o rio Potengi. O quarteirão que obstruía a Tavares de Lira ligava-se à Rua Chile, em ambos os lados. À sua frente existia um largo, denominado praça da República.

A Avenida do Cais, porto seguro de quem parte ou chega a Natal, era também lugar de passeio das moças natalenses. Segundo Lair Tinôco (1992), os calçados da Tavares de Lira transformavam-se em passarelas, lugar de passeio de moças da Ribeira e até da Cidade Alta. Podemos deduzir desta informação, que a moda feminina de Natal passava na Avenida Tavares de Lyra.

A Avenida Tavares de Lyra, por sua condição de Avenida do Cais, era o portal de entrada daqueles que chegavam à cidade pelo Rio Potengi. Esta característica fez desta avenida um dos lugares mais movimentados da velha Ribeira. Foi, inclusive, local de realização dos primeiros carnavais de rua.

A concentração do curso na Avenida Tavares de Lyra, consolidou o carnaval na Ribeira. Ali eram travadas as famosas batalhas de confete, que animavam os festejos momescos e coloriam todo o logradouro (NESI, 2002, p.119).

A Avenida, antigamente, foi local de ebulção cultural, local onde a elite política e econômica se reunia nos diversos cafés e bares. Em Natal do Meu Tempo, Guimarães (1999, p.135) lembra alguns destes lugares.

A Cova da Onça, o Anaximandro, o Aero Bar, a Rotisserie e o Café de Oscar Rubens, atraíam a freguesia seleta durante todo o dia, e à noite, até as dez horas. Desta hora em diante, porém, continuavam abertos, contando com a freqüência dos que gostavam de festejar a noite, [...] achando mais gosto na 'prosa' do que na bebida.

A Avenida Tavares de Lyra, ainda guarda um importante acervo arquitetônico/histórico, encontra-se diversas edificações apresentando em suas fachadas marcas de tempos passados.

Um destes exemplares é o antigo Grande Hotel, segundo Jeanne Nesi (1994) uma edificação de muita importância para a cidade, tanto pelos seus traços arquitetônicos, como pela sua evidência social.

Também existe, na esquina da Avenida Tavares de Lyra com Avenida a Duque de Caxias, a antiga sede do Banco do Estado do Rio Grande do Norte - BANDERN. Construção dos anos 1930, este edifício apresenta características arquitetônicas que o distingue do cenário urbano da capital.



Figura 98 - Avenida Tavares de Lyra. Mapa 04 - RNH07.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A Avenida Tavares de Lyra é bem representativa da Belle Époque em Natal. O obelisco supracitado, erguido todo em granito, registra em cada lado, datas significativas para a história. Está inserida na Zona Especial de Interesse Histórico.

4.84.8 Antiga Rua Coronel Estevam (atual Avenida Coronel Estevam)

Localizada no Alecrim a Rua Coronel Estevam (atual Avenida), era o antigo caminho que ligava a capital potiguar ao sertão. Seu topônimo é uma homenagem ao Coronel Estevam José Barbosa de Moura (1810-1891), homem de grandes propriedades, que mandou abrir um caminho para a antiga Coité, atual Macaíba.

A ocupação do bairro Alecrim seguiu as transformações causadas pela expansão da cidade e por ser passagem para o interior do estado. Cascudo (1999, p. 357) informa que o:

Alecrim, com o acesso para o sertão por Macaíba, ficou sendo o bairro sertanejo, tendo sítios que pareciam fazendas, vacarias, feiras, simplicidade de vida, roupa e atividades. Surgiram pequenos hotéis para os comboios que carregavam caminhões, o algodão, fixavam seus motoristas e patrões acanhados nos alojamentos do Alecrim.



Figura 99 - Antiga Rua Coronel Estevam (atual Avenida Coronel Estevam). Mapa 04 - RNH08.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

A partir do caminho aberto, pelo velho Coronel Estevam, em fins de 1859 e princípio de 1861, o Alecrim inicia sua vocação de bairro comercial e popular. A Rua Coronel Estevam faz parte da evolução urbana da cidade do Natal. Rua de nossa memória.

4.85 PRAIAS URBANAS

Belas praias e um sol brilhante o ano inteiro, fazem de Natal um pólo de atração turística. Em todo o ano a capital do sol, recebe visitantes de todas as regiões brasileiras e do exterior, principalmente europeus. Veja a seguir as praias natalenses.

4.85.1 Praia da Redinha

Localizada na embocadura do rio Potengi, caracteriza-se pela presença de dunas e vegetação de mangue. Distante 15 km do centro de Natal, era inicialmente, uma colônia de pescadores. Durante muitos anos, foi, praticamente, o único local de veraneio dos natalenses. Possui 6 km de extensão e dunas brancas.



Figura 100 - Praia da Redinha.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

A Redinha, além da beleza natural, é o que os historiadores denominam de “lugar de memória”. A Redinha dos pescadores, antes pertenceu aos índios potiguara, chefiados pelo grande Camarão, líder indígena, aliado aos portugueses. A aldeia de Felipe Camarão (nome adotado pelo chefe indígena após seu batismo), localizava nas proximidades da praia, no atual bairro salinas. Cascudo (1968), informa a existência de documentos citando este topônimo datados do primeiro terço do século XVIII.

Na Redinha existe a capelinha construída pelos pescadores em 1924, templo erguido em homenagem a padroeira do bairro, Nossa Senhora dos Navegantes. Tempos depois, foi construída a igreja de pedra, 1954, motivo de “conflito” entre os nativos e os veranistas. Os pescadores contrários a ida da imagem de Nossa Senhora dos Navegantes para a igreja da pedra, acreditavam que a Santa ficaria feliz na capelinha, olhando o mar de frente.

Ainda existe nesta praia, o Redinha Clube, construído originalmente em madeira (1922) abrigou a primeira escola pública do bairro, foi erguido posteriormente em pedra (1935). Este clube foi palco dos grandes eventos promovidos pelos veranistas.

Uma outra referência histórica é o “cemitério dos ingleses”. Como os católicos não permitiam que os ingleses fossem enterrados no Cemitério do Alecrim, a solução encontrada foi utilizar a região conhecida como Cemitério Clandestino para se realizar o sepultamento dos estrangeiros protestantes.

A Redinha, parte norte de Natal, separada do núcleo inicial pelo Rio Potengi e ao centro urbano ligado pela “Ponte Velha” (Igapó), da “Ponte de Todos Newton Navarro”. Dois marcos importantes no desenvolvimento da praia da Redinha.

4.85.2 Praia do Forte

Seu topônimo tem origem no Forte dos Reis Magos, marco da colonização portuguesa, erguido sobre recifes na foz do Rio Potengi. Primeira construção arquitetônica do Rio Grande do Norte. Segundo Jeanne Nesi (1999), o Forte dos Reis Magos foi projetado pelo jesuíta Pe. Gaspar de Samperes. O objetivo era proteger a capitania dos invasores franceses.

Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Forte é um dos principais pontos de visitação turística do Estado.

Local privilegiado, a praia do Forte reúne uma bela paisagem natural, o Rio Potengi encontrando o mar, tendo na margem esquerda a praia da Redinha, seus arrecifes e dois marcos da cidade antiga e moderna: o Forte dos Reis Magos e a Ponte de Todos Newton Navarro.

A praia do Forte localiza-se no perímetro urbano, a 5 km do centro, ideal para o banho e a prática do *windsurf*, é caracterizada por ondas calmas e a formação de piscinas naturais.



Figura 101 - Praia do Forte.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

4.85.3 Praia do Meio

Antiga Ponta do Morcego era local de caça como lembra o historiador de Natal Luís da Câmara Cascudo. Foi somente a partir de 1915, ainda conforme nosso historiador, que a Praia do Meio passou a ser local de veraneio, com belas casas. Uma curiosidade, sobre seu topônimo, citado por Cascudo (1999, p.261):

Um tipógrafo Manuel Joaquim de Oliveira construiu a primeira casa na Avenida Beira Mar... A casa ficava entre Morcegos e Areia Preta. [então]... Luís Candido de Oliveira sugeriu o nome daquele trecho que não era mais Praia do Morcego e ainda não chegava à Areia Preta. Propôs Praia do Meio.



Figura 102 - Praia do Meio.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

O pesquisador Manoel Onofre jr, em seu Guia da Cidade do Natal, divide a Praia do Meio em duas uma denominada de Praia dos Artistas, que começaria logo depois da ladeira do sol e outra em frente ao antigo Hotel dos Reis Magos.

O Hotel dos Reis Magos, hoje desativado já foi referência na hotelaria potiguar.

Uma praia que requer muita atenção dos banhistas é um bom local para a prática de surf. Com a construção da Ponte de todos Newton Navarro é esperado um aumento no número de freqüentadores desta praia e a revitalização da atividade comercial.

4.85.4 Praia dos Artistas

Esta praia começa no final da ladeira do sol, e, como já foi visto, é apontada como extensão da Praia do Meio. Dizem que recebeu este nome porque já foi palco de livres manifestações nas décadas de 20 e 30.

Nesta praia encontra-se um grande Centro de Artesanato, com 80 lojas e praça de alimentação. Local de intensa vida noturna, principalmente nos anos 1980. A Praia dos Artistas vivenciou na década de 90, um período de decadência, com o fechamento de vários bares e lojas.

Com a construção da Ponte de Todos Newton Navarro e a execução de projetos de apoio ao turismo, existem uma grande perspectiva, de moradores e comerciantes, na revitalização desta área.



Figura 103 - Praia dos Artistas.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Dona de um belo “cartão postal”, a Praia dos Artistas é um convite ao passeio em seu calçadão, além de ser o ponto ideal para a prática de surfe.

4.85.5 Praia de Areia Preta

Tem como características a presença de falésias ou paredão de coloração escura. Na orla possui residências, hotéis, restaurantes e bares, além de pousadas. A Ponta do Morcego, nessa praia, situa-se sobre falésias e oferece uma das mais belas vistas do nosso litoral. Nela há uma baía de $\frac{3}{4}$ a 01 km de extensão, dividida em duas partes por uma barreira.

A Praia de Areia Preta era o local de chegada dos bondes elétricos, que desciam o morro de Petrópolis para o deleite daqueles que gostavam da brisa do mar. Mas, isto era, em 1912, segundo Cascudo (1999), o mais delicioso passeio da época. Podemos imaginar.



Figura 104 - Praia de Areia Preta.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Lugar de muitas histórias recorremos, a Luís da Câmara Cascudo para saber como tudo começou:

...Praia feliz. Era recanto de pescadores até 1920, quando sua popularidade e rude beleza prestigiaram-lhe a forma. Os pescadores foram vendendo os ranchos e os natalenses construindo outros, mais feios, e indo passar as semanas de calor. Era a mais longínqua das terras para o leste e deu margem as festas lindas, serenatas, banhos de fantasia, piqueniques espaventosos e mesmo causou inveja às reuniões da cidade no tempo em que veraneava ali o comerciante Jorge Barreto, aclamado conde de Areia Preta pelos amigos (CASCUDO, 1999, p. 260).

Nos últimos anos a Praia de Areia Preta, sofreu grande valorização imobiliária, sendo construído diversos edifícios. Apesar das modificações ocorridas, ao longo dos anos, esta praia, ainda guarda seu charme. Com uma bela formação rochosa na areia formando gruta, após as obras paisagísticas e estruturantes, realizadas pela prefeitura, a praia voltou a ser freqüentadas por natalenses e visitantes ávidos em conhecer as belezas da Cidade do Sol.

4.85.6 Praia de Ponta Negra

Situa-se a 14 km do Centro da Cidade, possui acessos pela Via Costeira (entre o Parque das Dunas e o mar) e Avenida Roberto Freire. Considerada uma das mais belas praias do Nordeste. Para Onofre jr (2002), Ponta Negra está para Natal assim como o Pão de Açúcar está para o Rio de Janeiro. Sua paisagem natural revela uma pequena baía, arrecifes e altas dunas, destacando o Morro do Careca, lindo cartão postal de Natal.



Figura 105 - Praia de Ponta Negra.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Vila de pescadores, na praia de Ponta Negra encontramos, o moderno e o tradicional. Em meio a grandes espigões, ainda existe o cruzeiro e a capelinha, formando uma paisagem que lembra as pequenas cidades do interior.

A praia de Ponta Negra possui uma excelente infra-estrutura de hotéis, pousadas e restaurantes, é lugar de intensa vida noturna. Cosmopolita, em Ponta Negra, encontra-se pessoas de toda parte do mundo e do Brasil.

A partir de 2000, passou por obras de reurbanização, com a padronização de barracas, a construção de um calçadão e a implantação de iluminação adequada na orla. Estas intervenções aliada a uma linda paisagem fazem de Ponta Negra um dos melhores lugares a serem visitados na cidade de Câmara Cascudo.

5 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O Rio Grande do Norte também recebeu influências culturais de outros povos, como os demais estados brasileiros. Aqui floresceu diversas manifestações da cultura popular, fandangos, autos, mamulengos, todos de grande beleza. Um universo de beleza, representado por grandes expoentes do folclore potiguar, como afirma o pesquisador Gurgel (1999, p.37):

Aqui nasceu Luís da Câmara Cascudo o grande folclorista brasileiro, aqui também nasceram Fabião das Queimadas, o poeta das vaquejadas que, com os seus romances, enriquece a poesia popular brasileira e Chico Daniel, certamente o maior mamulengeiro do Brasil, ... e, é aqui, no Rio Grande do Norte que ainda hoje se apresentam algumas das danças e outros folcloristas mais perfeitos do Brasil, objeto de elogios dos maiores folcloristas brasileiros, como Luís da Câmara Cascudo, Mário de Andrade, Ascenço Ferreira, Théo Brandão.

Encontramos cultura na Cidade do Natal, não há somente praia na terra de Câmara Cascudo, “um brasileiro feliz” como o definiu o poeta Diógenes da Cunha Lima. Cultura Popular que resiste na herança de Manoel Marinheiro, Chico Daniel, Câmara Cascudo e no exemplo do administrador sintonizado com os anseios do povo natalense, prefeito dos autos populares, Djalma Maranhão.

5.1 Congos de Calçola



Figura 106 e 107 - Figurino utilizado nas apresentações dos Congos de Calçola.
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Os congos de calçola apresentam uma trajetória rítmica Africana de Angola. Segundo Gurgel (1999), os congos do estado têm como motivo comum a representação da Rainha Ginga, soberana africana. Em Natal se destaca o congo de calçolas da praia de Ponta Negra.

O congo de calçolas, da praia de Ponta Negra, pode ser contacto através de José Pedro Correia. Este como informa Gurgel (1999), trabalha no restaurante do SESC situado na Avenida Rio Branco.

5.2 Caboclinhos



Figura 108 - Apresentação parafolclórica dos caboclinhos.

Foto: arquivo eletrônico do Governo do estado do Rio Grande do Norte.

Manifestação popular expressa nos dias de folia carnavalesca. Dança que lembra os grupos indígenas. O folclorista Défilo Gurgel (1999) relaciona alguns fatores que distingue “os Caboclinhos” de outras “tribos” nas apresentações dos dias de carnaval:

...não se vestem de penas; o ritmo de seus bailados é mais alegre e vibrante; não usam o arco-e-flexa apenas como instrumento de guerra, mas, sobretudo, como instrumento musical, que lhes dá o ritmo para suas danças, realizadas ao som de gaita ou pife, que chamam flauta.

Existem registros da existência de dois grupos de danças na cidade de Ceará-Mirim, Região Metropolitana de Natal.

5.3 Araruna

A Sociedade Araruna de Danças Antigas Semi-Desaparecidas, nasceu como entidade, com estatuto e sede própria a partir de 1956. O grupo de danças do Araruna apresenta-se, geralmente, com oito a dez pares de dançarinos. Apresentam:

danças aristocráticas de salão, diversos números, alguns dos quais tipicamente folclóricos, outros, folclorizados. Chote, valsa, polca, são dançados ao lado do “carangueijos”, “bode”, “besouro”, “araruna”. O acompanhamento das danças é de sanfona e instrumentos de percussão (GURGEL, 1999, p.111).

A mais tradicional Sociedade folclórica da terra de Câmara Cascudo, tem sede no bairro das Rocas, localizada na Rua Miramar, 173. Lugar de resistência de nossas tradições.



Figura 109 - Araruna. Apresentação do grupo Araruna Sociedade de Danças Antigas e semi-desaparecidas. Foto: arquivo eletrônico da Tribuna do Norte.

5.4 Babelô



Figura 110 - Babelô de São Gonçalo do Amarante.

Foto: arquivo eletrônico da SETUR - Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte.

É uma dança de roda, divertimento e desafio entre repentistas, para ver quem melhor improvisa. O acompanhamento das cantigas é feito com ganzás e tambores. Caracteriza-se pela dança de solista que faz galanteios coreográficos, normalmente a umbigada ou uma vênia, em frente a uma dama, que, por sua vez, responde com gingadas de corpo, conforme a música. Os dançarinos postam-se lado a lado, num semi-círculo, onde o solista entra, canta seu ponto, dança e se retira. Seus versos são improvisados.

Para Deífilo Gurgel, esta é uma forma sofisticada do coco-de-roda, que sofreu visível influência do ritmo e coreografia do samba.

Em Natal, no bairro do Alecrim, existiu um tradicional grupo desta dança. Era o 'Asa Branca de Severino Guedes'. A pós a morte de seu fundador, os dançarinos do Babelô ficaram inativos.

5.5 Boi Calemba

O folguedo se apresenta cantando cantigas do século passado, saudações, louvações e benditos. O Boi Calemba é composto por dezessete participantes, geralmente divididos em dois grupos, os Enfeitados e os Mascarados. O folclorista Gurgel (1999, p. 102) informa a função de cada grupo:

Compõem o primeiro grupo o Mestre da brincadeira, os Galantes e as Damas, responsáveis pelo lado sério do espetáculo [...] Os Mascarados, provém a parte cômica do espetáculo. São três, Mateus, Birico e Catirina. Declamam loas, como os Galantes, entretanto, gaiatas; representam pantomimas e parodiam os comenetrados Galantes, em suas cantigas e atitudes.

O Boi Calemba, conforme diversos estudiosos das danças folclóricas, é a versão dos potiguares do bumba-meu-boi nordestino. Vivo na memória do natalense, este folguedo expressa riqueza da cultura norte-rio-grandense.

Em Natal Boi Calemba é sinônimo de Manoel Marinheiro (Manoel Lopes Galvão), que construiu ao longo de sua vida um pólo de resistência da cultura popular. Hoje sem a presença de mestre Manoel, a comunidade de Felipe Camarão, ainda, vivencia as lições de amor aos folguedos, ensinada por Marinheiro. Deste modo na Rua Silva, 262, transversal da Rua Rainha do Mar, (próximo à igreja da Cabocla), encontramos um lugar de folclore, a antiga resistência do Mestre Boi Calemba.

Finalmente, o Boi Calemba é um dos folguedos mais tradicionais de Natal, a relatos desta “brincadeira’ como parte de várias festas populares-religiosas. Guimarães (1999, p.39), cita como ponto alto dos festejos natalinos, de início do século XX, a presença do “Boi Calemba”.



Figura 111 - Boi de Reis Mestre Manoel Marinheiro. Associação Companhia Terramar Conexão Felipe Camarão.
Foto: Adrovando Claro.

5.6 Pastoril

O auto do Pastoril é uma reminiscência dos autos portugueses. Compõe-se de poemas dialogados e musicados que tratam de motivos religiosos e profanos. Há dois partidos ou cordões que formam o pastoril: o cordão azul e o encarnado. As cantigas expressam a alegria dos cordões com o público, louvando o Messias e exaltando o Pastoril. Para Gurgel (1999), esta é a maior característica do Pastoril Potiguar.

O Pastoril se destaca pela diversidade de personagens como o anjo Gabriel, Lúcifer, Libertina, Célia, Graça, Mestra e Contramestra, Flora, Centurião, Argemiro, Eva, Diana, Herodes, com sua maldade, reavivando a sentença da paixão de Cristo. Existem alguns pastoris que inovaram o folguedo religioso em profano.

Na vila de Ponta Negra existe um grupo de Pastoril, formado por idosos.



Figura112 - Pastoril. Apresentação do Grupo de São Miguel do Gostoso.
Foto: arquivo eletrônico da SETUR - Secretaria de Turismo do Estado do Rio Grande do Norte.

5.7 Fandango

Nosso fandango é inspirado nas grandes aventuras marítimas portuguesas. Este auto conta a história da Nau Catarineta, que se perdeu no mar. O grupo é formado por uma tripulação de aproximadamente quarenta marujos, entre oficiais e marinheiros. Normalmente, o auto é representado num barco ou como alternativa num palanque (GURGEL, 1999).

Atualmente não existe registro de grupos de fandangos ativos em Natal, encontramos alguns resistentes nas cidades de Canguaretama e Georgino Avelino.

5.8 Teatro Popular de Bonecos

O Teatro Popular de Bonecos, recebe várias designações em todo o Nordeste. Em Recife, por exemplo, chama-se Mamulengo, enquanto no Rio Grande do Norte e Paraíba é denominado João Redondo. Esta expressão da cultura popular, originária da Ásia, trazida pelos Ibéricos, encontrou no Nordeste um verdadeiro celeiro de calungueiros, como se chama o homem que manipula os bonecos em nosso estado.

Um teatro simples, apresentado por bonecos rústicos, feitos de pano, muito expressivos, acoplados nas mãos de apresentador, dando-lhes vida em pequenos atos hilariantes (ONOFRE Jr., 2002, p.55).



Figura 113 - Chico Daniel. Um dos principais artistas do teatro de bonecos do Rio Grande do Norte, ao lado de seus mamulengos.

Foto: arquivo eletrônico da Tribuna do Norte.

O espetáculo geralmente é composto por várias histórias, formando pequenas cenas que se completam ou não. Sobre este aspecto do “João Redondo”, recorreremos a Gurgel (1999, p.138):

O espetáculo é fragmentado em pequenas histórias e, às vezes, nem isto, pois há bonecos representando artistas populares (cantores, violeiros, sanfoneiros) que, sozinhos, fazem uma “parte”. Essa fragmentação do espetáculo permite que a sua duração varie, ao sabor das circunstâncias.

Em Natal, a arte do João Redondo permanece viva graças aos calungueiros, como Chico Daniel (Francisco Ângelo da Costa) segundo Ariano Suassuna o maior “bonequeiro” do Brasil. Após o falecimento de Chico Daniel seu filho continua mantendo acesa a chama do Teatro de Bonecos Popular. Também encontramos no conjunto Nova Natal o Zé Relampo, que reside próximo a estação de trem. Carroceiro de profissão, Zé Relampo (José Soares de Assis) apresenta o “João Redondo” de forma tradicional, destacando sua voz (GURGEL, 1999).

5.9 Artesanato e Arte Popular

O professor Saul Martins (apud Gurgel, 1999, p.163) define o artesanato como o tratamento que as criaturas mais simples dos agrupamentos humanos dão à matéria bruta, visando a um fim utilitário, comercial, artístico, recreativo, o que for. Munido deste conceito encontramos, em solo potiguar, diversas representações de artistas populares.



Figura 114 - Artesanato e Arte Popular.
Foto: Esdras Rebouças Nobre (adaptação Lorene Kássia).

O nosso artesanato apresenta algumas singularidades, como por exemplo, a escultura em madeira. Onofre (1998), em seu Guia da Cidade do Natal, afirma ser a singularidade da nossa arte popular, a escultura em madeira, geralmente figuras de pequenas proporções, feitas com instrumentos rudimentares.

Natal conheceu um grande mestre-artesão, “fazedor” de Santos, o “Chico Santeiro”. Escultor de reconhecida habilidade. O mestre Santeiro transformava a madeira em perfeitos “tipos” nordestinos. Utilizou sua arte para esculpir pequenas imagens de santos e cristos crucificados.

Diferente do comum, aqueles apelidados de Chico, o nome de Chico Santeiro é Joaquim Manoel de Oliveira, natural do município de Santo Antônio do Salto da Onça. Herdou do pai o gosto da escultura em madeira. Existem peças de Chico Santeiro em diversos lugares, inclusive no Vaticano. Hoje a arte de Chico Santeiro resiste através das mãos do seu genro, Zé Santeiro.

Com um rico artesanato, Natal desponta no Nordeste como um dos maiores centros produtores e comercializadores de peças confeccionadas por verdadeiros artistas populares. A terra de Câmara Cascudo conta com diversos pontos de vendas, destacando o Centro de Turismo, situado em Petrópolis, em uma belíssima construção, a antiga Casa de Detenção.

Além da arte em madeira, o artesanato potiguar é composto por peças bordadas, bijuterias fabricadas com metal e minerais, tapeçarias, objetos feitos em couro, miniaturas, como barco, peixes, ferramentas indígenas, enfim um universo de cultura popular.

5.10 Gastronomia

O prato mais tradicional da culinária potiguar é a carne-de-sol, de raízes sertanejas, geralmente servida com manteiga de garrafa e acompanhada de feijão verde, macaxeira frita ou cozida e farofa d’água. Outra especiaria que pode ser deliciada é a paçoca, servida acompanhada de feijão verde e macaxeira. E ainda, a buchada, vísceras e outros miúdos de carneiro, picados e cozidos dentro de saquinhos com arroz e farofa feita com o próprio molho em que foi cozido o carneiro; o ensopado de caranguejo desfiado e cozido em água e leite de coco, tempero verde, cebola e tomate.

Em Natal como lembra o pesquisador Manoel Onofre Jr. (2002) não existe uma tradição em carne de sol, por ser uma cidade litorânea os pratos típicos são os de origem do mar.



Figura 115 - Gastronomia (Culinária Local).

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Veríssimo de Melo, num belo texto intitulado Natal há 100 anos passados, confirma o gosto do natalense pelos frutos do mar, resultado da própria facilidade em pescar, pois:

... não havia terra com maior abundância de peixes e crustáceos do que Natal daquela época. Trazidos pelas jangadas dos pescadores, enumeravam-se a cavala, o dentão, a cioba, o pargo, a pescada, a bicuda, o dourado, a corvina, o bejupirá e o cação (MELO, Veríssimo in EMERECIANO, João Gothardo Dantas, 2007, p.46).

A capital potiguar tem em sua culinária um grande atrativo turístico. Aqui, além do que já foi citado, encontramos a tapioca, um verdadeiro “manjar” servida tradicionalmente sem recheio, e especialmente na praia da Redinha existe tapioca com gíngua.

Não esquecendo o camarão, iguaria muito saborosa, preparada com temperos e ingredientes diferentes, como por exemplo, leite de coco, azeite de dendê ou simplesmente preparado no alho e óleo.

O mestre Cascudo em sua *Historia da Alimentação no Brasil* (apud Onofre, 2002, p.47), lembra outra delicia natalense, o pirão. Segundo Cascudo o “legítimo é de farinha de mandioca e só se come no Brasil”.

Além dessas iguarias, há uma grande variedade de doces feitos com as frutas regionais: caju, graviola, cajá, manga, umbu, mangaba, jaca, cristalizados ou em compotas e doces artesanais com os de batata, goiaba com castanha, banana com coco e jaca com castanha. A fazer “batida”, bebida a base de frutas e cachaça. Outras frutas e ervas servem de base para elaboração de remédios caseiros (lambedores) tais como a romã, corama, hortelã, mastruz e urtiga branca.

A terra de Câmara Cascudo é um verdadeiro convite ao deguste de uma boa culinária, encontrada em todos os cantos da cidade.

6 CALENDÁRIO HISTÓRICO-CULTURAL DE NATAL

JANEIRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
01/01	Ano Novo	Festa de confraternização universal, comemorada na entrada do ano, com: Missa, fogos de artifício, Baile de Reveillon, homenagem a Iemanjá na Praia do Meio, Ponta Negra e Redinha, com oferendas jogadas ao mar.
06/01	Festa de Santos Reis	Festa religiosa, que encerra as comemorações do ciclo natalino. Cultua as imagens dos Três Reis Magos, ornadas de ouro e prata e que foram trazidas de Portugal como doação de D. José III à paróquia da cidade do Natal. Os festejos religiosos têm início com as novenas todas as noites na Igreja do bairro do mesmo nome. A parte profana da festa centra-se nas quermesses com comidas e bebidas típicas, música e parque de diversão, no pátio externo da igreja. A culminância da parte religiosa é no dia 6 de janeiro com a missa solene e procissão pelas ruas do bairro à tarde.
11/01	Nascimento de Augusto Severo	Nascido em Macaíba, Rio Grande do Norte, Augusto Severo D'Albuquerque Maranhão, pioneiro e mártir da aviação, foi jornalista, deputado federal, abolicionista e republicano histórico. Faleceu em Paris em 12 de maio de 1902, na explosão de seu dirigível "PAX", juntamente com seu mecânico Sachet. Anualmente, por ocasião do aniversário de sua morte, são jogadas flores sobre o seu busto, na Praça que leva seu nome, no bairro da Ribeira.
27 a 29/01	Festa de Nossa Senhora dos Navegantes	Introduzida pelos portugueses, esta é uma das festas mais tradicionais da Cidade do Natal. Consta de uma procissão fluvial, em que inúmeros barcos ornamentados transportam a imagem e os fiéis da padroeira do bairro da Redinha, através do Rio Potengi. Após a procissão, a imagem da Santa é devolvida ao templo. Festa de caráter religioso e popular, na qual é desenvolvida uma programação festiva com folguedos variados. Ocorre em janeiro, dependendo da fase da maré alta. Comemora-se no período de 27 a 29 de janeiro.
20/01	Festa de São Sebastião	Festa religiosa de cunho popular é comemorada em vários bairros, onde o santo é padroeiro, com a realização de novena, e com barracas que vendem comidas e bebidas típicas, além da queima de fogos de artifícios. No último dia da novena é celebrada uma missa solene, seguida de profissão. A igreja de São Sebastião, em Natal, fica localizada à Rua Cel. Estevão, no bairro do Alecrim.
Data móvel	FIART/RN - Feira Internacional de Artesanato	Feira e exposição do artesanato de todas as regiões brasileiras e de outros países vizinhos, como Argentina e Chile - com apresentações folclóricas e indígenas. Localizada no Centro de Convenções de Natal (Via Costeira).
FEVEREIRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Carnaval	Festa de cunho popular e profano. Consta em sua programação prévias carnavalescas. Na quinta-feira que antecede o carnaval realiza-se o Baile da Cidade; na primeira semana antes do carnaval, na Praia da Redinha, ocorre o Ensaio Geral, e, ainda, o baile das Kengas, com a escolha do rei momo e da rainha do Carnaval, o Baile de Máscaras e a Noite de Ouro. No sábado à noite, realiza-se o desfile de blocos, escolas de samba e tribos de índio, não bairro da Ribeira, realizado pela Prefeitura do Natal, através da SECTUR.

MARÇO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
05/03	Beatificação dos Mártires de Cunhaú e Uruaçu	Em junho de 1645, sob o domínio holandês, índios canibais invadem a capela de Nossa Senhora das Candeias na hora da missa, fecham as portas e praticam o massacre a 69 católicos, entre eles, o Padre André de Soveral, em Cunhaú. Em outubro de 1645, oficiais holandeses matam brutalmente 80 fiéis católicos em Uruaçu. Em 05 de março do ano de 2000, em Roma, o Papa João Paulo II beatifica os primeiros protomártires norte-riograndenses, e em Natal o Monsenhor Lucilo Machado oficializa às 9h e30 min a primeira missa em louvor aos beatificados.
10/03	Nascimento de Otoniel Menezes	Otoniel Menezes foi jornalista, autodidata, um dos mais inspirados poetas do Estado, autor de versos famosos de "Praieira", canção musicada por Eduardo Medeiros. Deixou vários livros de poesia como: "Girmen", "Jardim Tropical", "Sertão de Espinho", "Flor", "A Canção da Montanha", além de ensaios, artigos e trovas. Faleceu em 19.04.68.
13/03	Criação do Ballet Municipal	Criado em 1974, pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, tem como objetivo proporcionar a formação clássica de ballet a crianças e jovens. Sua aula inaugural ocorreu em 13 de março de 1974, com palestras sobre a importância da dança na educação. No dia 14 de março, no Palácio dos Esportes, verificou-se a primeira aula prática da Escola de Ballet. A primeira apresentação com o grupo de dança se deu no Teatro Sandoval Wanderley. Sua oficialização, entretanto, só ocorre em 1976, conforme Decreto nº 1796, quando da gestão do Dr. Vauban Bezerra de Faria.
14/03	Dia Nacional da Poesia	A data é lembrada em Natal com manifestações artísticas, reunindo escritores e especialmente poetas e lançamento de livros. Desde o final dos anos 70, a data vem sendo comemorada com um café da manhã especial: "PÃO CAFÉ E POESIA", além de exposições e performances.
19/03	Dia de São José	Descendente de Davi, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado de Cristo. Por amor, obediência e fidelidade a Deus, São José recebeu vários tributos da Igreja Católica: Esposo da Mãe de Deus, Chefe da Sagrada Família, Exemplo de Fidelidade, Espelho de Paciência, Modelo dos Operários, Protetor da Santa Igreja e Esperança dos Enfermos.
24/03	Inauguração do Teatro Alberto Maranhão	Inaugurado em 24 de março de 1904, com o nome de Carlos Gomes, atualmente "Alberto Maranhão". A construção teve início no ano de 1898. A mudança ocorreu quando era governador do Rio Grande do Norte, o Dr. Silvio Piza Pedroza.
29/03	Fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte	Criado por iniciativa do Desembargador Vicente Simões Pereira de Lemos. Teve como seu primeiro presidente o Dr. Olimpio Manoel dos Santos Vital.
ABRIL		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
04/04	Criação da Fundação José Augusto	Nesta data, no ano de 1963, a Lei Estadual 2.885 autorizou o Poder Executivo a instituir a Fundação José Augusto, dedicada a promover a cultura do Estado do Rio Grande do Norte
26/04	Inauguração do Teatro Municipal Sandoval Wanderley	Instalado na administração do prefeito Djalma Maranhão com nome de "Teatrinho do Povo", o Teatro Sandoval Wanderley foi idealizado dentro do plano de valorização cultural, visando levar o povo às manifestações artísticas de nossa cidade. Foi inaugurado em 26 de abril de 1963, com a peça de Antônio Calado, "Pedro Mico", encenada por um grupo de universitários.
30/04	Criação da Sociedade Brasileira de Folclore	Fundada em 30 de abril de 1941, por Luís da Câmara Cascudo, a Sociedade Brasileira de Folclore é a primeira do gênero no Brasil.
Data móvel	Micareme	Realizada 40 dias após o carnaval a festa é realizada na Praça das Flores, no bairro de Petrópolis. Consta na programação do evento, a apresentação de shows com a participação de bandas locais e de blocos carnavalescos.
MAIO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
03/05	Santa Cruz da Bica	Está situada no final das ruas Voluntários da Pátria, Santo Antônio e Padre Pinto, local em que o fundador de Natal teria delimitado o perímetro urbano da sede da capitania. Considerada milagrosa, está sempre rodeada de fitas e flores. Festejada com novenário, missa, apresentação de banda de música e grupos folclóricos.

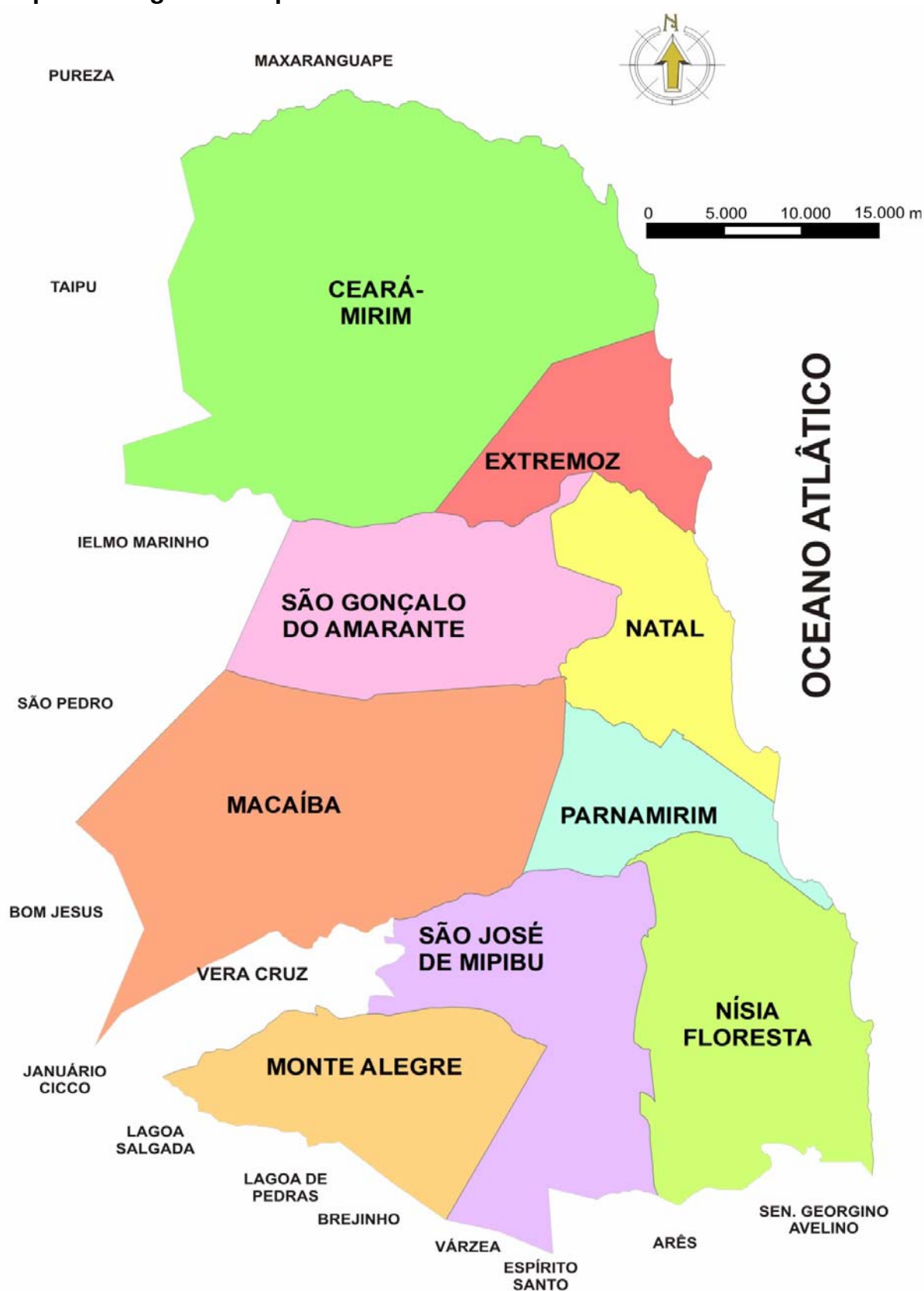
JUNHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
05/06	Dia Nacional do Meio Ambiente	Neste dia, deseja-se que cada um possa tomar consciência de que os grandes problemas ambientais são gerados pela soma de atitudes individuais. Quando destruímos o meio ambiente em que vivemos, estamos contribuindo para destruir a própria vida, isso é a maior verdade. Preservar a natureza é dever do homem. A beleza de nossas praias, dunas, árvores, águas são fontes de vida. A luta e vigilância devem ser permanentes.
08/06	Nascimento de Chico Santeiro	Nasceu a 08 de junho de 1898 em Santo Antônio do Salto da Onça (RN). De família de escultores populares, tornou-se o mais famoso de todos os nossos santeiros, de onde veio seu apelido. Seu nome era Joaquim Manoel de Oliveira. Morando em Natal esculpiu milhares de peças de madeiras (cristos, rendeiras, cangaceiros, carros de boi, etc.).
13/06	Festa de Santo Antônio	Nascido em Lisboa, foi franciscano e professor de Teologia. Pregou a palavra do evangelho em toda a parte, em Portugal e depois na Itália. A festa de Santo Antônio é comemorada em diversos bairros de nossa cidade, com novenários, com bandas de música, apresentação de corais, leilões, barracas com comidas e bebidas típicas, hasteamento da bandeira do santo, por ocasião da abertura das festividades.
2ª quinzena de junho	Festival de Quadrilhas	Realizada sempre em locais públicos da cidade, o evento apresenta quadrilhas juninas de todo o Estado a fim de que se escolha aquela que participará de concurso regional, com o patrocínio de empresas da iniciativa privada.
23/06	Nascimento do Padre João Maria	O padre João Maria é considerado santo pela grande devoção dos fiéis que visitam o busto na praça que tem o seu nome no centro da cidade. Nasceu a 23 de junho de 1848 e faleceu em 16 de outubro de 1905 na Fazenda Logradouro do Barro no município de Jardim de Piranhas. Viveu durante muitos anos em Natal, pregando e fazendo caridade a todos que precisavam, tendo inclusive prestado assistência numa grande epidemia que assolou a cidade do Natal, levando comida e remédios aos pobres.
24/06	Festa de São João	Filho de Isabel e Zacarias, foi chamado "Profeta do Altíssimo", consagrado no ventre materno para anunciar o Redentor e preparar os homens para sua vinda. O culto a São João tornou-se muito popular. Segundo a tradição oral, a fogueira presente hoje nos festejos é lembrança daquela que Maria (Nossa Senhora) acendeu ao anunciar o nascimento de São João, quando da sua visita a sua prima Isabel. Em nossa cidade as tradições folclóricas em torno das festas juninas têm sido preservadas através dos tempos. São fogueiras, quadrilhas, casamentos matutos, comidas típicas e queima de fogos que fazem parte dos festejos, além do tradicional forró. A Prefeitura realiza grande Festival de Quadrilhas Juninas, tradicionais e estilizadas, com a participação de mais de cem grupos de todas as regiões da cidade.
29/06	Festa de São Pedro	Apóstolo de Cristo, São Pedro recebeu dele a missão de chefia da igreja. A festa do padroeiro é comemorada no Alecrim, na igreja do mesmo nome, com missa, procissão e barracas no pátio da igreja.

JULHO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
01/07	Criação do Brasão de armas e escudos do Rio Grande do Norte	O brasão de armas e escudo do Rio Grande do Norte foi criado pelo governador Alberto Maranhão pelo decreto nº 201 de 1º de julho de 1909. A presença do mar onde navega uma jangada de pescadores representa as indústrias do sal e da pesca. Os laços de cores naturais que prendem as duas canas representam a flora principal do Estado.
25/07	Criação da Sociedade Araruna de Danças Antigas e Semi-Desaparecidas	Criado em 25 de julho de 1956 por iniciativa do vereador Manoel de Oliveira Paula, recebendo de Wilson Oliveira o nome de Cordellanas. Depois, por sugestão de Câmara Cascudo, passou a chamar-se Araruna. O grupo Araruna é uma dança muito bonita com características próprias que se apresenta sempre nas festas de Natal e Ano Novo mantendo a origem de sua tradição. Desde o início a orientação para as danças é feita pelo mestre Cornélio Carpina, grande incentivador de manifestações folclóricas da terra.
Segunda quinzena do mês	Festa de Sant'Ana	A Festa de Sant'Ana realiza-se na segunda quinzena do mês de julho no conjunto Soledade II, no bairro Potengi. Durante 10 dias, os fiéis homenageiam a padroeira da comunidade que abrange localidades como Santarém, Novo Horizonte, Alvorada, Parque das Dunas, Jardim das Flores, Niterói e Salinas, na Zona Norte de Natal.
AGOSTO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
21/08	Nascimento de Ferreira Itajubá	Manoel Virgílio Ferreira Itajubá nasceu em 1876, em Natal, no bairro da Ribeira. Foi uma figura humana extraordinária, homem do povo, poeta nato, de grande talento e nenhuma erudição, foi considerado o maior dentre os românticos do Rio Grande do Norte. Morreu em 1912 no Rio de Janeiro, deixando grande lacuna na vida potiguar.
22/08	Nascimento de Jorge Fernandes	Nasceu em 1887 em Natal. Não teve instrução formal superior. Autodidata, teve vida dura. Foi empregado de uma fábrica mais de 20 anos, comerciante (cafés e bares) e funcionário público. Nordestino, já fazia versos sem rima provocando protestos e iras por toda à parte. É considerado percussor do Concretismo. Morreu em Natal a 17 de julho de 1953.
22/08	Dia do Folclore	Este dia foi criado em 1846. Estuda-se o folclore como culto às raízes culturais de um povo, exteriorizado pelas danças, cantos, poesias, lendas, estórias, superstições, usos e costumes, enfocando uma série de tradições transmitidas de geração a geração. Uma das características do folclore é o anonimato das composições literárias ou musicais, criadas por alguém cujo nome é ignorado e que se incorporam as manifestações populares. É comemorado com apresentação de grupos folclóricos das comunidades nas escolas, fazendo um intercâmbio dos seus conhecimentos para a criação de grupos para-folclóricos.
24/08	Aniversário de morte de Felipe Camarão	Antônio Felipe Camarão pertenceu a grande tribo dos potiguares. Combateu os holandeses e escaramuçou com os invasores do Rio Grande do Norte até a Bahia. Seus relevantes serviços fizeram com que D. João IV lhe concedesse o "hábito de cavaleiro da Ordem de Cristo", o título de "Dom" o "foro de fidalgo com brasão de armas", um soldo de quarenta cruzadas e a patente de Capitão-mor de todos os índios do Brasil. Morreu no Arraial Novo do Bom Jesus, perto de Recife.

SETEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
11 a 14/09	Festa do Bom Jesus das Dores	De 11 a 14 de setembro na igreja do padroeiro no bairro da Ribeira. A festa constitui-se apenas da parte religiosa, missas e novena.
12/09	Nascimento de Auta de Souza	Nasceu em Macaíba em 12 de setembro de 1876. Poetisa mística, autora de um único livro <i>Horto</i> , é uma das vozes mais sensíveis da poesia feminina no Brasil. Aos 14 anos, já órfã de pai e mãe, lhe apareceram os primeiros sintomas da tuberculose que a vitimou.
28/09	Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos realiza-se anualmente no dia 28 de setembro até os primeiros dias de outubro, na Cidade Alta. Um dos momentos mais aguardados da festa é a coroação do rei e da rainha negra.
03/09	Criação do Coral Municipal	O Coral Municipal Sons da Terra tem como finalidade a difusão do canto coral nas escolas da rede municipal de ensino, através da realização de concertos didáticos e apresentações de caráter pedagógico. Fundado em 03 de setembro de 1991, o coral é composto somente por vozes femininas, com funcionárias da rede municipal de ensino.
OUTUBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
17/10	Nascimento de Lourival Açucena	Joaquim Edvirgens de Melo Açucena foi cronologicamente o primeiro poeta do RN. Nasceu a 17 de outubro de 1827 e faleceu antes de completar 80 anos, também em Natal. A sua poesia é simples, porém, cheia de graça e durante 60 anos governou as serestas, as ceias e as festas íntimas da cidade.
NOVEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Festival de Cinema de Natal - FESTNATAL	O Festival de Cinema de Natal apresenta mostras de filmes nacionais e estrangeiros. O público alvo estimado diariamente é de cerca de 500 espectadores. Anteriormente o evento era realizado no Cine Rio Verde, Cine Natal I e II e no Centro de Convenções. Porém atualmente acontece no Moviecom. Promovido pelo Circulo de Artes do Nordeste.
Data móvel	Muitos Carnavais	Carnaval fora de época com o objetivo de resgatar antigos carnavais, com a participação de bandas de sopro, charangas e blocos carnavalescos. É realizado pela iniciativa privada, com apoio da Prefeitura através da SECTUR, geralmente acontece no corredor cultural, entre a Cidade Alta e a Ribeira.
DEZEMBRO		
DATA	EVENTO	HISTÓRICO
Data móvel	Carnatal	Carnaval fora de época, realização da Destaque Promoções e Eventos, apoio da Prefeitura do Natal, com a participação de trios elétricos da Bahia e artistas locais. Localizado no Espaço de Eventos do Machadão.
Data móvel	Festejos Natalinos - Natal em Natal	Constam em sua programação apresentações folclóricas, Auto do Natal, Festa de Iemanjá e show pirotécnico no Reveillon. Os festejos são realizados na Praia de Ponta Negra, Praia dos Artistas, Centro da Cidade e Redinha, com o apoio da Prefeitura do Natal, através da SECTUR e FUNCART.
22/12	Auto do Natal	Espetáculo de rua, com as manifestações culturais da cidade. O evento realiza-se no Centro da Cidade e é promovido pela Prefeitura da Cidade do Natal, através da FUNCART com o apoio de outras Secretarias Municipais.
Data móvel	ENCONAT	O Encontro de Corais de Natal, é realizado no último trimestre do ano. Em 2003, na sua 9ª edição, o evento passou a ser oficializado como o I Encontro Nacional de Coros de Natal. As apresentações acontecem no Teatro Alberto Maranhão durante a noite. Também, durante o período do Encontro, os corais se apresentam paralelamente em diversos locais da cidade, como escolas, clubes e outras instituições, espalhando o canto coral por toda a cidade nesses dias.

7 REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL

Mapa 07 - Região Metropolitana de Natal



Fonte: Anuário/2007.

Arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

7.1 REGIÃO METROPOLITANA: ROTEIRO TURÍSTICO, CULTURAL E HISTÓRICO

7.1.1 Jenipabu

A praia de Jenipabu situa-se a 30 km de Natal, no município de Extremoz, na região metropolitana. Um dos lugares mais conhecidos do Rio Grande do Norte, tem como principal cartão postal o passeio de buggies nas dunas. Recentemente as brancas dunas podem ser vistas em passeios com dromedários.



Figura 116 - Praia de Jenipabu.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Em nomes da terra, Cascudo (1968), informa que este topônimo é originário de Jenipab-u, comer jenipapo, onde se come jenipapo. A facilidade em encontrar o fruto do jenipapeiro foi, então, a causa da origem do nome desta praia e de sua lagoa, outro lugar de extrema beleza. Bares e restaurantes a beira-mar, oferecem comidas e bebidas típicas regionais.

7.1.2 Pitanguí

Pitanguí é uma praia de areias brancas e vasta enseada, a sua lagoa é um espetáculo a parte. Em suas margens são realizados vôos de ultraleve. No interior da lagoa há cadeiras para *relax* e pedalinho. Um dos acessos a esta praia é a agradável travessia de balsa pelo rio Ceará-Mirim, passando por Barra do Rio, uma linda praia e logo adiante chegando a Graçandu último paraíso antes de Pitanguí.



Figura 117 - Praia de Pitanguí.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

A praia de Pitanguí, pertence ao município de Extremoz, localizado na região metropolitana, quem a visita, além de se deliciar com uma linda paisagem de dunas, coqueiros, mar e lagoa, não pode deixar de degustar os diversos frutos do mar e o “grude”, iguaria típica da sede do município. Distante de Natal, 35 km.

7.1.3 Jacumã

Localizada a 49 km de Natal, no município de Ceará-Mirim. Segundo Cascudo (2002), este topônimo vem de iacumã, leme, timão, popa, por analogia piloto, proeiro das antigas jangadas. Tem 06 km de dunas e coqueirais, uma lagoa de águas limpas e frias.



Figura 118 - Lagoa e Praia de Jacumã.

Foto: Esdras Rebouças Nobre / www.camaracmirim.com.br/pontosturisticos.htm (acessado em 31.07.2008).

Uma bela paisagem, que conta com atrações como o skibunda e o cabo elétrico, de onde pode saltar de uma altura de 30 m para mergulhar nas águas da lagoa.

7.1.4 Graçandu

Esta praia possui coqueiros e dunas que compõem a bela paisagem litorânea. Está a 32 km de Natal e seu acesso é feito pela RN-160, através de Extremoz.



Figura 119 - Praia de Graçandu.

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

7.1.5 Muriú

Muriú é uma praia calma, de areia clara e solta. Nesta praia pratica-se a pesca da lagosta e acerca de 01 km, existem piscinas naturais formadas por recifes, aonde se chega através de jangadas.

Sobre seu nome nosso historiador Cascudo (2002) de ser originário de moro-iu, onde há água doce, água de beber.



Figura 120 - Praia de Muriú.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

7.1.6 Pirangi

Localizada no vizinho município de Parnamirim, na região metropolitana. A praia de Pirangi, atrai turistas o ano inteiro. É uma das praias mais badaladas do litoral sul, conhecida por seu animado carnaval. Passeios de barco possibilitam ao visitante, apreciar belas paisagens. Uma delas é a praia de Búzios, com suas areias, seus recifes e águas limpas de um verde vivo.

Em Pirangi encontra-se o maior cajueiro do mundo, que ocupa uma área de 7.300 metros, equivalente a 70 cajueiros de porte normal. Principal ponto de atração turística, existem no entorno do cajueiro de Pirangi, bares, restaurantes, lojas e toda uma infra-estrutura para servir bem aos visitantes.



Figura 121 - Praia de Pirangi.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

7.1.7 Camurupim / Barreta



Figura 122 - Praia de Camurupim.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.



Figura 123 - Praia de Barreta.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

Outro trecho do litoral sul que vale a pena visitar é a região entre Camurupim e Barreta. As piscinas naturais que se formam quando a maré está cheia, graças aos recifes da região, proporcionam aos banhistas um ambiente tranquilo e agradável. Junto à orla temos a lagoa de Arituba, um lugar lindo, com boa infra-estrutura de bares e restaurantes.

7.1.8 Búzios

A praia de Búzios, pertencente ao município de Parnamirim, é formada por uma extensa faixa de areias fofas, claras e uma faixa de recifes. Búzios ostenta dunas de areias finas e alvas e exuberante paisagem de mata de restinga, tendo em seu interior 07 lagoas, dentre as quais se destaca a Lagoa Dourada.



Figura 124 - Praia de Búzios.
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

7.1.9 Cajueiro de Pirangi (O Maior do Mundo)

Localizado na praia de Pirangi, é considerado o maior cajueiro do mundo, figurando no *Guinness Book*. Ocupa uma área de 7.300 m², com 500 m de circunferência e mais de 100 anos de existência.

Durante o período de safra os visitantes podem usufruir de seus deliciosos frutos. É cobrada uma pequena taxa para adentrar o parque e fazer uma visita acompanhado por guias que explicam as características e histórias da árvore. No interior do Parque, existe um mirante de onde se tem uma bela vista da copa do cajueiro. Há também toda uma infra-estrutura de quiosques para servir a todos os visitantes do maior cajueiro do mundo.



Figura 125 - Vista aérea do Cajuzeiro de Pirangi (O Maior do Mundo).
Foto: Esdras Rebouças Nobre.

7.1.10 Centro de Lançamento da Barreira do Inferno

No contexto da chamada Guerra Fria, na qual os Estados Unidos e a antiga União Soviética disputavam a hegemonia global, a exploração do espaço sideral adquiriu maior relevância. As influências dessa conjuntura internacional se fizeram presentes no Brasil, especialmente em Natal, com a implantação do Centro de Lançamento de Foguetes da Barreira do Inferno - CLBI, subordinado ao Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento - DPED - do Comando da Aeronáutica. Sua denominação é uma referência às falésias, de cor avermelhada, existentes em suas proximidades, entre as praias de Ponta Negra e Cotovelo. Diz a tradição que, na observação de antigos pescadores, o reflexo da luz solar nas falésias, no alvorecer, era comparado a labaredas de fogo. Daí a origem do topônimo e sua propagação.



Figura 126 - Centro de Lançamento da Barreira do Inferno (CLBI).

Foto: Esdras Rebouças Nobre.

A localização do CLBI foi definida para Natal graças às suas condições naturais, propícias às atividades previstas no projeto aeroespacial brasileiro. A estratégica proximidade do equador magnético, com baixo índice pluviométrico, condições de vento, predominantemente, favoráveis, em região adjacente ao Oceano Atlântico, com ampla área de impacto necessária para instalações dessa natureza, possibilitou, em 1964, o início das obras para a implantação da Barreira do Inferno nas imediações da capital potiguar. Mais precisamente na divisa com Parnamirim, município integrante da Região Metropolitana de Natal. A instalação da primeira base de lançamento de foguetes na América do Sul, cuja extensão abrange cerca de cinco quilômetros quadrados, rendeu a Natal o título de Capital Espacial do Brasil.

Segundo a Agência Espacial Brasileira, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, o lançamento inaugural no CLBI aconteceu em 15 de dezembro de 1965. Na ocasião foi lançado ao espaço, em parceria com a NASA, a agência espacial dos Estados Unidos, o foguete de sondagem Nike-Apache, de origem norte-americana. Tal fato marcou o ingresso do País nesse campo da atuação científica. A partir de então, a denominada Barreira do Inferno tornou-se referência no programa aeroespacial brasileiro e passou a apoiar os projetos espaciais dos Estados Unidos, Alemanha e Canadá. Posteriormente, passou a colaborar com a European Space Agency - ESA, no monitoramento dos foguetes Ariane, o que garantiu consideráveis divisas para o Brasil.

Atualmente, o pioneirismo da Barreira do Inferno e as peculiaridades das suas atividades aeroespaciais, têm atraído para as suas instalações, considerável contingente de visitantes.

7.1.11 Casa Grande e Engenho Verde Nasce

O vale do Ceará-Mirim tem, ao longo da história, se caracterizado por ser uma região produtora de cana-de-açúcar. Os engenhos determinaram à paisagem. Andar pela cidade dos Verdes Mares é passear entre imagens, do Brasil da casa-grande e senzala. A Casa Grande do Engenho Verde Nasce é um belo testemunho das edificações do século XIX. Construída pelo Dr. Victor Barroca, homem de direito, foi o primeiro juiz da cidade de Ceará-Mirim.

Esta edificação apresenta a técnica da construção em taipa de pau a pique, com o emprego de madeiras largas e resistentes. Exemplar arquitetônico único, sua preservação faz necessária, entre outros motivos, por representar um momento da evolução de nosso casario. Hoje, não é comum encontrar residência da elite de taipa, mais no passado esta era a técnica usada nas grandes construções, como por exemplo, igrejas e sobrados.



Figura 127 - Casa Grande e Engenho Verde Nasce.

Foto: www.camaracmirim.com.br/pontosturisticos.htm (acessado em 31.07.2008).
arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Lugar de memória, terra onde nasceu Nilo Pereira, a Casa Grande do Engenho Verde Nasce faz parte do Patrimônio Histórico Estadual desde 18/11/1992.

7.1.12 Mercado Público

Com o desenvolvimento da economia canavieira cresceu, na cidade de Ceará - Mirim, a presença de engenhos. O comércio foi um dos primeiros setores a sentir os efeitos dos verdes canaviais. Sobre este aspecto Senna (1974, p. 460) comenta:

Consolidada a nova sede Municipal Ceará-Mirim (vila em 1858 e cidade em 1882), dessa fase em diante não se desenvolveram apenas os engenhos, com aristocracia escravocrata e canavieira, mas, sobretudo o comércio, [...]

Foi neste “clima” de prosperidade que nasceu o Mercado Municipal, iniciativa do Cel. Onofre José Soares. Inaugurado no dia 27 de dezembro de 1881, logo se transformou no centro comercial de Ceará - Mirim e das cidades vizinhas. A feira, antes funcionando na Rua Grande, foi transferida para as proximidades do mercado.



Figura 128 - Mercado Público.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

O Mercado Público apresenta características neoclássicas. Construção simples, guardou na sua forma, a história e a cultura do Vale de Ceará-Mirim. Lugar de memória, foi Tombado como Patrimônio Histórico Estadual em 21/01/1984.

7.1.13 Solar dos Antunes

Localizado na esquina da Praça Onofre José Soares, o “Palacete dos Antunes”, foi construído em 1888 para ser a residência do tenente-coronel José Antunes de Oliveira. Membro da elite agrária, José Antunes era o Senhor do Engenho Oiteiro.

O Solar dos Antunes foi palco de importantes reuniões políticas e sociais. A aristocracia do final do século XIX e início do século XX, participou de grandes festas ocorridas na residência dos Antunes.



Figura 129 - Solar dos Antunes.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Edifício de grande beleza possui características neoclássicas. É apontado, por vários pesquisadores, como a construção mais expressiva da época de “ouro” dos senhores de engenho.

Lugar de memória, o Solar dos Antunes, Tombado em 15/07/1988, faz parte do Patrimônio Histórico Estadual. Hoje é sede da Prefeitura Municipal de Ceará - Mirim.

7.1.14 Casa Grande Guaporé (Museu Nilo Pereira)

A Casa Grande de engenho Guaporé, hoje funciona como Museu Nilo Pereira. O museu é uma justa homenagem a um dos filhos mais ilustre de Ceará - Mirim homem das letras, pesquisador de destaque no cenário nacional. Nascido no engenho Verde Nasce, Nilo Pereira, viveu os tempos de infância no Guaporé. O historiador Luís da Câmara Cascudo chamava-o de “Barão de Guaporé”.

Construção de meados do século XIX, sua arquitetura apresenta traços de estilo francês, erguida na parte alta da propriedade, possui uma bela vista do Verde-Vale. Ainda encontra-se a Casa-de-Banho, construída em frente à Casa-Grande como era costume nas construções do século XIX.



Figura 130 - Casa Grande Guaporé (Museu Nilo Pereira).

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Lugar de memória, pisar o chão das terras do Guaporé é fazer uma viagem pela história, tempo da Casa-Grande e Senzala, momento de encontro com os elementos formadores do povo brasileiro. Foi Tombado como Patrimônio Histórico Estadual em 1988, pela Fundação José Augusto.

7.1.15 Casarão do Vilar

Testemunha do passado, o Casarão do Vilar faz parte da história de Macaíba. Construção do início do século XX, resistindo as temperes do tempo e a “falta” de memória do brasileiro, em geral, olha passivo à evolução da cidade de Jundiáí.

Apresenta uma bela arquitetura, formando, com outros monumentos, um rico acervo arquitetônico, cultural e histórico da cidade de Macaíba. Cidade de grandes nomes das letras potiguares, como por exemplo, os irmãos Eloy de Souza, Henrique Castriciano e Auta de Souza.



Figura 131 - Casarão do Vilar.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Nesta cidade que respira cultura, encontra-se na Rua Dr. Heráclito Vilar, 144, o Casarão do Vilar, lugar de memória foi Tombado em 30/07/2002, integrando, desde então, o Patrimônio Histórico Estadual.

7.1.16 Casarão dos Guarapes

Centro comercial importante, em meados do século XIX, Guarapes é resultado da ação de Fabrício Gomes Pedroza, pernambucando, que se fez norte-riograndense. Segundo o historiador Cascudo (2002, p. 217) Fabrício, o “Senhor dos Guarapes”, iniciou seu império como:

Pequeno comerciante, comprando ali e vendendo além, “feirante” como dizem em Portugal, mascate, na terminologia de outrora, andou escolhendo onde assentar sua casa, como uma águia procura ninho para as conquistas das serras ao redor. Fixou-se no Coité.

Também foi Senhor dos Guarapes Amaro Barreto de Albuquerque Maranhão, herdeiro do império de Fabrício Pedroza, seu sogro. Amaro Barreto era um homem empreendedor e ativo que no decorrer de pouco tempo trouxe Guarapes ao esplendor antigo, comerciando com raro tino e sabendo tirar do lugarejo o maior rendimento. (TAVARES, s/n, p. 49).



Figura 132 - Ruínas do Casarão dos Guarapes.

Foto: Marco Polo - www.diariodenatal.com.br (acessado em 31.07.2008).

Construção datada de 1858, o Casarão dos Guarapes, hoje em ruínas é testemunha de um tempo em que a vida econômica do Rio Grande do Norte localizava-se em Macaíba, nas terras banhadas pelo Rio Judiai. Prosperidade confirmada por Medeiros (1973, p. 94):

[...] de lá, galeras, brigues, caravelões, uma quantidade enorme e variada de embarcações à vela, transportavam mercadorias para o estrangeiro. Somente no ano de 1869/1870, vinte e duas ganharam o mar alto, pegados em busca da Inglaterra. De Natal, apenas 19.

Majestosa, construída no alto, olhando o Porto Guarapes. Hoje em ruínas, o Casarão foi tombado em 22/12/1990, desde então faz parte do Patrimônio Histórico Estadual. Lugar de Memória, em seu chão andava a riqueza da terra Potiguar.

7.1.17 Solar do Caxangá

O município de Macaíba possui um rico acervo arquitetônico, edificações que guardam a memória da sua evolução. Cidade, antes povoação do Coité. Cascudo (1968, p. 100) sobre seu topônimo informa que: tomou o nome em virtude de uma Macaíba plantada no local. De macá-iba, árvore da macaba, macaúba, bocaiúva, côco-de-catarro, pela viscosidade da polpa comestível.



Figura 133 - Solar do Caxangá.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Terra de história, em Macaíba encontra-se o Solar do Caxangá, construção de 1879, belo exemplar da arquitetura do final do século XIX. Vencendo a ação do tempo, este casarão, ainda, preserva o piso de tijolos e seus traços originais. Possuído de importante significado histórico, foi Tombado como Patrimônio Histórico Estadual, em 30/07/2002. Lugar de Memória, hoje, o Solar do Caxangá abriga o Instituto Pró-Memória de Macaíba.

7.1.18 Solar da Madalena

Localizado na antiga Rua do Pernambuqueiro, na cidade de Macaíba, o Solar da Madalena destaca-se por sua beleza arquitetônica, símbolo de uma época em que o município de Macaíba era considerado a capital econômica do Rio Grande do Norte. Construído na primeira década do século XX.

O Solar da Madalena compõe, com outras edificações, o casario da cidade do Jundiaí. Vila e cidade rica, movimentada, festiva, acolhedora, musical e bailarina (CASCUDO, 1968, p. 206). É esta Macaíba, de passado, descrita por Luís da Câmara Cascudo, que encontra o visitante deste casarão.



Figura 134 - Solar da Madalena.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Uma construção que ainda preserva seus traços originais, como afirma Costa (2002):

Encontra-se em bom estado de conservação e seu estilo arquitetônico é digno de ser preservado. As reformas que ocorreram no referido imóvel não descaracterizaram suas linhas originais. De beleza ímpar e de grande representatividade histórica [...]

Importante monumento histórico, o Solar da Madalena foi Tombado como Patrimônio Histórico Estadual, em 30/07/2002. Lugar de Memória, parte da história Potiguar passou pelo piso do Solar da Madalena.

7.1.19 Solar do Ferreiro Torto

Localizado no município de Macaíba, foi erguido nas terras do antigo engenho Ferreiro Torto, próximos das margens do rio Jundiá. Do engenho não existe vestígio, ficou o Solar, majestoso, testemunhando o luxo produzido nas moendas.

Edificação de bela arquitetura, o Solar do Ferreiro Torto apresenta características neoclássicas, como informa LIMA (2002, p.74):

Fora de Natal também se verifica a presença do estilo neoclássico. Uma delas é o palacete, hoje conhecido como Solar do Ferreiro Torto. [...] Os aspectos ornamentais do - pilastras, frisos e cornijas - e sua disposição simétrica caracterizam-no como sendo uma obra neoclássica. A ausência dos platibandas e de ornamentos típicos como pinhas, jarros, compoteiras, poderiam estar indicando um tipo de arquitetura típica do Período Colonial para o neoclássico.

Lugar de memória, o Solar do Ferreiro Torto, construído em 1847, foi tombado como Patrimônio Histórico Estadual em 15/07/1988. Aberto a visitação pública, pisar o seu solo é caminhar por parte da história de Macaíba e de terras potiguares.



Figura 135 - Solar do Ferreiro Torto.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

7.1.20 Igreja de São Gonçalo do Amarante

A arquitetura religiosa erguida, até meados do século XVIII, no Rio Grande do Norte tem como característica a simplicidade dos templos construídos durante o Brasil Colônia.

A Igreja de São Gonçalo do Amarante é das poucas que conserva, ainda, a sua estrutura fundamental (SOUZA, 1981).

O historiador Tavares de Lyra (apud SOUZA, 1981) lembra que documentos, datados de 1757, fazem referência a uma capela existente, no mesmo lugar e com devoção ao mesmo Santo. Comprovando, assim, a longa tradição, dos moradores, na adoração de São Gonçalo do Amarante. Fé e herança cultural, determinantes na elevação do Santo padroeiro, a nome de município.

O pesquisador (SOUZA, 1981) apresenta algumas semelhanças entre a Igreja de São Gonçalo do Amarante e a Igreja de Santo Antônio em Natal. Segundo ele os pontos comuns são: suas linhas sóbrias, seu singelo frontão e sua torre quadrangular.



Figura 136 - Igreja de São Gonçalo do Amarante.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Lugar de memória, da presença católica na terra de dona Militana a Igreja de São Gonçalo do Amarante, faz parte do acervo histórico do Rio Grande do Norte. Seu tombamento ocorreu em 30/08/1989, pela IPHAN.

7.1.21 Escola Estadual Barão de Mipibú

Esta edificação data do final do século XIX, seu patrono era Miguel Ribeiro Dantas, Barão Mipibú, por força do decreto imperial de 28 de março de 1877. Representante da elite agrária do Brasil Imperial, o Barão de Mipibú pertenceu a uma das famílias mais tradicionais da Capitania do Rio Grande, proprietários em São José de Mipibú. Sobre ele escreveu Cascudo (1974, p. 89):

Não sei onde aprendeu a ler e a contar. Foi depressa, herdeiro das tradições da família, possuindo terras, fundando safras, vigiando o empilhamento das formas que eram enviadas para Pernambuco, pela praia de Pirangi. Para todos os efeitos, era um Senhor de Engenho, rico, agasalhador e senhorial.

Construída com a denominação de “Casa de Instrução”, a Escola Estadual Barão de Mipibú, lugar de memória, faz parte do Patrimônio Histórico Estadual. Foi Tombado pela Fundação José Augusto, em 01/10/1998.



Figura 137 - Escola Estadual Barão de Mipibú.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

7.1.22 Igreja e Convento dos Jesuítas

O Brasil Colônia foi palco de vários confrontos entre os indígenas e os portugueses, a capitania do Rio Grande não ficou isenta neste cenário. Aqui ocorreu a “Guerra dos Bárbaros”, maior conflito registrado na história da ocupação Européia do território brasileiro.

Esta situação de revolta dos nativos foi desde o início da ocupação portuguesa, principal preocupação do império luso. É neste contexto que surge a política de “Aldeamento”. Segundo Lopes (2003, p. 160), esta política marca:

[...] uma nova fase da ação catequética no Brasil, a das Missões de Aldeamento, que organizadas com base na ordem de 30 de março de 1560, deram início à prática da política atual em relação aos índios: os “mansos” deveriam ser estabelecidos em aldeamentos, sob o governo dos principais e autoridade espiritual e temporal dos missionários, com a garantia de liberdade; para os índios “hostis” que atacavam as povoações e colonos, manteve-se um concomitante “sistema de terror” e apresamento.

Os jesuítas estabeleceram em solo Potiguar a Missão de Guajiru, erguendo em 1755, a Igreja de Extremoz. Um belo exemplar da arquitetura religiosa do período colonial. Lugar de orações e “pacificações”, o templo Jesuíta abandonado durante o período do Marquês de Pombal, deixou no imaginário popular à existência de tesouros enterrados (CASCUDO, 2002).

A lenda do ouro de Extremoz, aliada a falta de uma política de preservação, contribuiu para a destruição da Igreja e Convento dos Jesuítas. Hoje se encontra ruínas que teimam em resistir à ação do tempo e dos homens.

Da antiga Igreja e Convento, resta pouco, como nos informa Cascudo (2002, p. 99):

No meio da praça melancólica restam dois monumentos de história e recordação. O Cruzeiro, outrora coroando a cimalha do frontão da matriz, olha a tristeza daquela solidão misteriosa. [...] E o que resta do Pelourinho de 3 de maio de 1760, quando a aldeia de Guajiru passou a ser Vila de Extremoz.

Símbolos de um tempo da história do Rio Grande do Norte, as ruínas da Igreja e Convento de Extremoz, foram Tombados em 22/12/1990. Lugar de memória pertence ao Patrimônio Histórico Estadual.



Figura 138 - Igreja e Convento dos Jesuítas - Foto do início do século.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

7.1.23 Estação Ferroviária de Papary

Localizada na antiga Papary, hoje município de Nísia Floresta. Existem registros de antigo topônimo datados de 1607, para Cascudo (1968, p.110) significa: Lagoa do Pari, onde existem paris, fixando a pesca com tapumes nos recantos piscosos.

Construída pelos ingleses, donos da concessão da linha férrea que ligava Natal à Nova Cruz. A Estação de Papary, fazia parte das diversas paradas existentes entre a cidade de Nova Cruz e a capital potiguar. Conforme Feijó (s/n):

[...] a Estação de Papary merece atenção especial, por ser considerada a mais suntuosa ao longo do trecho. [...] Edificação de caráter solene, de inspiração clássica marcada pela apropriação de elementos e símbolos da arquitetura antiga como o frontão, a simetria. Porém, esta também inclui uma simbologia gótica nos arcos de envasadura e arrematando o edifício, aparecem os redentados, lembrando os castelos medievais, verdadeiras fortalezas com suas ameias, com cunhais salientes insinuando pontos de vigia.

A Estação de Papary é um belo testemunho da implantação de transporte férreo no Rio Grande do Norte, conta a história da Great Western até a Sampaio Correia. Lugar de memória foi tombada em 6 de Setembro de 1984 pela Fundação José Augusto, pertence ao patrimônio Histórico Estadual.



Figura 139 - Estação Ferroviária de Papary.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

7.1.24 Mausoléu de Nísia Floresta

Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida na antiga Papary, viveu sua infância no sítio Floresta, lugar que viveu sempre na sua recordação de escritora e poetisa (PEREIRA, 1986).

Nísia Floresta, amante das letras, educadora, mulher à frente do seu tempo. Nas palavras de Pereira (1986, p. 92), ela foi uma liberal-romântica, no melhor estilo da segunda metade do século XIX. Conviveu com grandes intelectuais do seu tempo, destacando sua amizade com Augusto Comte. Cosmopolita viveu e produziu grande parte de sua obra literária na Europa.



Figura 140 - Mausoléu de Nísia Floresta.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

Após peregrinar pelo mundo, a menina de Papary, faleceu aos 76 anos de idade na França. Muitos foram os intelectuais potiguares que reivindicaram o traslado dos restos mortais da ilustre conterrânea para terra que a homenageou transformando Papary no município de Nísia Floresta.

7.1.25 Lagoa de Quirambu

Localizada no Município de Monte Alegre, pertencente a região metropolitana de Natal. Quirambu foi nome de antiga fazenda, lugar que originou o município.

Cascudo (1968, p. 119), em seu Nome da Terra diz que a palavra Quirambu vem:

De quiri-imbú, o cipó aquoso, que conserva água. A data-desmaria n. 602, de João Francisco Ribeiro, primeira metade do séc. XVIII, era em Quirambu, Ribeira de Goiana, Cipó-d'água.

A Lagoa de Quirambu foi recentemente urbanizada, recebendo quiosques e um calçadão, além de outros equipamentos transformando-a em lugar de lazer e de preservação da memória e dos recursos naturais de Monte Alegre.



Figura 141 - Lagoa de Quirambu.

Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

7.1.26 Antigo Ginásio Prof. Gaspar

O antigo ginásio, hoje Escola Estadual “Prof. Gaspar”, foi o primeiro estabelecimento escolar público a oferecer o ensino médio. Um marco na educação municipal. Sua denominação é uma homenagem a um dos primeiros professores de Monte Alegre, o Prof. Gaspar Carneiro Santiago da Cunha. Segundo Azevedo (1992, p. 37):

O Prof. Gaspar Carneiro Santiago da Cunha era um pernambucano, de nascimento, que ainda jovem, freqüentou as aulas da Faculdade de Medicina do Recife, não chegando a se formar, devido a dificuldades financeiras geradas, com a morte de seu pai. Veio parar, no Rio Grande do Norte, precisamente, no sítio “Saué”, onde começou a demonstrar as suas habilidades de educador e, também, conhecimentos sobre Medicina.

Lugar de ensino, o antigo Ginásio Prof. Gaspar é testemunho vivo de várias gerações de Monte-alegrenses.



Figura 142 - Antigo Ginásio Prof. Gaspar (atual Escola Estadual Prof. Gaspar).
Foto: arquivo da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo.

8 REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500 - 1800**. Brasília: Senado Federal, 1998.

A CASA da estudante do Rio Grande do Norte. **Folha da memória**, Natal, ano VIII, n. 042, mar/abril 2003.

ARIMATÉIA, Emanuela Campos. **A Redinha e o redesenho de sua orla**. Natal: UFRN, 2001.

AZEVEDO, Aluísio. **História do Município de Monte Alegre**. Monte Alegre: CERN, 1992.

BARROS, Maria Lúcia Cavalcante Moreira de. **Estudo da vulnerabilidade e riscos de contaminação dos aquíferos de Natal - RN pelos sistemas de esgotamento sanitário e drenagem pluvial**. Natal: UFRN, 2003.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República: idéias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. Natal: EDUFRN, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Natal: RN Econômico, 1999.

_____. **Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

_____. **História da República no Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.

_____. **Movimento da Independência do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1973.

_____. **O livro das velhas figuras**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1974 (v. 1).

_____. **O livro das velhas figuras**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1976 (v. 2).

_____. **O livro das velhas figuras**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1989 (v. 6).

_____. **O livro das velhas figuras**. Natal: EDUFRN, 2002 (v. 7).

_____. **O livro das velhas figuras**. Natal: EDUFRN, 2002 (v. 8).

COSTA, Gilmar de Siqueira. Tombamento do Solar do Marcolino, **parecer**, Natal, 20 de março de 2002.

COSTA, Homero de Oliveira. **A insurreição comunista de 1935**: Natal, o primeiro ato da tragédia. Natal: Ensaio; Cooperativa Cultural universitária, 1995.

COSTA, Lucas da. **Disfarçados**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

FAGUNDES, Antônio [Gomes da Rocha]. Os **Símbolos Nacionais**: o hino, as armas, o selo e a bandeira nacional. Natal: Santa Teresinha 1964.

FEIJÓ, Paulo Heider F. Tombamento da Estação de Papary, **parecer**, Natal, s/n.

FERNANDES, Anchieta. **Écran natalense**: capítulos da história do cinema em Natal. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

FERREIRA, José de Anchieta. **Histórias que não estão na história**. Natal: RN Gráfica e Editora, 1989.

GALVÃO, Maria Luiza de Medeiros. **Geografia do Rio Grande do Norte**. Natal: Edição do autor, 2002.

GOSSON, Eduardo Antônio. **Sociedade e justiça**: história do Poder Judiciário do Rio Grande do Norte. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1998.

GUIMARÃES, João Amorim. **Natal do meu tempo**: crônica da cidade do Natal. Organização, introdução e notas de Humberto Hermenegildo de Araújo. Natal: FIERN-SESI, 1999.

GURGEL, Défilo. **Espaço e tempo do folclore potiguar**. Natal: Prefeitura do Natal / Secretaria do 4º Centenário, 1999.

_____. **Os bens aventurados**. Natal: RN Econômico, 2005.

GURGEL, Tarcísio. **Informações da literatura Potiguar**. Natal: Argos, 2001.

HIDROSERVICE - ENGENHARIA LTDA. **Plano estadual de recursos hídricos**. São Paulo: Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos, 1999, 263 p.

IDEMA - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E MEIO AMBIENTE. **Perfil do seu município**: Natal. Natal: IDEMA, 2005.

JORGE, Franklin. **Spleen de Natal**: Romance da cidade. v. 1. Natal: Amarela entretenimentos, 1996.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Natal**: biografia de uma cidade. Rio de Janeiro: Lidador, 1999.

LIMA, Pedro de. **Natal século XX**: do urbanismo ao planejamento urbano. Natal: EDUFRN, 2001.

_____. **Arquitetura no Rio Grande do Norte**: uma introdução. Natal: Cooperativa Cultural Universitária, 2002.

LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte**. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2003.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MELQUÍADES, José. Natal que vi e dentro da qual sonhei. In: SOUZA, Carlos José; ARAÚJO, Carlos Magno; VASCONCELOS, Osair (org.). **Crônicas natalenses**. Natal: EDUFRN, 1999, p. 135-139.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Aconteceu na Capitania do Rio Grande do Norte**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1997.

_____. **Terra Natalense**. Natal: Fundação José Augusto, 1991.

MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

MELO, Veríssimo de. Natal há 100 anos passados. In: EMERECIANO, João Gotahrd (org.). **Natal não há tal**: aspectos da história da cidade do Natal. Natal: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo; Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007, p. 44-54.

_____. Xarias e Canguleiros. In: SOUZA, Carlos José; ARAÚJO, Carlos Magno; VASCONCELOS, Osair (org.). **Crônicas natalenses**. Natal: EDUFRN, 1999, p. 199-201.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2000.

MOURA, Pedro Rebouças de. **Fatos da História do Rio Grande do Norte**: ensaios para os que desejam conhecer e recordar nossa história. Natal: CERN, 1986.

NATAL. Prefeitura Municipal. Secretaria Especial de Meio Ambiente e Urbanismo. **Natal 400 anos depois**. Natal: Banco do Nordeste, 1999.

_____. Prefeitura Municipal. **Circuito Histórico e Cultural de Natal**. Natal: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2003.

_____. Prefeitura Municipal. **Anuário Natal 2007**. Natal: Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, 2008.

NESI, Jeanne Fonseca Leite. **Caminhos de Natal**. Natal: Instituto Histórico do Rio Grande do Norte, 2002.

_____. **Natal Monumental**. Natal: Fundação José Augusto, 1994.

OLIVEIRA, Luziane Paolino; DANTAS, M^a da Conceição Marques. **Praça Cívica Pedro Velho: ontem e hoje**. Natal: Universidade Potiguar, 2003. Trabalho não publicado.

ONOFRE Jr. Manoel. **Guia da cidade do Natal**. Natal: EDFURN, 1998.

_____. **Guia da cidade do Natal**. Natal: EDFURN, 2002.

_____. **Literatura e província**. Natal: EDUFRN, 1997.

PEREIRA, Nilo. Evocação de Nísia Floresta e Varela Santiago. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, v. 78, p. 80-93, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

SENNA, Júlio Gomes de. **Ceará-Mirim exemplo nacional**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1974. v. 1.

SOUSA, Francisco Carlos Oliveira de. Histórico da SEMURB. In: Natal. PREFEITURA MUNICIPAL. SECRETARIA ESPECIAL DE MEIO AMBIENTE E URBANISMO. **Relatório: atividades desenvolvidas no período 2003/2004**. Natal: SEMURB, 2004.

SOUZA, Oswaldo Câmara. **Acervo do patrimônio histórico e artístico do estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1981.

TINÔCO, Lair. **Tempo de saudade**. Natal: Fundação José Augusto, 1992.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

VIANELO, Rubens Leite; ALVES, A. R. **Meteorologia básica e aplicações**. Viçosa: UFV, 1991.

VILAÇA, José et al. Geologia ambiental da área costeira de Ponta de Búzios a Barra de Maxaranguape - RN. In: ATAS DO XII SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DO NORDESTE, 10, 1986, João Pessoa. **Boletim da sociedade brasileira de Geologia - Núcleo Nordeste**. João Pessoa; [s.n.], 1986, p. 220-227.

VILAÇA, José Gilson. **Geologia ambiental costeira da região de Extremoz (RN)**. Natal: UFRN, 1985.

WANDERLEY, Rômulo. **História do Batalhão de Segurança**. Natal: Walter Pereira S. A., 1969.



PREFEITURA DO
NATAL
COMPROMISSO COM A CIDADE



SEMURB

Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo

Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - SEMURB
Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística - DIPE
Setor de Pesquisa e Estatística - SPE
R. Gal. Glicério, 246 - Ribeira - 59012-100 Natal, RN
Tel.: 3232 8717 - Fax: 3232 8737
Linha Verde: 3611 1523/3232 9177
www.natal.rn.gov.br/semurb
semurb@natal.rn.gov.br